

ARQHIVO

Relato autobiográfico
sobre aids, vida e
cascas de banana



Bernardo Dania

arqHIVO

Relato autobiográfico sobre aids, vida
e cascas de banana

Bernardo Dania

©1999 – Ministério da Saúde

Tiragem: 5.000 exemplares
Ministério da Saúde
Secretaria de Políticas de Saúde
Coordenação Nacional de DST e Aids

Esplanada dos Ministérios, bloco G, sobreloja
CEP: 70058-900 Brasília-DF Brasil

Disque Saúde/Pergunte Aids: 0800 61 1997
<http://www.aids.gov.br>

Editor:

Ermenegildo Munhoz Júnior

Revisor:

Dario Almeida Noieto

Projeto gráfico:

Lúcia Helena Saldanha

Artefinalização e capa:

Ulysses Santana

Ilustrações:

Jaqueline Campos Vieira

Ficha catalográfica

Arquivo: relato autobiográfico sobre aids, vida e cascas de banana/
Bernardo Dania. _ Brasília: Ministério da Saúde, Coordenação
Nacional de DST e Aids, 1999.

148 p.

ISBN 85-334-0219-8

1. Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. 2. Biografia – Aids.
Dania, Bernardo. I. Brasil. Ministério da Saúde

Sumário

Apresentação	
Introdução e dedicatória	7
Como tudo começou	11
Meu primeiro amor	17
Tudo é relativo	25
Mamãe, sou gay!	38
Mais novidades	44
Me movimentando - ou - As pessoas me movimentando	55
As internações	60
Voltando para casa em definitivo	78
As pessoas se movimentando	86
Vida que segue	100
O primeiro ano do resto de minha vida...	107
<i>Back to work</i>	118
Meu primeiro amor pós-HIV	124
Deus é pai – ou – A química e suas maravilhas – ou – O poder do pensamento positivo – ou ainda – Vocês não vão acreditar!	138
Início feliz (já que final não é uma das palavras que mais gosto)	144
Considerações finais (Upps! Aqui não tinha como escapar)	146

Apresentação

ARQHIVO não é apenas um relato autobiográfico. Autobiografias existem muitas, algumas de excelente qualidade literária, valor pessoal e interesse documental. Entretanto, uma característica imprescindível à autobiografia reside na vitalidade da sua história, e na densidade do ambiente social que envolve o seu autor, agora revelado pela força de expressão da sua palavra.

Bernardo Dania Guiné não quis apenas contar a sua história, a história de um jovem que descobre a sua sexualidade e todos os desafios que supõe a busca da felicidade. Quis contá-la a outros jovens como ele, com o objetivo de despertar-lhes a consciência do sexo em tempos de aids, dos seus riscos e conseqüências, e de como enfrentá-las com valor e dignidade, protegendo a sua integridade e defendendo os seus direitos: direito à informação e educação para a prevenção, direito a uma adequada assistência à saúde, direito à solidariedade para com os soropositivos e doentes de aids. Direito à vida.

É indiscutível a importância deste depoimento na instrumentação de projetos de prevenção, na mobilização de grupos de jovens interessados na discussão de atitudes e comportamentos, adoção de práticas seguras, adesão ao tratamento anti-retroviral, e tantas outras questões essenciais ao convívio com o vírus e a epidemia.

Certamente, o leitor não resistirá à empatia de um texto agradável e fluente, à personalidade do seu autor/personagem e à sua honestidade e coragem de expor as próprias idéias e primeiras experiências sexuais, conflitos, decepções e realizações. Estamos diante da odisséia de um adolescente brasileiro que se descobre infectado pelo HIV, adoece, resiste e se recupera, e aprende a viver na condição de homossexual e portador do vírus da aids.

Pedro Chequer

Coordenador

Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente
Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde

INTRODUÇÃO E DEDICATÓRIA

Desde pequeno sou visto como uma pessoa fechada, tímida mesmo. Nunca fui de muitos amigos e cheguei a visitar alguns psicólogos para descobrir o motivo de tal retraimento. Sempre fui muito auto-crítico, o que não é bom. Acabei me privando de muita coisa boa da minha infância em nome de ser um bom filho, um bom aluno, o senhor certinho, limpinho e engomado, enquanto meu irmão menor, Tiago, aparecia ralado das brincadeiras de rua.

Isto só mudou um pouco depois do início da minha adolescência, com a descoberta da sexualidade e com todas as barreiras que tive que superar para ingressar na vida adulta. Nessa fase bastante conturbada é que pude parar e perceber que precisava me dar mais fôlego, tomar mais ar na cara, me expor um pouco mais.

Quando meus pais se separaram pela primeira vez, eu devia ter menos de 5 anos, e à medida que fui crescendo, seguiram-se infrutíferas tentativas de reconciliação entre eles, o que, segundo alguns psicólogos, pode ter sido o fator desencadeador de minha dificuldade de expressar afeto.

Convivi muito pouco com meu pai e ele sempre se mostrou muito instável e ausente, além de autoritário e agressivo. Já passei maus bocados com ele e por causa dele e por isso, hoje não temos contato algum. É alguém com quem não quero me comunicar, e de quem só tenho notícias através de meu irmão mais velho. Eles moram juntos.

Minha mãe, em uma de suas várias tentativas de entender e dar razões para minha homossexualidade, chegou a culpá-lo:

PAI AUSENTE + MÃE COMPETENTE = FILHO GAY.

Algum terapeuta menos esclarecido passou esta equação e ela acreditou. Eu não. Tanta razão mais poética para ser gay, e ela me arruma logo um lugar comum?

Não gosto da idéia de ser algo por causa de alguma coisa que meu pai tenha feito ou deixado de fazer. Meu ressentimento com ele ainda é grande, apesar de eu não estar remoendo mágoas ou sequer pensar nisto com frequência.

Chego a me espantar com o quanto não penso nele. Sou capaz de relatar minha infância sem citar seu nome. Posso contar detalhes do momento em que fui gerado: “e o Espírito Santo desceu à Terra em forma de sêmen e...” Piada. Ao menos era para ser.

A gota d’água em nossa já turbulenta relação foi sua atitude ao me saber gay.

Não fui eu que lhe contei, uma vez que já podia antever sua inabilidade para lidar com a informação. Foi minha mãe que, em um impulso, lhe deu a “boa-nova”, apesar de eu ter pedido segredo. Ela disse não ter conseguido ver meu pai e lhe pedir desculpas por ele tê-la advertido pela vida toda sobre as possibilidades de ela estar criando um gay dentro de casa, com todos os mimos que oferecia.

Quando meu pai me viu quase graduado, trabalhando de terno e gravata e fazendo mais dinheiro que o resto da família, achou que podia se acalmar, que aquilo era a prova maior de que eu era “reto”. Decidiu então chamar minha mãe, com cara de “você estava certa”, dizendo que eu me tornara seu maior orgulho: independente e engratado! Que mais ele poderia querer?

Foi aí que minha mãe não agüentou e teve o ímpeto de lhe participar toda a verdade. “A verdade vos libertará”, como ela adora dizer. “Não... sabe o quê? Você é que estava certo. Ele é gay mesmo.”

Assim que soube de mim meu pai não se abateu, dizendo-se chateado com o fato mas forçado a respeitar minha posição. Ele não poderia alterar sua visão sobre o que acabara de chamar de “maior orgulho de um pai” Só o que lhe restava era aceitar resignado. Ele estava em meio ao que veio a ser a última tentativa de aproximação de minha mãe e não poderia dar-se ao luxo de perder um aliado forte. Sabia que não podia levantar muita poeira.

Ele pode ser de tudo um pouco, mas tolo ele ainda não se mostrou. Nós nos parecemos muito, apesar de tudo.

Logo que deu por fracassada sua última investida para reconciliação com mamã e devido também a suas roti-

neiras bebedeiras, ele começou a me “alugar”, chegando mesmo a me ameaçar de espancamento.

A cena final desta novela se deu numa sala de tribunal, com um processo que abri contra ele por lesões corporais após levar um chute durante uma discussão. Foi condenado a prestar serviços à comunidade por 2 anos em um hospital e não pôde mais estabelecer contato comigo, sob pena de ter o processo reaberto.

Não confere com os autos, mas foi isto o que a juíza disse ao dar o caso por encerrado: “Reze para que ele não caia de escadas, não entre em brigas de rua e não se machuque sem que saibamos a causa real do ferimento. Caso suspeitemos que você ainda está atormentando este rapaz, nós teremos problemas”.

Desejo sinceramente não mais encontrá-lo. Quero que ele siga sua vida e me deixe seguir a minha da maneira que melhor me convier. Bêbados ou abstêmios, com nossos namorados e namoradas. Ele lá e eu cá.

Vou tentar dar um caráter descontraído aos fatos que me proponho a relatar. Espero não chocar ou ser mal compreendido, pois isto apenas me ajuda a digerir melhor certas informações bizarras.

Por tudo isto e por muito mais – me lembro de uma tarde em que passamos no clube. Eu estava me afogando ao brincar com uma bóia na piscina, e ele estava lá para me tirar da água. Dedico este livro a ele, que me levou a parar e pensar na vida e nas suas inúmeras possibilidades. Foi ele que me ensinou a ser compulsivo por livros, também.

E logo abaixo, como não poderia deixar de ser, a lista do segundo lugar no podium de dedicatórias deste livro.

A Deus e a todas as pessoas maravilhosas que Ele colocou em meu caminho:

Minha tia Adélia e tios, por tudo; mãe e irmãos por serem como são; Robson, Rodrigo, Mark e William por me fazerem rir, Jade (ilustradora) por ver além das letras; a toda a equipe médica de Brasília e BH, em especial à tia da farmácia do posto (Elizabeth) que vai ser madrinha de meu casamento; à equipe da

Coordenação Nacional de DST e Aids; Pedro por acreditar no sonho; Gil por organizá-lo; Lúcia e Ulysses por dar-lhe forma; e a todos os outros que, de uma maneira ou de outra, fazem parte desta obra; o que inclui o Vitor (Toxo), a bater palmas nos bastidores.

Bernardo Dania



COMO TUDO COMEÇOU

“Hoje eu vou contar uma estória / Uma estória engraçadinha / Da tartaruginha / Houve uma festa lá no céu / Mas o céu era distante / E a tartaruginha subiu na orelha do elefante.”



Estou mais propenso a acreditar em fatores genéticos e espirituais como causa da homossexualidade do que em distúrbios emocionais e transferências de papéis, o que me leva a optar pelo termo homossexualidade (estado do homossexual) e não por homossexualismo (patologia).

Seja lá que raios me levou a ser gay, comecei a me dar conta de que algo diferente se passava comigo, na mesma época em que meu irmão mais novo, Tiago, começou a sentir atração por garotas. Percebi que na mesma frequência com que ele me chamava para ver nossas primas tomando banho pelo buraco da fechadura, eu ia ao vestiário masculino do clube para ver os homens transitando nus.

Isto ocorria de uma forma tão natural e gradual que não me preocupei a princípio com o fato, mesmo porque era muito novo para entender o que começava a se desenrolar. Já sabia que não era o procedimento padrão, que eu estava fora do ISO 9000, mas também não achava que pudesse passar da curiosidade levada ao extremo.

Com o passar do tempo e a intensificação de minha curiosidade, comecei a me questionar sobre o que estaria saindo errado. Sabia que qualquer manifestação naquele sentido não seria vista com bons olhos, e preferi guardar esse segredo; sabia que existiam gays e machos, e que os gays não eram bem-vindos senão como assunto de piada e programas humorísticos. Isto me bastava para permanecer em silêncio quanto às minhas dúvidas.

As incertezas iam crescendo, e as fontes de informação confiáveis eram meus colegas do curso primário que sabiam tão pouco ou menos que eu em relação a desejo e sexualidade.

Qual não foi minha alegria ao saber que teríamos uma aula de educação sexual na qual poderíamos solucionar nossas dúvidas com uma professora de outra escola.

Não ousei me aprofundar na temática que a professora apresentava como “desvios de comportamento”. Ela tinha sido bastante clara quanto ao tema e não me restavam dúvidas: eu era “errado”. Pior: havia um erro no erro.

Meu pensamento se dava dessa forma:

1. Se uma pessoa é gay ela é “errada” por gostar de se vestir de mulher e de transar com homens, quando deveria ter atração por mulheres.
2. Ainda caprichei, “errando” mais que os gays comuns, pois queria tocar homens e vê-los pelados, mas não chegava a querer me vestir de mulher.

Estava “errando” na maneira com que eu era “errado”. Era lógico.

Caso você nunca tenha passado por nada parecido, deve estar achando tudo muito irreal, fantasioso. Soa contraditório mesmo. Ainda mais nos dias de hoje, em que todos sabem de tudo muito cedo. Mas esta era a minha realidade, a realidade a que um jovem era submetido: ignorância. Mesmo nos dias de hoje, ainda é a realidade de muitos, apesar de bombardeados por informações das mais variadas, vindas de todos os lados. Ignorância, eis a palavra.

A minha idéia de homossexualidade era a passada pela mídia, e tudo o que eu sabia era que não queria ser *Vera Verão**.

Nada pessoal. Gosto do personagem e do ator, mas só eles me foram apresentados como representantes de uma classe que, na realidade, é muito mais abrangente e rica de caracteres. Eu só precisava saber que é possível ser gay e não ser efeminado, que podia gostar do visual físico masculino sem para isso ter que me fazer de mulher para (não) ser aceito.

* Personagem do programa humorístico de TV “A Praça é Nossa”, interpretado pelo ator Jorge Lafond.

Culpa da minha mãe, que me apresentou aquele livrinho que falava de sementinhas e de ovinhos esperando para brotar um bebê. E que não me disse que havia outro volume em que se contava como depositar essas sementinhas em outro lugar menos fértil - mesmo porque não há tal livro. Vou ter que escrever algo voltado para crianças. Não me deixe esquecer - Culpa da tal professora que não me deu chance de lhe colocar essa questão; e do meu vizinho gay, que não saiu de mãos dadas com o namorado na minha frente para que eu visse que existia vida inteligente além das fronteiras do *Haroldo* do Chico Anysio. Mas aí já caracteriza ativismo gay, e eu não quero levantar bandeiras. Escrever este livro já é “dar bandeira” demais, e é o melhor que posso fazer para que nossos filhos, digo, seus filhos, saibam ao menos um pouco mais do que eu sabia quando pequeno.

Essa foi a minha primeira grande crise. Perguntas se acumulavam e meus hormônios saltitavam diante de um par de pernas peludas ou de um peito masculino descoberto.

Me tornei freqüentador assíduo do vestiário da Associação Atlética, de que minha família era sócia. Pequeno e marginalizado. Meu primeiro “guetinho” me era doce como açúcar, e me punha medo. Mal imaginava os guetões fantásticos que ainda iria conhecer. Marginalizado aos 10 anos de idade. Me sinto meio “Christiane F., drogada e prostituída”. Mas aí, saio do ativismo e parto para o plágio. Voltemos ao inédito.

Sempre muito matemático, lógico ao extremo, fui tropegamente administrando anos de incertezas, descobrindo com a adolescência o meu corpo e os prazeres da masturbação. Ela me ajudou a criar um mundo gay perfeito, livre de conceitos alheios, onde eu podia ser o que quisesse. E fui.

E os hormônios lá, saltitando. Sempre os hormônios!

Tudo isso deu-se em meio a paixões infantis, tanto por amiguinhas quanto por amiguinhos. As amiguinhas

eu cortejava com presentes, os amiguinhos me acompanhavam em pensamento na hora do banho (mais exatamente, instantes antes do banho).

O próximo passo seria a relação sexual efetiva. Sabia que não teria como escapar, mas segurei até não mais poder. Tinha muito medo.

Se meu primeiro beijo em uma menina tinha sido premeditado por um mês, imaginem quanto tempo não tomaria até encarar uma primeira relação sexual.

Foi em um final de semana ensolarado. Havia acabado de acordar e já estava “aceso”. É impressionante a frequência com que um jovem pensa em sexo. Naquele dia, eu já havia acordado maquinando meios de consumir meus desejos.

Deixei de lado o medo e a insegurança, já sem unhas para roer, ao perceber que aquilo já estava me fazendo mal. Aquela vontade reprimida me sufocava, literalmente. Não me deixava outra escolha.

Havia tempos eu me decidira por encarar meus medos de frente. Meu medo de escuro, por exemplo, eu curei me colocando no meio de uma sala com a lâmpada apagada. Não deveria ser diferente com o sexo. Fosse isso um bichode-sete-cabeças, não seria tão comentado por todos, e, caso não gostasse, eu ainda poderia ser padre - como já havia cogitado - ou ainda poderia, em desespero, analisar as chances reais de me casar com uma mulher.

Eu não podia mais lidar era com a dúvida. Ela doía mais que as chances de me machucar fisicamente, durante o ato sexual.

Nada importava. Do jeito que estava, não dava para continuar, e eu já tinha me decidido. Bastava achar a vítima.

Minhas lembranças de brincadeiras escondidas com amigos de ginásio me deixaram mais confiante. Eu havia sabido lidar com aquelas então novidades; e antes de

acontecerem, elas também me pareciam barreiras intransponíveis.

Ainda estava me espreguiçando na janela do apartamento quando, para meu espanto, alguém lá embaixo pareceu parar para me observar.

Eu já acreditava em força do pensamento positivo, mas aquilo era demais.

Ficamos nos olhando durante longos minutos, e eu ainda não acreditava que aquilo estivesse realmente acontecendo.

A pessoa não era exatamente o que eu chamaria de “alguém interessante”, mas eu tinha me prometido que daquele dia minha virgindade não passaria. Pegar ou largar - pensei. Peguei.

Ele fez sinal para que eu descesse. Trêmulo, tomei o elevador e o encontrei no meio da rua.

Era uma figura muito simples, humilde mesmo. Acho que trabalhava na borracharia que fica bem em frente ao prédio em que moro. Marcamos de nos encontrar no mesmo local à noite, quando ninguém mais pudesse suspeitar de nada.

Como já nesta época eu tinha liberdade em casa, não me foi difícil criar um amigo com quem estudar para poder desaparecer por algumas horas. O encontro durou menos que isto. Mal nos cumprimentamos e eu já queria tocá-lo. Ele riu. Fomos para a escada de um prédio pequeno perto de onde moro, e lá, no meio da noite, sem ninguém por testemunha, tive minha primeira relação sexual. Péssima, por sinal.

Como de lá eu não pretendia levar nada que não experiência, valeu a pena. Segurei a barra até chegar de volta a casa, quando tomei banho e fui pensar no que tinha acabado de fazer. Realmente não era tão difícil. Teria valido a pena? E a dor? E a pessoa?

Cheguei a encontrá-lo mais duas vezes, mas me cansou o fato de ele não se deixar tocar mais que o neces -

sário. Eu queria mais, e sabia que podia ter. Preferi esperar por uma oportunidade melhor, uma pessoa melhor, um lugar melhor. Assim o fiz.

*I feel fine / I feel good / I'm feeling like I
never should / Whenever I get this way / I just don't
know what to say...**

* “Me sinto bem / Estou legal / Me sinto como nunca deveria ter me sentido / Sempre que me sinto assim / Eu simplesmente não sei o que dizer...”



MEU PRIMEIRO AMOR

Comecei a ir a praças durante as tardes, após as aulas. Sempre levava um livro ou matéria da escola. Gostava muito de escrever cartas para a Regina - melhor amiga que deixei em São Paulo quando me mudei para Belo Horizonte - e também de escrever poesias; mas o mais importante era ver e ser visto.

Desde que me mudei para Belo Horizonte, a Praça da Liberdade exerce um certo fascínio sobre mim. Lembro-me do cheiro de dama-da-noite que tomava conta do lugar na primeira vez que fui lá, do chafariz colorido, do coreto e das pessoas que faziam *cooper* em volta da praça.

Ao cair da tarde, sempre tem gente dando voltas em torno da praça. Pernas de fora. Belas pernas e rostos da zona sul de Belo Horizonte.

Havia, também, a Praça da Assembléia, bem em frente ao Banco Central. Sempre que ia à biblioteca do banco, eu aproveitava a viagem e parava um pouco neste local.

Numa destas vezes, passando por uma padaria que fica na esquina da praça, vi alguém que muito me interessou. Ele estava usando o telefone público.

Olhei bastante. Gostei. Andei um pouco para não levantar suspeitas. Voltei ao orelhão, e ele ainda estava lá. Pareceu me notar, mas eu preferi voltar ao centro da praça. Meu medo de ser desmascarado ainda era enorme. Todas as vezes que eu encontrava alguém que me interessasse, meu coração disparava e a adrenalina ia a mil.

Depois de muito vai-e-vem da praça à padaria, me sentei em um dos bancos que ali estavam, e o vi se aproximar.

Começamos a conversar despreziosamente, e um mundo mágico parecia se abrir para mim a cada palavra trocada.

Alguém com quem conversar! Era bom demais para ser verdade. Alguém que falava a mesma língua que

eu, apesar dos anos a mais que tinha. Devia ter uns 26, enquanto eu não passava de 15.

Foi um prazer indescritível poder me abrir com o Marcelo - ou seja lá qual for o seu nome -, escutar seus elogios à minha beleza, ouvi-lo me chamar de patolinha com seu sotaque mineiro típico.

Apesar de hoje não me achar patola e de, naquela época, nem saber o que isto significava, eu adorei a maneira com que ele me adjetivou carinhosamente.

Ele me convidou para conhecer sua casa, e eu aceitei. Já havia esquecido a biblioteca e os livros que tinha que ler.

Rodamos muito antes de chegar à casa dele. Um bairro por mim até então desconhecido. Sentia medo e excitação se misturarem dentro de mim, e era bom.

Chegando lá, nós fizemos amor. Senti seu corpo pesando sobre o meu com mais intensidade que qualquer outro que viria a experimentar.

Ao lhe tocar, eu recebia vida, uma vida que despontava em meio a dúvidas e anseios infantis que então povoavam minha cabecinha imatura. Ele era a luz que se acendia no fim do túnel. Ali eu tive certeza de que não precisaria ser uma *drag-queen* para ser gay. Vislumbrei, pela primeira vez, o escondido mundo dos gays discretos, diferente da realidade gay mostrada na televisão.

Eu não era o único a querer tocar e ser tocado por alguém do mesmo sexo, sem precisar me maquiar e afinar a voz. Aleluia! Louvado fosse Eros e sua faceta gay-máscula. Abaixo com a carência e a falta de comunicação. Até conversar eu podia! Não era só sexo! Era alguém que me via e me entendia, alguém que carinhosamente me aconselhou a não contar meu “segredo” para ninguém.

- Ninguém precisa saber. Não é da conta deles - dizia. Eu concordava, ainda embevecido pela beleza e sensualidade do momento, pela novidade, pelo mais casto dos impuros desejos que já tive.

Minha pureza me fez ver nele a materialização de minhas orações. Àquele a quem eu rogava um sinal, uma prova de existência. Era a glória!

Fizemos amor, repito, não apenas sexo. Amor puro, infantil, casto (contraditório dizer isto, mas é possível), ingênuo, livre, alegre, revitalizante e tudo mais. Nem usamos camisinha, apesar de ele dizer que aquilo não deveria ser feito, que eu teria que me cuidar. Nada mais importava. Eu iria me entregar para sempre a ele, não iria? Deve ter sido isso que pensei, para não ter que parar e ir comprar camisinhas. Se é que eu pensei em algo antes de me deixar levar.

Ele me deixou em casa logo depois, marcando de me encontrar na sexta-feira seguinte, quando poderíamos ir ao *shopping*, ao cinema, tomar sorvete. Eu não queria mais nada da vida. Tinha meus 15 anos e meus sonhos intactos, minha alma limpa, meus hormônios pulsando e meu coração pulsando mais forte ainda.

A sexta-feira estava tão longe e eu sequer tinha seu telefone, mas mesmo assim o aguardei. A semana demorou a passar, cheia de flores e encantos de uma primavera que se fazia em pleno inverno, só para mim. O mundo sorria, apesar da sexta-feira não chegar.

A sexta-feira finalmente chegou. Ele é que não. Nem na sexta, nem no sábado, nem no domingo.

Algo sério devia ter acontecido com ele. O que seria? Meu Deus, que falta fazia um número de telefone! Dias e mais dias de angústia se seguiram. Eu relia a poesia apaixonada que tinha escrito na espera da sexta-feira. Chorei muito ao ouvir a música tema do filme “3 Formas de Amar” (THREESOME), que retrata o relacionamento afetivo de um hetero interessado em uma hetero que quer ficar com um carinha gay que, por sua vez, está interessado no rapaz heterossexual. Tocante. Acho que o nome da música é *I'll take you there**

Eu nem entendia o que a música dizia, mas ao som dela chorei a perda de algo que nunca foi meu, a perda

*«Eu te levo lá»

de alguém que me “levou lá”, me deixou “pra cima”, aonde sempre desejei estar, mas não voltou para me apanhar.

Bastava ouvir a música para sentir o estômago embrulhar, a garganta estreitar. Nunca mais senti isso.

Minha mãe não entendeu nada. Ou melhor, até entendeu, mas às avessas. Para ela, eu chorava a perda da moça mais velha que tinha me iniciado. “Gi”, era seu codinome.

Eu já tinha uma enorme vontade de compartilhar tudo com os meus, mas ainda não ousava. Camuflei nomes, tentando inseri-lo ao máximo em meu mundo, mas era difícil.

Ainda nessa época, lançaram aquela música que diz: “Aonde você mora? / Aonde está você? / Eu tive que ir embora / Mesmo querendo ficar / Aonde foi? / Eu tive que ir embora, agora eu quero você de volta pra mim./ Amor igual ao seu / Eu nunca mais terei / Amor que eu nunca vi igual / Que eu nunca mais terei / Amor que não se mede / Amor que não se perde / Que não se repete”

Parecia que a banda profetizava minha história.

Faltei desidratar, até tomar a decisão de encontrar a casa aonde ele tinha me levado.

Tudo o que eu sabia era a direção em relação à Praça da Assembléia, e como a casa se parecia pela entrada. Mais nada. Foi o suficiente para mapear uma região de mais de dois quilômetros e começar a percorrê-la, rua a rua, atrás da fachada que eu guardava na memória.

Mobilizei minha fiel escudeira Suzete - amiga inseparável do 2º grau - na busca da casa da Gi.

Perdemos dois dias e duas tardes nesta caçada. Rua por rua, ouvindo a Suzete fazer piada da situação que, convenhamos, não fosse trágica, seria hilária. Ela dizia querer encontrar alguém que percorresse um bairro inteiro, casa por casa, mapeando as ladeiras de Belo Horizonte, verificando-as palmo a palmo sob um sol de rachar, apenas para reencontrá-la. Sem medo de errar, eu era o sonho de consumo de qualquer ser viven-

te que desejasse ser verdadeiramente amado. Poderia morrer, em nome de mais uma tarde com o Marcelo. Daria tudo para entender o que havia acontecido. Teria sofrido um acidente? Só essa explicação me era possível, mas eu ainda precisava achar a tal casa.

E quando a encontrasse, o que faria? Não poderia bater, pois alguém da família atenderia e eu teria que dar explicações comprometedoras. Por mais que estivesse morto, eu não queria que nosso segredo fosse profanado. Queria poder chorar minha saudade escondido, no mundo paralelo da solidão e anonimato gay, aquele mundo a que tinha sido apresentado dias antes.

No terceiro dia, já sozinho (até a Suzete tinha se cansado da ronda improdutiva dos dias anteriores), encontrei a casa. Foi melhor que ela não estivesse lá. Fui ao bar da esquina, pedi uma lista telefônica de endereços e liguei. Rua Ester de Souza.

“Por favor o Marcelo se encontra? Como, não tem Marcelo aí? Sei... na sua casa só moram você e seu irmão e ele não se chama Marcelo. Ok.”

Eu tinha certeza de que a casa era aquela. Havia uma construção logo atrás, cheia de pedreiros. Eles nos levaram a fechar as cortinas do quarto onde transamos.

Voltei para casa com um grande nada em minha mente. Se alguém me parasse perguntando as horas, não entenderia o que aquele autômato fazia, seguindo sempre em frente.

Aquelas duas músicas nunca mais me fizeram chorar, mas ainda hoje, quando as escuto, fico pensativo.

O Marcelo não tem idéia do que teve nas mãos. A vida dele teria valido a pena, se ele apenas não tivesse se negado a dar asas a si mesmo. Ele preferiu continuar encenando heterossexualidade (se me permite, heterossexualismo. Este sim, patológico! Viu como soa mal?) para a sociedade que tanto o reprimia e amedrontava. Hoje, deve

estar casado. Terá filhos. Seguirá com seus encontros casuais com garotos perdidos em praças, meninos para os quais dirá um nome falso e de quem, Deus permita, não roubará os sonhos.

Não o quero ter como alguém que estragou tudo, e jogou meus sonhos de felicidade conjugal no lixo. Vejo-o mais como vítima do sistema do que como um cachorro, simplesmente. Só o culpo por não ter sido ele mesmo, o suficiente para se impor e fazer valer suas vontades; por ter se dobrado diante da sociedade, em nome do respeito de seus amigos hetero-direcionados que freqüentam saunas gay, de seu chefe casado que tem caso com a vizinha e de sua sacrossanta mãe que buliu e foi bulida pela madre superiora do colégio de freiras que freqüentou.

Culpo-o por isso, e por ter me feito tomar banho, me perfumar, vestir todas as roupas do armário para ver qual melhor me caía, e depois disto tudo não aparecer nem para explicar que era um fraco.

Teria doído menos, com certeza.

Ironias do destino a parte, eu sabia, e não apenas suspeitava, que um dia, o Marcelo apareceria na porta do meu prédio dando alguma desculpa, tentando se reaproximar. Isso realmente aconteceu, seis meses depois.

Ele contou que tinha ido trabalhar no Rio de Janeiro, e lá tinha passado os últimos meses. Disse que não tinha parado de pensar em mim.

Ouvi tudo aquilo e já estava preparado para toda aquela cena. Eu havia repassado em minha cabeça várias vezes o que diria depois de suas explicações “furadas”. Precisava me mostrar forte. Precisava lhe contar que não o culpava, que o achava um cara legal e fraco, e que ele não me serviria para namorado. Precisava me mostrar compreensivo; inteiro e maduro, como ele não havia conseguido ser, mas me deixei levar a sua casa novamente. Dessa vez, eu buscava apenas sexo. Havia aprendido a lidar com isso.

Acho que esta facilidade de racionalizar as coisas é o que se chama ser “frio”: saber separar as necessidades fisiológicas de fantasias e sonhos. É duro, mas é real.

Fomos para sua casa. Minha cabeça estava confusa, e eu tentava não deixar transparecer minha confusão. Fechamos as cortinas por mais uma vez, deixando os pedreiros do lado de fora. Nos despimos e começamos.

Pecado mortal! Eu não havia ouvido seus conselhos de não transar sem camisinha. Ele percebeu meu descuido; deve ter imaginado todas as situações de risco por que eu já podia ter passado desde nosso último encontro. Preferiu não seguir em frente.

O motivo da rejeição não chegou a ser verbalizado, mas nem precisava. Eu o entendia nas entrelinhas.

Fiz doutorado em psicologia gay aplicada nos meses que antecederam nosso reencontro. Autodidaticamente, aprendi a maneira de pensar do Marcelo. Cada gesto seu me dizia mais do que queria que dissesse. Eu tinha o domínio da situação e isto me era confortável. Estava mais confortável do que quando me prostrei de quatro, chorando sua ausência, a perda da alma gêmea.

Ele me levou em casa e eu achei graça quando ele disse que passaria qualquer dia para que fôssemos ao cinema.

Me entristece conhecer gente que não consegue ser o que quer ser por se ver na obrigação de se mostrar uma “pessoa de bem” para o resto do mundo. Conheço pessoas que começaram a viver sua sexualidade depois dos 30 anos de idade e que se vêm com uma lacuna na história da vida, outros que apenas depois dos 40 se abriram, e ainda os que se perderam em personagens que montaram para os amigos e parentes e já nem sabem quem são realmente. Ainda prefiro estes aos que nunca se abrirão e bradam aos quatro ventos sua homofobia, inseguros que estão de suas próprias relações com o sexo / sexualidade. Enfim... tempo ao tempo.

*“Meu primeiro amor / foi como uma flor / que
desabrochou / e logo morreu”*

(... mas que valeu a pena valeu...)

E para não dizer que a piada não foi completa, muito tempo depois, quando já maduro e com amigos gays, acabei encontrando esse cara mais uma vez. Eu estava no *shopping* com meu chefe do hotel e ele se aproximou para cumprimentá-lo. Eu o reconheci logo de cara, mas ele só percebeu quem eu era quando eu disse oi.

Imagine minha cara para meu chefe e a do meu chefe para mim quando nos afastamos dele. “De onde você conhece ele?”. Eram amigos de longa data; mais tarde, meu chefe veio a saber que ele tinha se afastado de mim por “ter percebido que eu estava me afeiçoando”.

Fala por si só, não é?

IV

TUDO É RELATIVO

Como todas as outras coisas da vida, o fato de eu ser muito novo tem seu lado positivo e negativo. Parece que juventude e imaturidade andam juntas; ou ao menos, meus namorados de até aqui têm esta idéia como certa. Começo a pensar que todo gay de menos de vinte anos está tentando dar o golpe do baú.

Por algumas vezes, notei atitudes em meus namorados que mostravam bem essa idéia fixa de que eu estivesse com eles por interesse financeiro. E é bom lembrar que ainda não me relacionei com banqueiros, a menos que não tenha sabido.

Em uma dessas passagens, saindo do *shopping* depois de um lanche, o meu namorado de então virou para mim e me perguntou, sem mais nem menos, como quem pergunta se você está com sede: “Você ainda estaria comigo se eu não tivesse este carro?” Brinquei, dizendo que me reservava o direito de não responder perguntas óbvias, tentando não piorar o clima.

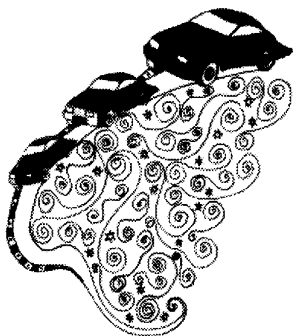
O tempo fechou dentro de mim. Me senti o “cocô do cavalo do bandido”. Só não me senti pior porque o vi como a mosca que pairava sobre mim. Não fiquei chateado apenas por ter ouvido aquilo, mas por estar mais uma vez gostando de alguém que sequer me conhecia.

Eu achava que amava aquele cara, mas vi tudo desabar após aquela pergunta.

No dia seguinte a esse incidente, entreguei a ele uma poesia sobre carros, pessoas, interesse, juventude e corações partidos.

Marcas de carro. Elas importavam e eu não sabia. Mais um dado sobre o mundo que eu ainda desvendava. Decepções: uma constante.

É o preço dessa brincadeira. Quem se atreve a entrar em “rolacionamentos” (leia-se relacionamentos hetero, homo, sadios, doentios, neuróticos...) tem que saber que corre o risco de ser mal entendido. Corre-se o risco, maior ainda, de interpretar mal o que o outro é ou faz. Tudo é tão relativo.



Hoje, penso que a decepção e expectativas andam juntas. Não existe decepção se você não tem expectativas, é bastante óbvio. Daí concluímos que as pessoas não nos podem decepcionar se não criarmos expectativas sobre elas e suas atitudes. Isto me fez aprender a não culpar as pessoas por não serem o que eu queria que fossem. Tento mais e mais vê-las como algo que elas podem ser, dou-lhes papéis em minha vida que possam desempenhar com êxito. Talvez por isso, ainda não tenha encontrado meu “príncipe encantado”; talvez por isso, as pessoas venham cada vez mais superando minhas expectativas, do que me decepcionando. Tem seu lado bom e ruim. Tudo é tão relativo.

Até mesmo o fato de eu estar colocando aqui minha idéia de que tudo é relativo, é relativo. Não quer dizer que eu aplique essa máxima na minha vida o tempo todo. Basta que apareça uma pessoa com cara de um pouquinho mais preparada, para que eu volte ao círculo vicioso do “eu quero / que pena que você não tem”; da “expectativa / decepção”. Loucura? Insanidade? Não. Matemática.

Desde essa passagem na garagem do *shopping* que eu brocho ao ouvir sobre posses e poder. Não que eu queira uma casinha de sapé, mas antes lá que dentro de um castelo de cristal ouvindo besteiras de um sapo que nem beijando muito vira príncipe.

Sempre preferi pessoas mais velhas - mesmo porque não precisa muito para ser mais velho que eu - mas tive duas incursões no mundo dos relacionamentos infanto juvenis.

Eu já tinha 17 anos, e ele estava com 16. Conheci o Júnior em uma viagem a São Paulo, em uma de minhas férias escolares. Foi durante a Copa do Mundo de 94, me lembro bem.

Eu estava hospedado na casa da Regina, aquela amiga para quem eu escrevia as cartas, e lá assistimos aos jogos da Seleção. Ele adorava a propaganda dos bichinhos da *Parmalat*.

Toda vez que o namorado da Regina entrava na sala, ele soltava a minha mão embaixo da coberta. Que coi-

sa curiosa! O namorado dela sabia de nós dois, via a gente junto o tempo todo, mas meu amigo não conseguia me tocar se o outro estivesse por perto.

Acho que eu é que sou soltinho demais mesmo. Este tipo de reação é que deve ser normal.

Foi a primeira vez que me senti mais experiente que alguém em matéria de sexo. Foi legal. Novo.

A outra experiência com pessoas da mesma faixa etária se deu aqui em Belo Horizonte. Eu estava em uma boate - a primeira que conheci - e um carinha de 18 se aproximou da mesa em que eu estava. Ele conhecia um de meus amigos e queria cumprimentá-lo, nada mais normal. Ele era lindo, másculo, dentição perfeita, olhar suave e expressão forte, sorriso aberto. De repente, sem mais nem porquê virou e me disse que me achava muito bonito.

Não quis acreditar.

Pensei em perguntar se ele havia se olhado no espelho antes de sair de casa; achava que ele devia ter uma noção melhor de beleza. Bonito? Eu? E ele?

Apenas agradei o elogio. Ele me parecia tão intocável, tão impossível de ser conquistado por alguém como eu, que tive, pela primeira vez, a sensação de que não poderia ter alguém que eu desejasse. Até ali tinha sido bem fácil. Eu queria, eu pegava. Choquei-me com a constatação de que nem sempre é assim.

A noite se passou animada, todos bebiam e conversavam. Resolvemos continuá-la na casa de um dos carinhos da mesa. A mãe do anfitrião tinha viajado.

Fui para lá sem poder imaginar o que estava por acontecer. Chegamos e os casais foram cada um para um quarto, enquanto nós fomos para a cozinha preparar um lanche. Poderia jurar que seria apenas um lanche, mas... fiz uma refeição.

Enquanto eu punha uma fatia de queijo entre os pães de forma ele me abraçou. Começamos a nos beijar e esquecemos o pão e o queijo sobre a mesa quando fomos

para o último quarto livre. O pão amanheceu seco no mesmo lugar que o deixei.

Fui para a aula de sábado na faculdade com um sorriso diferente. Todos repararam.

Um outro relacionamento - este bem mais “ro” do que “re”lacionamento - meu com uma pessoa da mesma idade, não envolveu sexo. Foi a Regina. Eu a conheci na 1ª série do 2º grau, e desde então somos muito unidos. Daí ela ser um grande referencial em minha vida. Um marco mesmo. Posso dizer que minha vida se resume em antes e depois de conhecê-la. Meio furacão, sabe? Ela é o tipo de pessoa que não passa sem deixar rastro.

Eu havia acabado de mudar para o Colégio Marina Cintra, perto da Av. Paulista, região comercial de São Paulo. Vinha de uma escola da zona sul em que as criaturas se pareciam mais comigo; não eram aqueles repetentes e marginais que acabei por conhecer no colégio novo. A droga corria solta na escola, e desde o primeiro dia de aula percebi que ali não era o meu lugar.

Eis que surgiu a Regina, oriunda da sala ao lado, onde não tinha se adaptado aos colegas.

A primeira vez que conversamos foi durante uma aula de filosofia. O professor dizia que tudo na vida é relativo - mais uma vez a relatividade - que a verdade absoluta não existe, que um mesmo acontecimento podia ser visto das mais variadas maneiras, por pessoas diferentes. Começamos a questionar aquilo e a rir do professor que falava que nós não existíamos. Nenhum argumento era capaz de fazer ele parar de dizer que nós não estávamos ali.

Passamos o horário do intervalo inteiro tentando compreender a idéia que ele tentava passar, tentando provar um ao outro que realmente existíamos, e chegamos à conclusão de que não precisávamos fazer aquilo. Um já aceitava que o outro existia e isto nos bastava. Nossas verdades nos eram suficientes, por mais que o professor insistisse em nos dizer que não estávamos lá.

Na aula seguinte, quando o professor começou a falar para aquele bando de ‘nadas’, nós lhe dissemos que a

verdade dele, por não ser absoluta, não precisava ser aceita por nós dois e que, uma vez que nos bastávamos, a questão estava encerrada.

O louco do professor deu um pulo da cadeira onde estava sentado e gritou: “Isso!!!”. Havíamos chegado onde ele queria.

Esse biruta foi o professor mais entusiasmante que tive, e desde então a Regina tem sido a melhor companhia para períodos de crise existencial e dúvidas pseudofilosóficas. Talvez por isso ela tenha vindo a ser a primeira para quem contei minhas “verdades”.

Começamos a nos sentar juntos durante as aulas e criamos o “Fundão Festivo” - como era conhecido o grupinho que a gente tinha. Éramos cinco: a Regina, as duas gêmeas, o Yuri e eu.

Essas duas irmãs - Eliana e Luzia - eram um barato: super negras, cabelo *black power* enorme, pobres de tudo, órfãs de pai e mãe; e altíssimo astral, sempre. Lembro delas contando que quando brigavam em casa, a tia-madrasta que as criava lhes chamava a atenção: “Vocês, duas mulheres formadas, com cabelo na buceta, querem me aprontar um fordução desses? Não tem cabimento!”, e riam da psicologia de periferia da tia.

Parecíamos crianças; éramos mesmo. Fazíamos guerra de papel mascado, preparando bolinhas de folhas de caderno e saliva que atirávamos uns nos outros, e no resto dos alunos. Era muito divertido ver o cabelo da Eliana ficar repleto de bolinhas de papel babado. Ela sempre apelava e chamava a professora, que nem ligava.

Sem falar nas guerras de *cream-cracker* durante os recreios. Dessa farra a escola inteira participava.

Mais e mais amigos fomos nos tornando, e acabei conseguindo uma vaga para a Regina na mesma agência bancária em que eu trabalhava. Plena Av. Paulista. Foi aí que nossa amizade se estreitou ainda mais. Nos encontrávamos na escola de manhã, almoçávamos na casa dela, e de lá para a agência, onde passávamos a tarde nos visitando.

Trabalhávamos em setores diferentes, mas sempre arranjávamos uma desculpa para dar um pulinho na mesa do outro.

Nos nossos intervalos, comíamos algo no “Garoa Paulista”, uma lanchonete instalada na nossa avenida. Os donos, gêmeos também, se tornaram nossos amigos e nos chamavam de Bernardo e Bianca. Adorávamos analisar as peças raras que a avenida lançava ao balcão da lanchonete. Fazíamos a análise de cada caso – não deixávamos passar um qualquer mais estranho sem um comentário, seguido de muito riso - sempre degustando o molho de extrato de tomate com açúcar que eles insistiam em chamar de catchup, apesar do gosto inconfundível de banana com sal.

Depois do banco, ainda costumávamos parar embaixo do Masp para esperar o Danilo - noivo dela - que trabalhava bem perto de nós, no Colégio Dante Alighieri. Ficávamos lá, cantando, inventando paródias hilariantes sobre tudo e todos. Curtíamos demais esses minutos de espera.

Nosso contato era tão intenso e constante que, por vezes, não precisávamos falar nada para que entendêssemos o que ia na cabeça do outro. Era divertido perceber que estávamos antenados dessa maneira.

Acho que o Danilo, de uma forma ou de outra, sabia que eu era gay. Apesar de nem a Regina saber, nessa época. Ele nunca manifestou nada contra nosso contato. A irmã da Regina é que não parava de falar que eu tinha duas opções de futuro na vida: me casar com a Regina, que para ela era meu amor platônico, ou ser gay. Ela meio que acertou, apesar de nunca ter pensado em me casar com a Regina.

Como já disse, foi para a Regina que primeiro contei sobre mim. Foi nela que confiei na hora de dizer o que sentia, o que estava acontecendo comigo.

Essa passagem foi muito engraçada. Ao menos para ela. Eu já não mais morava em São Paulo, uma vez que, tão logo completei a 1ª série do 2º grau, me mudei para Belo Horizonte. Eu estava lhe fazendo uma visita. Fomos jantar em um restaurante, e eu disse que tinha algo

para contar mas que não sabia por onde começar. Expliquei que era um assunto difícil, e que eu esperava que ela soubesse lidar com essa informação. Na primeira tentativa de adivinhar do que se tratava, ela matou a charada: “Você ‘deu’, foi isso?” - me perguntou. Eu apenas fiz que sim com a cabeça. O jantar terminou. Ela começou a rir e não conseguia parar.

Sáimos do restaurante, fomos subindo a Av. Consolação em direção à Av. Paulista e ela rindo. Gargalhando, para ser mais exato. De quando em quando ela parava, respirava, pedia desculpas e explicava que não ria de mim, mas da situação toda.

Acho que foi a melhor reação que ela poderia ter. Foi bem típico dela; me mostrou que aquilo não seria problema para nós, chegando mesmo a dizer que era bom que eu tivesse me aberto, pois ela estava começando a me achar meio parvo, “bolha”, assexuado.

Sempre fui meio anti-social. Na festa de 15 anos da Regina – enquanto eu ainda morava em São Paulo - fiquei na cozinha do salão de festas, vendo salgadinhos irem e virem. Não fiquei à vontade no meio da multidão de desconhecidos. Naquela noite, ela me chamou de “bicho-do-mato” e me magoou demais com isso. Quase fui para casa chorando. Mal sabia que ela continuaria a me chamar de bicho do mato. Daquele dia em diante, bastava eu ter uma atitude menos expansiva, mais fechada, que ela vinha me cutucar: “Hêei! Tem alguém civilizado aí???” e fazia o eco de sua voz retumbar dentro de minha cabeça oca.

Mas ela via longe. E tinha razão, como quase sempre. Eu precisava começar a me liberar mais.

Nos dias de pagamento, nós íamos comer pizza frita e fazer compras no centro da cidade. Todo mês, era a mesma coisa. Ela não me deixava escolher minhas próprias roupas, e dizia fazer isto em nome de minha imagem pessoal, que devia ser mudada. Passávamos por irmãos, tamanhas as descomposturas que ela me dava quando eu

tentava comprar alguma coisa que não a agradava: “Se você levar esta blusa, eu nunca mais te ajudo a escolher roupa. Parece que quer comprar as mesmas roupas que sua mãe compraria!”. Eu simplesmente ouvia, sempre cedendo à sua voz de comando.

Outra coisa bem dela, que me deixava querendo morrer, era quando ela brigava com maus atendentes dentro de lojas e restaurantes. Nunca levava gato por lebre. Nem lebre por gato. Se suspeitasse que lhe davam uma lebre quando pedia um gato, por mais que soubesse que estava sendo beneficiada, ela fazia o seu show. Precisava mostrar que estava atenta e que não era alguém que se passasse para trás.

Uma vez, fomos ao Boccato - pizza por pedaço - e pedimos ao caixa as pizzas pelos sabores. Ele foi extremamente grosseiro, ao informar que para ele bastava que disséssemos a quantidade de pedaços. Fizemos o pedido pelo número de pedaços e fomos ter com o garçom:

- Portuguesa, por favor. Não tem? Aliche, então. Não??? Catupiry? Também NÃO!???”. Pra quê!...Ela faltou fazer o caixa e o garçom comerem oito pedaços de pizza de muzzarela, o único sabor que tinha.

Hoje, me lembro disso e rio. Já sei fazer o mesmo, diante de um mal atendimento ou um mal atendente, mas na época, não me sentia bem quando ela colocava os pingos nos “is”.

Ela me introduziu na arte de fazer valer meus direitos, por mais desagradável que isso fosse. Ela me mostrou que, apesar da pouca idade, podíamos interagir com o mundo à nossa volta: comprar e reclamar, entre outras coisas. Foi meu primeiro grande passo para quebrar a casca do ovo e me “civilizar”, me fazer cidadão. Devo muito a ela. Tento imaginar como eu seria se não a tivesse conhecido. Um pouco menos solto, no mínimo.

O ano letivo estava por acabar, e já se ia um ano de amizade. A notícia de minha mudança para Belo Horizonte caiu como uma bomba sobre nós. Tínhamos tanta certeza que aquilo tudo duraria para sempre! Mas ainda não

nos cabia decidir sobre nossos futuros, e me mudei com mamã no início do ano seguinte.

Meu sentimento de perda foi tão grande, que não tive coragem de dar tchau. Marcamos as despedidas para um show da banda “Red Hot Chilly Peppers”, a que eu não compareci. Perdi o *ticket* de entrada. Eu sabia que choraria muito, e preferi nos poupar. Além do mais, ainda não acreditava que a mudança fosse definitiva. Queria que chegássemos em Belo Horizonte, mamãe, Tiago e eu, e víssemos o quanto a cidade era ruim e feia. O que não aconteceu.

Minhas idas a São Paulo foram constantes neste primeiro ano de Belo Horizonte, mesmo porque o casamento da Regina já estava marcado.

Muito nova, louca, apaixonada, decidida. Tudo e todos contra ela: família, amigos em geral, idade, recursos financeiros. Ela persistia em sua idéia de casamento e independência. Acho que a mãe dela permitiu o casamento mais por saber com quem estava lidando do que por achar bom. A Regina era bem capaz de sair de casa para morar com o namorado, mesmo sem autorização, e desta forma todos ficariam insatisfeitos.

Como o que quer que viesse da Regina não me assustava, e como também estava mais acostumado a ser dissuadido de minhas idéias do que a formar opiniões propriamente, me decidi por poupar a sua saliva e apoiei-a na sua decisão. Convenci-me de seu argumento de que, casando cedo poderia se separar cedo e ainda teria tempo de acertar a vida novamente. Ela se comprometeu a não me dar, tão cedo, o afilhado prometido, e não vi maiores empecilhos à união.

No dia do casamento, eu estava lá, em uma das filas da Igreja de São Luiz, ao lado dos amigos da escola e da mãe do Yuri. Esta estava caracterizada de vedete, com direito a *ècharpe* de pompom colorido e um medalhão que mais parecia calota de pneu de Scannia.

A irmã da Regina, antes do casamento, quando ainda nos preparávamos e acertávamos os últimos detalhes

da festa, não se esqueceu de me lembrar de sua previsão para meu futuro: ou eu me levantava na hora em que o padre perguntasse se alguém tinha algo que pudesse impedir a união dos dois ou que me “calasse para sempre”; e que, calado e gay, no meu canto, permanecesse. Eu tentava rir.

A isso se seguiram os preparativos e acertos finais de detalhes, os banhos e discussões causadas por flores que chegavam erradas, e horas que insistiam em passar rápido demais. A Regina administrava tudo com a graça e leveza próprias a uma donzela medieval de um reino em guerra santa:

- É da floricultura tal? Oi, deixa eu te contar uma coisa: Vocês me mandaram as flores erradas – silêncio. É, tão erradas sim. Tá bom, eu espero. Ahn? Como? Não tem como corrigir em tão pouco tempo? Deixe-me ser mais clara: Não foram estas as flores que encomendei e eu tenho certeza disso, não é apenas uma suposição. Outra coisa: estarei me casando dentro de tantas horas com as flores certas, nem que para isso você tenha que desenvolver uma nova técnica de cultivo ultra-rápido de flores do campo. Você entendeu?

Resolvido mais este pequeno problema da agenda da noiva medieval - nada que seus grunhidos da Era Paleolítica não pudessem solucionar - decidimos ir provar a batida de coco que seria servida aos convidados após a cerimônia de casamento.

Subimos para o apartamento do casal - iriam morar no apartamento recém-comprado pela irmã da Regina, no mesmo prédio onde a mãe tinha apartamento - e brindamos em nome do “não-estresse” daquele dia mágico.

Ela me mostrou o vestido de noiva que usaria, e me contou que seu pai entraria na igreja com ela, apesar de eles não se darem muito bem e de ele ter dito anteriormente que não o faria. Percebi o quanto ela havia gostado da idéia de fazer tudo direitinho: papai que a leva ao noivo, que a beija. Fiquei feliz por minha amiga.

Deitei-me no sofá com meu coparão de batida, e ela desceu para continuar a resolver seus “pepinos”, não

sem antes me contar que ainda tinha muita batida de coco, e já que eu gostava tanto, podia me deliciar à vontade. Foi o que eu fiz, até demais, admito. E dormi.

Acordei com a Tatty, sobrinha da Regina, dizendo aos risos que acabava de ser expulsa da casa da avó por não parar quieta, e que a haviam mandado para o Tio Bê tomar conta.

Que programa! Bêbado e apanhando de uma garotinha que insistia em brincar, quando o que eu queria era dormir para melhorar do porre.

Algum tempo e muitos tapas depois, nós descemos, e ela entrou no banho. Fui salvo pelo gongo, e pude tentar cochilar com calma. Doce ilusão. Minutos depois, a Regina me acordava. Estava em prantos.

Eu mal entendia o que ela falava, pois minha cabeça ainda não estava boa o suficiente. Ela dizia que o pai não mais a levaria ao altar, e que ela não sabia o que fazer, pois faltava pouco tempo para o casório. Se me lembro bem, o “estepe” de pai que ela tinha arranjado para acompanhá-la até o altar tinha ficado magoado com a troca tão em cima da hora. E agora, recusava o segundo convite, depois de ter sido dispensado.

É impressionante a capacidade que as pessoas têm de complicar as coisas. Uns, que apenas para se sentirem alguém uma vez na vida, dizem “não” à filha, quando ela sequer pediu para ser acompanhada ao altar; outros, que se magoam por terem sido deixados como segunda opção de pai, quando não passam de segunda opção de pai; e ainda há os que te chutam no meio da rua, por você se dizer gay.

Em meio às lágrimas da Regina e toda minha dor-de-cabeça - não sei iluminado por que entidade de luz - eu disse algo que funcionou:

- Regina, hoje é o dia em que você, de uma vez por todas, prova que é você que vale a pena, que você pode seguir independente do que digam ou pensem. Hoje, você e o Danilo vão se casar, e você se tornará legalmente emancipada, “independente”. É sua carta de alforria do proble-

ma dos outros. Nada mais pode te atingir, cara! Se seu pai te levar até o altar ou não, isto só fará diferença para ele. O seu caminho já está traçado por você mesma, e não há nada que ele possa fazer para te desviar do seu destino. Nada mais esperado que este último grito de agonia de alguém que se julgava importante, e que está sendo definitivamente deixado pra trás.

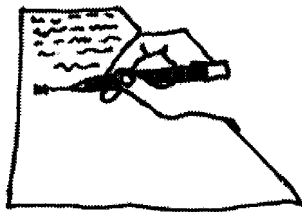
Ele, como meu pai: alcoólatra, personalidade dependente, parasita de nossas emoções, se alimenta da capacidade de nos atingir, de nos machucar com sua pequenez. É deles. Está dentro deles e não há nada a ser feito por nós a não ser tocar nossas vidas e deixar morrerem à mingua, sem lhes dar o alimento que tanto os satisfaz: nossa decepção com suas atitudes.

Nos olhamos longamente, e tive a impressão de que ela iria rir e me perguntar se eu estava bêbado. “Que profundo!!!”, ela diria com seu ar irônico. Mas não. Ela sorriu, me abraçou, me beijou e disse: “Obrigada, amigo!”

Eu fui tomar banho e me preparar para ver a noiva mais linda do mundo ser levada ao altar pelo “estepe” já consolado. Plena Av. Paulista.

A mãe do Yuri não parava de dizer: “Eu sou *clubber!!!*”, em reposta aos olhares estupefatos dos transeuntes. Ninguém conseguia evitar uma olhadela mais demorada e a situação já estava começando a ficar chata. Porém, naquela noite, eu só tinha olhos para a Regina.

Voltei para Belo Horizonte rezando para o herdeiro não chegar cedo demais, e para o casamento dar certo.



E como tudo que sinto eu escrevo, segue uma das constatações a que cheguei com a ajuda da Regina:

SOBRE AS POLARIDADES SEXUAIS

Os opostos se atraem.

Os iguais se encaixam;

Já que a maligna atração

- bendita seja -

Por si só não é, nem nunca foi ou será

Capaz de nos suprir

Por mais nus que estejamos.

Que todas as formas de preenchimento interior

Real e absoluto sejam aceitas.

Que a auto-realização mútua floresça

Da similaridade contrastante

De iguais e opostos: amantes.

BERNARDO DANIA

V

MAMÃE, SOU GAY!

Muito me admiro do espanto de meus amigos diante do carinho com que eu e meu irmão menor nos tratamos. Não poucas vezes, ouvi comentários do tipo: “Ah, se eu e meu irmão fôssemos assim. Se ele fosse legal como seu irmão é...”

Realmente, não nos damos mal. Ele é uma das pessoas que mais amo, como não poderia deixar de ser - ou até poderia. O fato é que ele é realmente especial. Alguém em quem se pode confiar.

Assim que ele nasceu, e durante seus primeiros anos de vida estivemos muito unidos. Orgulho-me de tê-lo ensinado a falar mamãe e papai, mas esta é uma das poucas lembranças que guardo dessa época.

Assim que ele nasceu, não sabíamos se o chamaríamos de Humberto ou Tiago. Minha mãe tinha dado as duas opções, mas preferia Humberto, juntamente com meu irmão mais velho. Meu pai e minha irmã queriam Tiago. Coube a mim decidir, ajudado por um suborno de caramelos feito por minha irmã, pelo nome Tiago.

Quase sempre estudamos nos mesmo colégios, e durante um bom tempo a sua presença me incomodou. Ele insistia em querer estar ao meu lado e brincar comigo, mas meus amiguinhos e amiguinhas me eram mais interessantes.

Lembro mesmo de ter dado mais atenção e carinho a meus primos - da mesma idade dele - deixando-o meio de lado nas brincadeiras.

Fiz meu irmão chorar sem necessidade, algumas vezes. Ele sempre foi carinhoso ao extremo, e eu sempre tive dificuldades de expressar afeto. Abusei demais de sua solicitude, mas, hoje, penso que todo irmão mais velho é assim, e minha consciência pesa menos. Devo ter me sentido roubado com a sua chegada em MINHA casa. Não é a explicação padrão para essas situações? Esta me serve. Gostei.

Mesmo assim, ainda me chateiam algumas passagens em nossas vidas em que tenho a sensação de tê-lo deixado na mão, como na vez em que um colega da escola começou a bater nele e eu não fiz nada, pois o irmão mais velho desse menino estava por perto. Sinto que devia ao menos ter apanhado junto. Ele não merecia passar por aquilo. Devem ter doído menos os tapas do que a sensação de desamparo por eu me contentar em assistir a cena.

Mas, voltando ao Tiago, ele sempre se mostrou maduro para lidar com a vida. Super aberto a amizades e comunicativo, conhecia pessoas num piscar de olhos.

Por sermos irmãos, nos conhecemos muito bem. A convivência contínua nos deu esse elo forte de ligação. Às vezes, penso que nos conhecemos bem até demais, o que nos permite saber exatamente o que fazer para tirar o outro do sério sem que as pessoas ao nosso redor percebam a intenção. Chegamos mesmo a abusar desta facilidade. Não há discussão, por mais séria que seja, que não acabe em riso. Por mais chateado que um esteja, o outro sempre tem uma forma de fazer a irritação do momento parecer ridícula, e na maioria das vezes o é.

A passagem que mais me marcou com relação a ele foi quando contei para a minha mãe que eu era gay. Até então, eu jurava que apenas a Regina sabia de mim.

A cena de minha mãe tentando contar para o Tiago sobre mim se deu mais ou menos dessa maneira, como eles me contaram:

- Tiago, eu tenho uma coisa para te contar sobre o Bernardo.

- O que, mãe? Ele aprontou?

- Não... é que...

Aqui o Tiago já imaginava do que se tratava, mas dissimulou:

- Ele se meteu com drogas?

- Não...

- Então me conta que eu já estou ficando preocupado.

- Não é algo que ele fez. É algo que ele é...

Silêncio. Eles se olham longamente. Queria ter podido passar por dentro das cabeças dos dois para saber exatamente o que pensavam. Tenho que me contentar com a interpretação dos dois para a cena.

- Ele é gay!, minha mãe completa.

- Nossa! - e aqui o Tiago pensou melhor, preferindo não esconder a verdade:

- Eu já sabia, e sou também.

Susto? Ok, podem se acalmar que ainda não foi desta vez. A parte de que ele já sabia é verdade mas ele não disse que era gay. Isto foi só para dar mais emoção à trama. Para mostrar que aquela soma de pai ausente e mãe competente nem sempre tem o mesmo resultado. Ele passou por tudo que eu passei e, até hoje, que eu saiba, só pensa em meninas. E eu saberia.

De qualquer forma, voltando à realidade, ele respondeu:

- Eu já sabia!

- Sabia e nem comentou nada? - Minha mãe tentava entender.

O Tiago tinha aberto minha caixa-forte, um lugar onde eu guardava meus tesouros, dentre os quais uma carta de um carinho do Rio de Janeiro que conheci durante um carnaval.

Ele sabia recitar trechos da carta, partes em que esse cara fala sobre ter beijado minha testa enquanto eu dormia suado da noite quente e da farra de carnaval.

O Tiago já sabia de mim havia mais de um ano, e estava guardando este segredo. Muito ético. Poucos foram tão respeitosos. E mesmo sabendo de tudo ele ainda ouvia meus relatos sobre como era bom transar com mulheres, de como eu estava me saindo em minhas primeiras investidas.

Depois me contou que estava achando tudo de uma loucura tão grande que preferiu deixar as coisas rolarem e se resolverem por si mesmas.

E eu jurando que ninguém suspeitava.

Não acho que tenha sido fácil para ele ou para minha mãe encarar a novidade. Sei que minha mãe passou pela crise do “onde foi que eu errei?”, e que meu irmão até hoje prefere que seus amigos não saibam, apesar dos mais íntimos saberem. Sei também, e é o que importa, que se tivessem que optar por saber ou não, prefeririam que as coisas tivessem saído exatamente como saíram.

Não estou pregando aqui a difusão das verdades de ninguém. Sei que há pessoas e pessoas; eu sabia mais ou menos em que terreno pisava quando decidi me abrir, assim como cada um deve fazer idéia do terreno em que pisa dentro e fora de casa.

Tem gente que consegue levar sem problemas o fato de a família não participar ativamente de seus relacionamentos, e sei que qualquer revelação neste sentido pode ser bastante perigosa. Todos podem ganhar com um jogo limpo, mas só o homossexual pode perder, e não é pouca coisa: dinheiro, respeito, casa, amigos, emprego, paz, família, sanidade física...

A ignorância e a incompreensão imperam. Já ouvi falar de amigos que foram expulsos de casa, de gente que perdeu herança e, em casos raros, de gente que apanhou no meio da rua.

Para mim, valeu a pena contar, e muito. Vi que grande parte do preconceito que eu via como vindo das pessoas partia de mim mesmo; e não de fora para dentro, como eu imaginava. De fato, quem mais me discriminou durante todos estes anos fui eu mesmo, preconcebendo o preconceito dos outros. Nada mais natural, já que fui educado dentro de uma cultura patriarcal e machista e não posso querer crer que nenhum destes valores tenha sido aceito por mim. Eu sou isto. O homem é fruto do meio, não é? Certas informações a gente recebe desde pequeno, e fica difícil modificá-las

depois de um tempo. Me dei conta disso, dentro de um hotel, com um amigo, ao me olhar no espelho e ver nosso beijo refletido, me senti estranho. Cheguei a afastá-lo para entender o que estava acontecendo. Fui tomado por uma mistura de asco e susto.

Era a primeira vez que via um homem beijando outro. Tive que aceitar que mesmo dentro da minha cabeça gay, que nesta época já trabalhava muito bem o fato de eu ser homossexual, existiam conceitos culturais machistas. É o cúmulo, mas existia a informação de que aquilo estava fora dos conformes. Aquela informação entrou e foi logo colocada na ala do “erro de processamento”. Tive que rir. Cheguei a comentar esse pensamento com meu amigo, e ele disse que já havia passado por aquilo. Pensamos até em defender tese em nome da retirada dos espelhos dos estabelecimentos hoteleiros e moteleiros mundiais, mas foi mais fácil deletar este dado de nossas cabeças.

Ainda com relação à minha aceitação pela família, o Tiago me contou que certa vez foi assistir ao filme *Philadélfia* com os amigos da escola, e que começou a me imaginar na pele de Tom Hanks. Neste filme, Tom Hanks faz o papel de um homossexual que perde seu emprego ao descobrir que está vivendo com aids. O Tiago disse ter chorado ao imaginar o preconceito que eu deveria estar enfrentando para tocar minha vida pra frente, apesar de saber que eu não tinha aids nem nada.

Isto me faz lembrar daquela máxima: “Se conhecêssemos a história íntima de nossos inimigos, encontraríamos tristeza suficiente para desarmar nosso ódio.”

Nesse momento, lhe peço que se desarme, não pelas tristezas ou alegrias que já relatei, nem por querer que você abrace minha causa. São tantas que não almejo nada, nem perto disso. Simplesmente me veja como sou: um jovem como você. Melhor ainda, uma pessoa como qualquer outra, que aprende com as suas próprias experiências e recebendo, compilando e repassando informações. Alguém que brinca de “ser” neste mundo redondo que, segundo um amigo, “...é uma grande boca que precisamos respeitar pois tem dentes e morde.”

E para os que se perguntam os motivos de eu estar grafando aids em letras minúsculas, explico que apesar de a última convenção do Ministério da Saúde ditar que a mesma deve ter apenas o primeiro “a” em maiúscula – derrubando a sigla inteira AIDS – eu prefiro colocá-la assim, como ela é para mim. Pequenina. Ou isso ou começar a grafar OLHOS CASTANHOS, BRANCO, 21 ANOS, SOLTEIRO, BRASILEIRO. Dados tão ou mais importantes que o primeiro.

O espaço entre meus relacionamentos sempre foi muito curto. Isso para não falar da duração dos mesmos. Sempre que eu acabava uma relação, aparecia uma nova oportunidade bem rapidamente. Muito disso se deve ao fato de eu ser bastante jovem e atraente – como colocar isso sem soar arrogante? Não vi saídas. Uma vez que me propus a ser sincero neste relato, eu vou até o fim – muito se deve ainda ao fato de eu, por muitas vezes, terminar um namoro já tendo algo novo em mente. Não que eu tenha o costume de trair as pessoas com quem esteja namorando. Muito pelo contrário, na maioria das vezes me desliguei de pessoas por sentir que eu queria mais, e por não querer partir em busca deste algo mais sem que a pessoa com quem eu já estava envolvido soubesse.

Sei de gente que consegue levar uma relação aberta numa boa, e muitas ainda conseguem manter uma relação com traições esporádicas sem por isso terem peso na consciência. Eu não consigo administrar mais de uma pessoa por vez na minha vida. Pode ser legal, e não digo que não tenha acontecido de conhecer alguém e mesmo fazer sexo com esta pessoa enquanto estava namorando outra, mas, não foi uma constante para mim.

Uma destas pessoas que passaram rápido – entre um intervalo e outro – se chama Alejandro, e, apesar da brevidade do contato comigo, ele fez muita diferença.

Nos conhecemos por intermédio de um amigo em comum, funcionário de uma companhia aérea, que se hospedava no hotel em que eu trabalhava. Assim que fomos apresentados, começamos a namorar. Esse amigo em comum – Bill – me falou algo sobre tomar cuidado, ir com calma e me prevenir sempre em minhas relações sexuais. Mas qual a razão de agora, depois de tanto tempo de amizade, ele vir me dar lições de prevenção e “toques” deste tipo? Seria o Alejandro?

– É o Alejandro? É com ele que eu tenho que tomar mais cuidado?

– Você tem que se cuidar com qualquer um... com o Alejandro inclusive...

“Quando a festa terminou/
A bicharada* se mandou/
Quem viu a tartaruguinha? /
Quem viu?/Do céu ela caiu
/Tchibum!”

*Menção a animais, bichos (para não restar dúvida)

– Então tá... mas que eu não entendi nada, não entendi mesmo...

Pouco depois do início do namoro é que começou a ocorrer algo que marcou nosso relacionamento de forma muito positiva.

Nessa época, eu estava começando a dividir um apartamento com um amigo, tinha 19 anos e acabava de trancar a matrícula da faculdade de Turismo. Minha mãe tinha acabado de se mudar para Brasília, para ajudar uma tia minha que estava com câncer. O Tiago foi com ela por ser muito jovem, e eu fiquei. Pouco tempo depois de nos mudarmos, esse amigo me contou que estava com aids.

Assim: “Eu tenho aids”. Estávamos indo fazer feira num domingo e ele me contou que tinha aids. Achei um tanto normal o fato, mas me espantei com a facilidade com que ele me deu a notícia.

Nós nem nos conhecíamos tão bem naquela época. Éramos mais amigos de farra do que qualquer outra coisa. Ao que decidimos morar juntos ele achou melhor me contar este detalhe, pois, segundo ele, outras pessoas o fariam caso ele não se apressasse. Achei legal da parte dele ter confiado em mim para tal confissão, por mais que estivesse tentando se proteger da iniciativa dos outros em me participar o fato.

Não dei maior atenção ao assunto, apenas recebi a informação. Não conhecia muito sobre o tema e não achava que fosse a coisa que ele mais gostasse de debater. Apenas compilei a idéia e pronto. Seguimos nossas vidas dividindo o apartamento. Mas, estava dormindo, depois de um dia daqueles no hotel, e esse amigo, Márcio, estava em São Paulo visitando a família. No meio da noite, comecei a sentir uma vontade enorme de ir ao banheiro urinar. Isto não era comum e logo me levantei para ir ao banheiro. Mal me virei na cama e tive que jogar meu corpo para o lado, tamanha a dor que eu sentia no abdome.

Eu não entendi nada, ainda meio sonado. Queria urinar de qualquer maneira, mas a dor não me permitia ficar em pé para ir ao banheiro. Fiquei com medo da situação

toda: eu sozinho em casa, aquela dor estranha que eu nunca tinha sentido, o medo de morrer e não ter ninguém por perto sequer para carregar o corpo ainda fresco. Nem sei se pensei em alguma coisa naqueles minutos de pânico. Apenas queria chegar ao vaso sanitário o mais rápido possível para poder fazer xixi. Fui engatinhando até lá e a dor não passava. Liguei o chuveiro e comecei a tomar aquela ducha quente na cara e na barriga, na esperança de que a dor fosse embora. Funcionou. Demorou bastante, mas consegui me enxugar e voltar para a cama, pronto para acordar no dia seguinte e correr atrás de um médico. Acordei com náuseas terríveis e liguei para o Alejandro. Ele foi até a minha casa e me levou a um médico.

Esse médico me examinou mal e porcamente, e me deu seu veredicto: Dengue. Eu não queria acreditar. Como podia? Eu com dengue? Que coisa mais inusitada. Mas como a cidade estava passando por uma epidemia na época, acreditei. E o que se deve fazer quando se está com dengue? Foi isso que eu perguntei para o médico. Ele me disse que não havia remédio e que deveria apenas ficar de repouso em casa, tomando líquidos, uma vez que nada me apeteceria. Nisso ele acertou. Nada parava em meu estômago que não fosse suco de laranja sem açúcar ou água.

Eu tinha um sono fenomenal. Nada no mundo me parecia mais atraente que a minha cama. Naquela época, percebi o quão especial o Alejandro é. Ele ficou tomando conta de mim como só a minha mãe faria. Cozinhou e me deu atenção por todos os quinze dias de licença que o médico tinha me dado.

Quinze dias depois e cinco quilos mais magro, ainda passando maus bocados mas sem aquela dor na barriga, voltei ao médico contando que apenas repouso e suco não tinham resolvido o meu problema. Ele se disse despreparado para analisar o caso, e me pediu que procurasse um infectologista para que o mesmo solicitasse exames de rotina. Foi o que fizemos.

Neste meio tempo, uma prima minha que mora aqui em Belo Horizonte foi me visitar e se assustou muito com minha aparência. Apesar de estar passando todo aquele aperto, achei melhor não mobilizar a minha mãe, que já tinha seus próprios problemas em Brasília. Eu não imaginava o tamanho do problema que eu tinha em mãos. Até então, minhas idas ao médico se resumiam a uma suspeita de tétano quando eu pisei em um prego enferrujado, dentista de seis em seis meses e a época de sarampo e catapora que todos tivemos na infância. Eu podia jurar que dentro de poucos dias estaria melhor e nem me lembraria do caso, mas minha prima ligou para minha mãe e contou do meu estado; me descreveu cadavérico, e, já no dia seguinte, minha mãe chegava de surpresa, mala e cuia, na minha casa. Ela se chocou com a situação e com o descaso com que eu estava me tratando.

– O quê? E você me diz que vai amanhã procurar um médico porque está com muito sono hoje?

– Calma... se tivesse que acontecer alguma coisa, já teria acontecido.

– Isso... muito bom... sempre deixando para depois as coisas importantes. Não foi à-toa que quis te ver de perto. Se eu não te conhecesse...

Começamos uma caçada à causa de meus mal-estares. Exames de tudo que se pode imaginar. Nada aparecia. Picaram-me vezes e mais vezes, atrás de alguma coisa que indicasse da onde surgia aquele problema, mas o máximo que viram foi uma anemia ferrada, causada pela má alimentação, fumo em excesso e pela vida de gandaia. Nada que pudesse estar causando todo aquele estrago. Minha mãe levantou a hipótese de aids, mas não chegamos a aventá-la como real; porém, como tudo o mais dava negativo, fizemos o exame.

Eu bem sabia da possibilidade daquilo ser verdade. Melhor do que ninguém sei o quanto me descuidei durante as minhas aventuras sexuais. Apesar do pouco tempo de vida sexual ativa, eu “aprontei” muito. Fiquei meio apre-

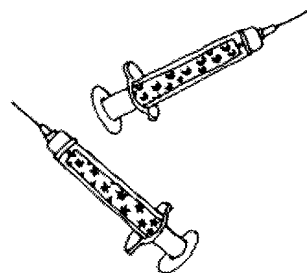
ensivo, e no dia do resultado o Alejandro me levou ao laboratório. Estávamos próximos da Páscoa. Eu imaginava que iríamos ao laboratório, pegaríamos o exame com resultado negativo, voltaríamos para casa com o mesmo ar de “ainda não sabemos o que ele tem”, iríamos ao supermercado comprar bacalhau com o Márcio - que já tinha voltado - e continuaríamos a busca da causa dos enjôos no dia seguinte.

Não deu. Peguei o resultado positivo com a mesma resignação que se recebe um boletim vermelho na escola.

“POSITIVO - cabe informar que testes deste cunho podem apresentar falsos positivos, sendo necessária contraprova”. Eu não precisava de mais nada. De alguma forma, eu sempre soube que um dia pegaria aids.

Contei ao Alejandro o resultado, e ele me perguntou como eu estava:

- E aí?
- Positivo.
- É?
- É.
- Áhn!... e aí?
- Nada.
- Como nada? Como é que você está?
- Não sei...



Eu não soube o que responder. Não estava feliz, obviamente, mas não me sentia com motivo pra me atirar embaixo do carro que passava ao nosso lado tampouco.

O Alejandro disse que eu poderia continuar contando com ele para o que quer que fosse. Se confessou vivendo com aids havia anos, e confirmou minhas suspeitas. Aquele nosso amigo em comum já havia me alertado sobre essa possibilidade. Ele tentou me contar mais ou menos o que deveria ser feito dali em diante, mas eu não consegui prestar atenção.

- Não se preocupe que vai ficar tudo bem.

– Tá.

– Acho que eu posso te ajudar bastante. Você sabe...

– Eu sei?

– Vai dizer que não desconfiou?

– Do quê?

– Da pilha de remédios lá em casa. As vitaminas...

– Desconfiei, mas precisava ouvir.

– Tá com raiva.

– Não. Acho que eu já sabia mesmo. O Bill tinha me alertado sobre as chances. Não disse nada muito claro, mas sabe aquela estória de “vá com calma”, “se cuide”?

– FDP!

– Também achei.

– Enfim.

– Enfim.

Enfim! Eis a palavra. Eu sabia que estaria bem assessorado por ele e por todos e só conseguia pensar na reação de minha mãe e de minha família diante da novidade. Eu não queria que ela sofresse muito, mas não havia meios de poupá-la.

Chegamos em casa e todos agiam como se não tivéssemos saído para pegar um resultado de exame de aids. O Márcio comia sucrilhos enquanto minha mãe preparava o almoço, esperando pelo bacalhau. Ninguém perguntava nada.

Eu e o Alejandro com as caras de quem acaba de receber um teste de aids positivo e a de quem acaba de ter seu namorado soropositivo, respectivamente. O Márcio percebeu tudo e continuou comendo seu sucrilhos.

Depois de longos minutos de nada, minha mãe finalmente perguntou: “E o exame?”

– Positivo, eu disse.

– Ah, vá... diz aí...

– Positivo.

– Para de brincadeira...

E nisto o Alejandro, exaltado com eu ainda não o tinha visto: “É positivo mesmo... a gente iria mentir sobre uma coisa destas?”

Silêncio.

Se estivéssemos encenando um drama, seria a hora de fechar as cortinas, mas não. As cortinas não podiam ser fechadas, e coube ao Alejandro improvisar uma continuação para a cena. Ele começou a dizer o que deveria ser feito, se disse soropositivo para minha mãe, ouviu o Márcio se dizer vivendo com aids também. Todos tentavam mostrar que podiam ajudar de alguma forma. Percebi que estávamos todos preocupados com a reação de minha mãe.

Eu ainda não pensava em nada. Aquilo me parecia uma cena à parte. Algo que eu não estava vivendo. Eu sabia que algo seria feito para o meu bem, e isto me confortava, mas não tinha vontade de falar, não tinha vontade de entender, não tinha vontade de nada. Apenas seguia, esperando as cenas do próximo ato.

Fomos ao supermercado comprar o bacalhau, e acabamos fazendo as compras do mês. Que coincidência: três amigos vivendo com aids reunidos e até bem pouco tempo não imaginaríamos nada um dos outros.

Assim é a vida. Não se imagina. Eu nunca tinha imaginado nada de ninguém, até que todos os mais próximos começaram a se revelar vivendo com aids: meu namorado (tão gordinho e rosado, como podia?) - com quem não tinha feito sexo até então - , meu companheiro de apartamento e alguns mais que cada um deles conhecia.

E na saída do supermercado tudo o que pude notar foi o bacalhau imenso que o Alejandro tinha escolhido para o almoço daquele dia:

- Não tinha menor não? - impliquei.

- Não... este era o menorzinho. O resto o povo já pegou.

- Vai este mesmo, disse o Márcio.

- Mas vai sobrar demais... ano que vem tem Páscoa?

Eu queria fazer uma brincadeirinha infantil, mostrar que estava bem, que ainda conseguia ser o mesmo engraçadinho de sempre e que meus comentários desnecessários continuariam existindo. Os dois se entreolharam com ar de quem não agüentava mais aquela conversa. O Alejandro vivia me dando atenção. Por maior que fosse o besteiro que eu apresentasse, ele sempre tentava ver lógica nas minhas perguntas. Por mais que eu perguntasse se no ano seguinte ele também comemoraria aniversário, ele sempre se apressava em tentar entender. O Márcio, não: muito perspicaz, ele sempre se saía dessas com comentários mais imbecis que os meus. Dessa vez, não foi diferente:

- Vai haver Páscoa sim. Só resta saber para quem, né?

Vindo de um soropositivo aquilo me soou tão confortador e cômico que eu tive um ataque de riso. Ninguém entendeu nada; nem a caixa, nem o Alejandro que pagava, atônito com minhas gargalhadas.

Começamos os três a rir um da cara do outro. Unidos na dor, acho, mas sem aquela cara triste que a dor tem. Foi uma gargalhada coletiva meio alienada da realidade, descompromissada com a vida ou com a morte que a aids podia anunciar, sem vínculos com estigmas, pudores ou medo de magoar. Éramos íntimos o suficiente para nos falarmos aquelas barbaridades sem nos barbarizar.

Rimos gostoso, mais uníssonos que nunca.

Não sei se o mesmo serve para eles que já tinham mais tempo de “clube” que eu, mas vejo isto claramente, como o primeiro passo no sentido de não pirar com a nova realidade.

Voltando para casa, meus amigos iam me introduzindo na realidade do HIV +, dizendo coisas que se deve fazer, que não se deve fazer.

–Fora ter que fritar os ovos até que pareçam um bife, não há muito com o que se preocupar - o Márcio dizia.

–Ainda tem o bife. Ele tem que ser frito até parecer uma torrada.

–Fuja de carne mal passada. Há o risco do citomegalovírus.

–Este não é bicho do ovo?

–É?

Seguiram-se outras dicas, não menos importantes.

Chegamos em casa, e o bacalhau foi preparado. Desceu maravilhoso pela minha garganta. Não fez sequer menção de voltar, e meu estômago agradeceu.

Eu podia ver que minha mãe estava passando maus pedaços, mas me era impossível fazer algo que não apenas me compadecer (do seu compadecimento por mim. Que ironia!)

Chorei ao imaginar o quanto ela estava sofrendo por minha causa.

Nesses dias, eu não pensei que poderia morrer em breve. Também não pensava que podia piorar, nem pensava que podia melhorar. Só pensava que minha mãe não merecia sofrer.

Ao lembrar de meu irmão em Brasília, eu tive minha primeira depressão depois da descoberta do HIV. Pensei em sua decepção ao me saber doente. Pensei no quanto havíamos sonhado em morar juntos em um apartamento somente nosso, no quanto planejamos fazer coisas e criar, no quanto eu ficaria triste se soubesse que ele estava passando mal. Eu sabia o quanto ele sofreria ao saber de minha doença.

Agradei a Deus por não ter sido ele a se infectar. Eu não sei qual seria a minha reação, mas seria menos ponderada do que a que tive ao me saber soropositivo. Não sei se teria suportado.

Minha mãe começou a entrar em contato com infectologistas, e da mesma forma fez o Alejandro . Novos

exames, mais específicos, foram feitos, e meus bravos já estavam em estado de calamidade. Eu sempre odiei a idéia de ser picado, e agora aquilo seria uma constante em minha vida.

Briguei com a primeira enfermeira que me picou. Culpa da Regina. A moça não tinha tato nenhum, errou minha veia mais de duas vezes - eu não parava de tremer -, e ainda colocou o sangue em um frasco errado.

Tive que voltar no dia seguinte, para refazer esse exame; e aí, mais calmo, ela acertou minha veia de primeira. Não pude deixar de perguntar se ela havia treinado com a Barbie dela em casa. Ela ficou uma fera.

- Sou uma profissional com mais de dois anos de experiência. Não é uma Barbie que vai me fazer melhor, meu querido...

Devo admitir que, da primeira vez, eu estava tremendo demais. Nunca tinha me visto tremer tanto, nem quando o psicólogo da escola primária que eu freqüentava me chamou para um “bate-papo” por achar que eu tinha problemas à causa de ter um pai alcoólatra.

Ele queria que eu fizesse as pernas dos “as” que eu escrevia. Pareciam “os”, no seu entender, e isto denotava falta de atenção. Meu caderno ficou cheio de pernas imensas em “as”.

Não bastasse os rabiscos no meu caderno - que nunca mais foi tão caprichado - ele ainda riu de minhas unhas roídas. Me senti um lixo, quando ele chamou uma professora desconhecida para rir com ele dos tocos de unha que eu ainda tinha. Mostrou minha mão e ela riu, desconcertada.

As visitas a esse psicólogo foram uma tortura constante durante os meus anos de primário. Acho que vem daí o meu asco por analistas de qualquer espécie. Quem são eles que não meros mortais tão ou mais falhos que nós? De que me vale pagar alguém para me ouvir, se tenho amigos para tal? E digo isso sabendo que esses amigos podem e até vão rir de minhas unhas roídas, mas tendo liberdade para isso. É muito diferente.

Amigos? Mas e aqueles segredos cabeludos que queremos compartilhar com um desconhecido? Me livrei deles através de amigos por correspondência. Meu primeiro *PEN-PAL* foi um sul-africano radicado no Canadá. Ainda me lembro de seus conselhos de irmão mais velho, me alertando sobre as possibilidades de meu ego sexual ficar gordo por causa de minhas posturas diante da vida, devido a minha atitude “avançadinha”.

Para os que nem assim vão se soltar, ainda resta tentar escrever tudo e ir ler em uma reunião de auto-ajuda do N.A. - Neuróticos Anônimos. Apesar do nome, é bem legal. Se quiser ir sem papel, melhor ainda. Chegue lá e improvise. Para a minha mãe, tem servido.

Ainda não é isto? A dificuldade está em escrever? Pare diante do papel e pense na vida, então. Sei lá... O que não dá é pra ficar parado.

Se nem mesmo tocando fogo no papel você acha que vai conseguir por pra fora isso que o sufoca, meu amigo, então vá a um psicólogo!

Meu problema não era como colocar pra fora o que eu sentia. Meios para tal eu conhecia inúmeros. Restava digerir a fatalidade e perceber, de verdade, o que eu estava sentindo.

Eu não estava sentindo nada. Nada. Eu não era nada, e sequer me preocupava com o futuro. Minhas intenções de ser tudo o que sempre sonhei um dia já não existiam. Se existiam, estavam perdidas na rebordosa da minha cabeça.

Havia me decepcionado, e estava jogando tudo para o alto? Não. Eu não sentia nada. Eu não pensava em nada. Eu era um grande tubo de ensaio cheio de vírus.

Subiu a construção / como se fosse máquina.

VII

ME MOVIMENTANDO - OU - AS PESSOAS ME MOVIMENTANDO

Para variar um pouco, as coisas estavam acontecendo muito rapidamente, e eu ainda me deixava levar mais do que conduzia a situação. Minha mãe e o Alejandro estavam juntos tomando todas as providências cabíveis e mais algumas, até o momento em que o ele, no papel de PHD em DST/aids, e minha mãe enquanto progenitora e responsável legal pelo bebê de 19 anos que tinha, entraram em discordância quanto a meu futuro.

Minha mãe não via como continuarmos em Belo Horizonte, por mais que encontrássemos auxílio médico especializado; o Alejandro e eu não queríamos nos separar, e tudo o que eu sabia era que um passo em falso naquele momento poderia significar minha vida.

O Alejandro pouco sabia sobre o atendimento a pessoas vivendo com aids em Belo Horizonte. Ele mesmo havia optado por fazer o acompanhamento médico em São Paulo, onde havia uma equipe médica de sua confiança. O Márcio apenas visitava uma médica particular em Belo Horizonte, para estar com os exames em dia; optara por não tomar os remédios, e não podia dizer muito sobre a qualidade do atendimento público em Minas.

Poucas coisas estavam claras em minha cabeça: eu não queria que a minha família sofresse mais que o inevitável com tudo aquilo que se desenrolava; e ao mesmo tempo, eu sabia que minha família me esperava de braços abertos em Brasília e lá eu teria auxílio financeiro e médicos custeados por minha tia. Sabia também que as noites de sono de minha mãe já estavam condenadas, de qualquer forma, eu fosse ou eu não fosse; porém, comigo por perto, essas noites seriam menos sofridas.

Analisando friamente a situação, hoje vejo que realmente não tive outra opção que não me mudar para Brasília e ir ter com os meus, por mais que isso tenha doído ao Alejandro.

Nessa época eu já lidava com perdas como ninguém. Eu havia matematizado a vida. Se o melhor para mim estava em Brasília, então só me restava contactar o hotel

em que trabalhava, avisar das férias forçadas - “é dengue mesmo gente. Que coisa né?” - e arrumar as malas.

Em apenas dois dias, a mudança inteira estava pronta e, em meio a vômitos e sono incontinente, fomos, mamãe e eu, em direção à Capital Federal. Meu novo endereço: Lago Norte - bairro chique entre os chiques.

O Alejandro chorou bastante na nossa despedida, e disse que ficaria esperando o meu retorno. Eu achava tudo tão ilógico que apenas concordava. Ele me prometeu uma visita para o final de semana seguinte e eu, por mais uma vez, me fascinei com sua facilidade de se doar. Se tocar de carro de Belo Horizonte para Brasília apenas para me dar apoio; estar lá, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença.

Cheguei em Brasília ainda catatônico, e os sorrisos amarelos de meu tio e primos se fizeram notar. Eu também não ousaria pedir que eles fingissem alegria diante do estágio avançado de câncer por que minha tia passava.

Na manhã do meu primeiro dia em Brasília, minha mãe me acordou para, juntos, reiniciarmos a peregrinação em busca de uma segunda causa para meu padecimento físico. Isto me cansava mais que a idéia de estar doente. Detesto “ter” que ir a algum lugar, “ter” que resolver problemas e pensar. “Paris é para quem não precisa”, eu pensava.

Já sabíamos que apenas a aids não estaria causando todo aquele estrago, e que alguma “oportunista” tinha tomado a frente do campo de batalha.

Antes das 7 da manhã, saímos de nossa mansão nos lagos, guiados por nosso motorista, em busca de uma renomada médica infectologista que atendia pelo SUS (Sistema Único de Saúde) e estava em todos os jornais como o último grito da moda outono-inverno soropositivo: Dra. Angela, minha “anjinha” particular na rede pública.

Ela prefere ser chamada de advogada do diabo; diz que corre atrás de coisas feias e tenta ver o pior

em tudo, para que possamos - os pacientes - pensar apenas em melhora.

Inclusive por isso, os dados médicos deste relato não devem ser tidos como isentos de falhas. A Dra. Ângela sempre tomou conta dessa parte, e eu não fazia questão de aprender os nomes, até bonitinhos, de todas aquelas novidades feias. O básico sempre se aprende, mas nunca parei para estudar a matéria a fundo. De resto, minha mãe anotava as recomendações da médica e tentava entender. Quando não ela, a Patrícia assumia. Essa apareceu depois de começada a brincadeira, como enfermeira de minha tia, e acabou me ajudando com o seu conhecimento e habilidade técnica.

Minha primeira consulta foi longa e cheia de burocracias. Documentos para lá e para cá, perguntas das mais variadas sobre doenças durante a infância, preferências sexuais, vícios, hábitos alimentares - incluindo uma pergunta inédita:

- Você já tomou sangue?

- O quê?

- Sangue. Você já tomou sangue?

- Não... quer dizer... toda vez que me corto eu chupo o corte, mas nada que dê para dar um gole. Serve?

E ela anotava tudo em seu - meu - prontuário, com aquela expressão de quem está terminando de montar um quebra-cabeças de 4000 peças.

Ela me contou que eu teria que fazer todos os exames novamente, pois exames de outro estado não eram aceitos. Meu braço até se contraiu diante da constatação: muito mais picadas. Seria possível tanta anti-produção?

Passamos para a função exames de sangue, e eu já estava mais acostumado a ser picado, apesar da dor que as veias machucadas me causavam. Nessa época, comecei a preferir ficar olhando para a agulha enquanto ela ia entrando no meu braço, ao invés de fechar os olhos. Assim, ao menos, eu fico sabendo se a pessoa acertou a veia na primeira tentativa, e se ainda ia demorar a encher

os frasquinhos – sempre inúmeros – ou se teria que tirar uma das Barbies da minha coleção para que ela pudesse treinar em casa.

Fizemos uma contagem de cópias do vírus por mm³, e o resultado sairia dentro de alguns dias.

Voltamos para a sala da médica, que, sempre simpática e sorridente, parecia querer dizer: “Não se preocupe, é só um susto. Vai passar!”

A porta da sala do consultório estava lascada, visivelmente por ação de uma faca ou objeto pontiagudo.

- O que é que foi aquele buraco na porta?

Ela nem tirou os olhos do prontuário para responder.

- Um paciente.

- Estava “impaciente” no dia?

- Um tanto. Tinha acabado de pegar o resultado do exame. Saiu quebrando portas.

Ela contava e continuava a escrever como que a me receitar aspirina. Uma serenidade admirável.

Parecia entender o desespero daquele homem que quase a havia espancado. “Coisas de rotina.”

Isso me fez lembrar de uma noite no hotel. Eu já estava cansado, e meu turno quase terminando, quando um rapaz de não mais que 30 anos chegou na recepção e pediu por um quarto. Nada mais normal. O problema é que ele não parava para preencher a ficha da entrada. Ele vinha, murmurava algo, dizia que eu não queria lhe dar o quarto e saía para mais uma volta no hall de entrada.

- Eu sei que você não quer me deixar entrar. Ninguém quer me deixar entrar mesmo...

- Senhor, basta que esta ficha seja preenchida e o quarto poderá ser ocupado. Por favor...

Diante das loucuras usuais que um recepcionista presencia, aquela nem era uma situação tão anormal, mas preferi chamar os seguranças. O cara parecia realmente transtornado.

Eles abordaram o rapaz e depois vieram me contar que ele acabara de receber seu resultado positivo e queria alugar um apartamento alto para se jogar da janela.

Aquilo me deprimiu na época, mas ainda era algo muito distante para ser sentido de verdade. Claro que o fantasma da aids já pairava sobre meu mundo. Sempre ouvia falar de amigos de amigos de amigos meus - normalmente pessoas mais velhas - que tinham contraído a doença. Nunca nada tão próximo, nunca alguém na minha frente.

Tive vontade de ajudá-lo assim como sentiria vontade de ajudar qualquer outra pessoa em desespero, mas ele pedia apenas por um quarto. Não era ajuda o que ele procurava. Eis um ponto a ser levado em conta.

Já nessa época, a minha situação era periclitante, com picos de febre de mais de 40 graus durante as tardes, e calafrios horríveis durante as noites gélidas do inverno candango.

Eu dormia com a minha mãe no segundo pavimento da casa, pois tinha que evitar o contato mais próximo com a minha tia. Era melhor para os dois, já tão abertos a quaisquer bactérias.

Meus talheres foram separados, em nome de minha própria segurança. Havia um jogo inteiro, só para mim. Louça azul.

Minha mãe já estava esfalfada das noites perdidas. Eu dormia de dia, enquanto a febre não chegava e não a deixava dormir com meus tremores intensos. Não havia cobertor que resolvesse durante a noite. A parte de cima da casa era toda em madeira, e mesmo assim eu parecia congelar por dentro.

Minha mãe permanecia ali, com a melhor cara que suas olheiras lhe permitiam. Parecia estar apenas esperando a dor de barriga de seu bebê passar para poder descansar sossegada, e eu ia assimilando esta pretensa não-preocupação demasiada. Foi-me muito bom acreditar que ela não estava se acabando em lágrimas por causa da minha doença. Era menos uma coisa com que me preocupar.

O final de semana chegou, e com ele veio o Alejandro. Ele trazia o resto da mudança no bagageiro de seu Honda - o mesmo que dias antes nos guiava de boate em boate(viram como eu aprendi a dar valor a carros e marcas?). Foi um encontro breve e desgastante, em que ele mais reclamou por eu ter cedido aos apelos de minha mãe e me mudado para Brasília do que qualquer outra coisa. Ele agia como que querendo me convencer a melhorar logo, voltar para Belo Horizonte e para os seus braços.

Eu queria dizer que achava tudo aquilo insano, que ele deveria seguir sua vida e tentar ser feliz, pois eu não sabia o que seria de mim. Eu não achava justo que ele ficas-

se preso a alguém doente, que mal havia conhecido - tínhamos apenas um mês de namoro - ; e tão distante, em todos os sentidos.

Eu estava em Brasília e ele em Belo Horizonte, e eu tinha mais com que me preocupar, que administrar cobranças de namorado, por mais que me visse em débito com ele. Ele merecia atenção, e eu não poderia apenas dizer: “Passar bem! Se eu não morrer antes, eu te procuro qualquer dia destes.” Não poderia dizer isso, e não disse. Nem isso e nem nada. Só ouvi.

Ele foi embora emburrado com minhas respostas curtas e falta de carinho: “Não, Alejandro, não sei quando vou poder ir a Belo Horizonte, quanto mais voltar em definitivo. Sim, Alejandro, está nas mãos da minha mãe, mais do que nunca. Sim, Alejandro, tenho planos de voltar para lá. Se ela não deixar? Se ela não deixar não deixou, Alejandro!”

Muito depois, fiquei sabendo que, nessa ocasião, ele falou para minha mãe que nunca a perdoaria caso eu morresse. Foi muito para a minha cabeça. Dá para acreditar? E a minha mãe ali... tocando.

Os exames saíram e decidiu-se pela minha internação, para que outros mais detalhados fossem feitos, incluindo possível biópsia para detecção do que quer que fosse. A situação era emergente, pois os exames convencionais não apontavam nada.

Lá fui eu para o **HRAN** - Hospital Regional da Asa Norte. Era até limpinho, mas tinha muita cara de hospital para ser um local agradável. Da minha janelinha, dava para ver a Torre de TV e o Conjunto Nacional*.

A comida era horrível; quarto com mais um. Acho que o senhor da cama ao lado tinha câncer. Ele não parava de pigarrear em um baldinho de plástico ao pé da cama. Minha mãe ficou amiga da esposa desse senhor, e eles nos prometeram mandar carne de sol e doces de suas fazendas, quando saíssem da internação.

Os dias passavam lentamente, uns iguais aos outros, e eu deitado. Fiquei uns 15 dias ali, e até me acostumei

* Conhecido centro de compras de Brasília.

com os banhos de mangueirinha que eu tomava sentado no vaso sanitário, com o fato de não ter força para apertar a descarga da privada e com a diarreia “ferrada”. Só não me dava bem com o caldo de feijão e água que eles me serviam: totalmente sem tempero, apenas uns grãos de feijão boiando em água cristalina com um pedaço de algo que eles confundiam com carne.

A enfermeira podia jurar que aquilo era carne; mas eu não acreditava, nem comia.

Suco de goiaba, sempre. Goiabada na sobremesa, papa de goiaba à tarde, goiaba *in natura* de noite, creme de goiaba com goiaba ao molho de goiaba preparado à goiabeza a qualquer hora do dia ou da noite. Nunca comi tanta goiaba na minha vida. “Para segurar intestino” – diziam. E eu sobrevivendo à base de goiaba.

Toda vez que como goiaba, eu fico meio apreensivo quanto a bichinhos de goiaba. E desta vez, no hospital, não foi diferente. Há quem diga: “Bicho de goiaba? Goiaba é”. Não para mim. O mais intrigante é que por mais que imaginemos que eles não atacaram aquela goiaba que está em nossas mãos, eles sempre estão lá.

Isso me fez lembrar do Ziraldo e de seu “O Bichinho da Maçã”. Adorava ler seus livros quando criança, especialmente esse do bichinho da maçã.

Dizem que pior que encontrar um bicho na goiaba, é encontrar meio bicho. Eu ficava pensando nisso com a goiaba na mão, criando histórias com os bichinhos e pensando em como eles se sentiam dentro de uma fruta; e depois, ao serem comidos. Pensei até em contar para eles que eu estava com HIV para ver o que aconteceria. Eles não eram o bichinho do Ziraldo, mas foi divertido imaginar um monte de bichinhos saindo correndo de dentro da goiaba ao saber que seriam comidos por mim. Fiquei pensando nesses bichinhos encontrando outros seres pequeninos e mais perigosos dentro de mim. Eu me divertia criando histórias e cenas diante da falta total do que fazer.

Não cheguei a fazer a biópsia, nessa primeira internação, pois os médicos sequer sabiam o que abrir primeiro para analisar. Estavam relutantes em abrir minha

barriga para uma biópsia generalizada. Decidiram por iniciar o uso do coquetel anti-aids e continuar a caça ao bichinho misterioso. Me deram alta, e eu voltei para casa.

Eis que retornando à minha mansão no lago, após ser devidamente rerepresentado ao sal e aos outros condimentos, o meu pescoço começou a inchar. Não doía nem nada, mas em poucos dias eu estava com dois melões na garganta, um em cada lado do pescoço. Dá-lhe internar novamente, agora já com o que abrir para analisar.

Dessa vez, eu não tive tanta sorte. Os leitos do andar presidencial estavam todos ocupados, e fui colocado junto com outros 20 enfermos em um saguão nem tão limpo, e sem direito a acompanhante.

Ali eu pude ver, apenas de relance - graças a Deus - a precariedade dos serviços públicos de saúde no País. Eu poderia morrer, que ainda demoraria a aparecer alguém para remover o corpo. E eu ainda tenho que agradecer, pois minha médica, ciente do que eu estava prestes a passar, pediu atenção especial ao meu caso e a enfermeira só trocou o meu remédio uma vez, e esqueceu de me dar o mesmo uma única outra vez. E eu ali, sempre na janelinha, tentando acreditar que o ar puro chegava primeiro para mim, e depois para o resto da cambada. Era tanta gente na sala que eu comecei a entrar em paranóia, imaginando o que poderia estar voando naquele ar - bichinhos não tão amistosos.

Ebolas à parte, eu só queria que alguém me levasse para o andar de cima, para poder fazer a cirurgia de uma vez e achar alguma coisa; qualquer coisa que nos tirasse da ignorância total. O tempo rendia e era escasso.

Fomos para o andar de cima, mamãe e eu - acompanhantes eram bem-vindos - ; para o andar dos mais “ferradinhos” e mais bem tratados: banheiro para dois, apenas (eu e meu amiguinho, também vivendo com aids), e janelinha. Um luxo!

Assim que eu cheguei ao quarto, esse companheiro estava recebendo a visita de uma amiga e me surpreendeu ao começar a citar os nomes dos remédios que estava tomando. Parecia querer dizer: “Estou com aids. Isso é problema para você?”. Depois que tomamos liberdade um com

o outro, ele me contou que o último ocupante do leito em que eu estava não queria vê-lo nem pintado de AZT; por isso, preferiu deixar as coisas claras desde o início.

Porta lacrada e neurose estabelecida: “É melhor não transitar demais pela porta do quarto, pois há um cara em quarentena aqui do lado e ainda não descobriram o que ele tem.”

Eu já passava o maior apuro quando tinha que pegar o elevador do hospital, que andava sempre lotado e cheio de gente respirando. Com essa notícia do vizinho doente de algo ainda não-identificado, entrei em paranóia. Minha janelinha podia ser uma inimiga, e eu ficava imaginando correntes de ar saindo da boca deste sujeito de quarentena, passando pelas janelas e chegando ao meu quarto.

Acho que não fui dopado durante as minhas internações, e por isso me impressiona certa facilidade que tive para passar por aqueles longos dias deitado, comendo uma comida terrivelmente mal preparada e sem sabor, e sem a mínima chance de levar qualquer coisa da rua para o quarto. As bolsas e bolsos da minha mãe e de qualquer visitante eram revistados na entrada do hospital. Minha mãe aprendeu a encaixar saquinhos de pastel dentro da calcinha, de forma a conseguir burlar a segurança, andando sem mancar para não levantar suspeitas.

Assim, os dias seguiram mais saborosos que de costume, e mais prazerosos também, com meu companheiro contando da bênção de ter tido um filho saudável e de não ter contaminado a esposa; eu ouvia e esperava pela marcação da cirurgia.

Minha mãe sempre firme e forte ao meu lado, pronta para a guerra; sempre disposta a fazer uma massagem nos meus pés, e me dar banho de seiva de alfazema para refrescar o calor desértico de Brasília.

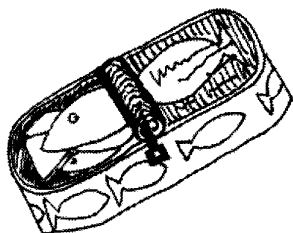
Minha médica aparecia ali de vez em quando, apesar de não ser responsável pelo setor em que eu estava. Dizia gostar de visitar seus pacientes internados e isto me fazia muito bem.

Minha mãe ia se especializando no transporte ilícito de alimentos: pastéis, quibes, chicletes, pedaços de bolo.

Bem verdade que chegava apenas o farelo da comida, mas mesmo assim, era um manjar. Quinze minutos depois eu iria vomitar tudo, mesmo. O que importava era o momento de intenso prazer.

O ápice da luxúria degustativa se deu em uma madrugada em que acordei rogando por sardinhas. Acreditem. Minha mãe desceu de pijama até a padaria, comprou uma lata de sardinhas, pediu um abridor emprestado - contando a história comovente ao dono do estabelecimento - , colocou a lata entre as pernas e se tocou de volta para o hospital. Meus olhos brilharam diante da miragem: sardinhas coqueiro! Elas nunca me pareceram tão apetitosas.

Tranquei-me no banheiro, desdobrei o pão francês - meticulosamente dobrado em quatro - , parti o pão ao meio com os dedos, tomando cuidado para não deixar a casquinha crocante cair no chão, abri a lata e coloquei as sardinhas ali, ainda com espinhas. Nem os restaurantes mais chiques a que fui me puderam ofereceram melhor iguaria. E o ambiente... que ambiente! O banheiro de minha suite, com o chuveiro ainda pingando e o vaso sanitário provido de apoio para as mãos. Uma fragrância leve de pinho no ar. O desinfetante deles podia ser sentido a metros de distância.



Faltei gozar. Só não bebi o óleo da latinha, pois sabia que isto me enjoaria. Caso contrário eu até que tentaria.

Acabada a orgia, destranquei o meu refeitório e fui me deitar. Vi a satisfação estampada no rosto de minha mãe. Dormi até a hora da próxima dose do remédio, anunciada pelo enfermeiro.

Eu acho que ele era gay. Nós chegamos a conversar algumas vezes, e eu notei algo de diferente, digo, de “igual” nele. Para mim era estranho pensar que eu estava tendo contato com um gay que sabia tudo de mim através de meu prontuário, apesar de eu não tê-lo autorizado a ler nada. Percebi o ridículo do pensamento em tempo de poder aproveitar os detalhes que ele me contava da noite de Brasília, que prometia me apresentar.

Os remédios começavam a fazer efeito. Ao menos os colaterais já estavam se fazendo notar: dor no corpo todo, enjôo o dia inteiro, sono, sono.

Chegado o dia da cirurgia, eu quis que minha mãe me acompanhasse durante toda a função. Até ela se rendeu diante desse pedido. Era demais querer que ela assistisse aos cortes. Ela pediu trégua e eu me contentei em tê-la atrás do biombo que separava a sala.

Eu nunca tinha sido aberto e estava morrendo de medo. Os comentários que se ouve antes de uma cirurgia também não ajudam muito. “Vai entrar na faca?”. Era mesmo o que me faltava ouvir. Não apenas uma pessoa. Parecia que haviam combinado fazer gracinha com a minha cara. Será que não tinham uma outra expressão para esta situação? Entrar na faca. Nem faca era, era uma gilete super afiada. Eu queria ver o bisturi que a gente sempre ouve falar na televisão. Já estava viajando na idéia de ter uma lâmina super afiada apenas encostando em minha pele e abrindo uma fenda, quando o cirurgião me contou da gilete. Agora me pergunto se eu é que tive tratamento especial por ter aids ou se eles aposentaram mesmo o bisturi.

A operação nem doeu tanto, mas a conversa travada entre o medico e sua assistente inábil é que foi de embrulhar o estômago:

- Nossa! Hm! Abre mais...

E eu pensando o que poderia ser o foco das atenções, imaginando o tamanho do rombo aberto, minha aorta ali...

- Não dá, tem que fazer uma incisão maior.

E eu não queria falar nada sobre a dor que sentia para não atrapalhar, mas bem que eu tive que me segurar. Eu estava começando a ficar com raiva deles e da conversa toda. Aquele pano preto que colocaram sobre o meu rosto, com um rasgo que deixava apenas o pescoço de fora também não me ajudava a ficar calmo.

- Segura melhor esta pinça. Tem sangue demais aqui. Coloca mais gaze. Eu não sei o que é gânglio e o que é músculo.

Agora eu ia falar. Não dava mais para agüentar... mas meu pescoço na mão deles. Que fazer? Sei lá. Vai que ficam tensos com as reclamações. “Fica quieto que é melhor”, pensei.

- Doutor... eu acho que a anestesia não pegou. - acabei falando. Não deu pra agüentar.

- Impossível. Você nem sentiu a primeira injeção.
- Ele havia me picado com uma agulha depois da anestesia para ver se já estava anestesiado.

- Eu sei... mas é que eu podia jurar que o senhor fez um corte meio redondinho com a gilete aí no meu pescoço.

E ele para a residente.

- Como pode?

Nojo.

Terminado o remake de “Os 3 Patetas”, eu pude ver um pedacinho esbranquiçado de mim dentro de um vidro com um líquido transparente. Eu ainda não podia sentir o pescoço, mas percebi que as minhas costas estavam meladas. Empapadas de sangue, para ser mais exato. Não que eu pretendesse sair de uma cirurgia de remoção de gânglios sem perder sangue, mas daí a ver minha mãe tendo que me limpar com papéis absorventes - SEM LUVAS - foi o fim. Ela tirou um bife de fígado - era idêntico - de sangue coagulado de minhas costas.

Fui para o quarto me lavar, dormir e esperar resultados.

Tuberculose ganglionar. Caso raro. A mais comum das tuberculoses ataca os pulmões.

Acho que se tivesse que escolher entre tuberculose normal e a minha, preferiria a minha. Ter a capacidade de respirar afetada deve ser sofrimento demais, e meu cigarro, na época já tão diminuído, teria que ser abolido de vez da minha vida.

Começou, então, uma nova fase no meu tratamento. Apesar de a infectologista não acreditar que era

tuberculose ganglionar, baseando-se nos sintomas mais comuns da doença, começamos o tratamento com antituberculosstáticos e ficamos aguardando. A Dra. Ângela estava sendo auxiliada por uma pneumologista, que era quem dava a última palavra quando o assunto era tuberculose. As duas perceberam que o uso de todas as drogas necessárias causariam uma toxidade muito elevada, e preferiram adequar as doses para não deixar nem um lado nem o outro sem atenção.

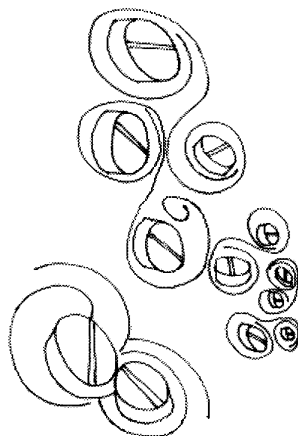
Mais comprimidos para a minha lista de afazeres diários. Dá-lhe engolir pílulas das mais variadas cores. Pareceriam confeitos de açúcar, não fosse o gosto de tangerina que colocavam em um deles. Eu tinha que tapar o nariz para não vomitar, antes de ingerir aquele punhado de “química a serviço da vida”. Isso para não falar que um deles era maior do que a minha garganta – justamente o de tangerina. Não sabia o que era pior, engolir inteiro e correr o risco de engasgar, ou moer e sentir o aroma da fruta mais forte.

Apesar de ainda não ter apresentado melhora nessa época – eu havia apenas acabado de iniciar o tratamento – fui mandado para casa. Não havia muito mais a ser feito no hospital, e eu tinha que comer.

Meu maior desejo era que meu corpo aceitasse bem toda a carga de remédios. Sabia de gente que não suportava tamanho bombardeio. Queria saber o que fazer se os remédios causassem mais mal que bem. Que outro caminho havia? Não ousei perguntar. Eles seriam aceitos pelo meu corpo, dentro em breve.

Cheguei em casa. Além de aidético, tuberculoso. Aquilo já nem tinha mais graça. Agora é que eu não podia nem sonhar em ver minha tia, mesmo. Só recebia notícias dela.

A febre não passava, e eu ainda perdia peso. Comecei a me dar conta do fim do túnel se aproximando a passos largos. Algo começou a mudar em mim. Percebi que o fato de eu não conseguir chegar ao banheiro antes de me melecar, deveria significar algo, anunciava



más novas. Eu me olhava no espelho e via o quê? Duas bolas vermelhas - o pescoço, não as bochechas - , com um restinho de rosto pendurado, cabelos caindo freneticamente. Lembrei-me do Cazuzu e me imaginei de lencinho na cabeça.

Eu tomava mais ou menos três banhos por dia, nessa fase. Sempre me sentava em uma cadeira de plástico, e ficava lá, horas e mais horas com a água quente escorrendo pelo meu corpo esquelético. Ali eu cantei de tudo um pouco: Cazuzu, Legião, Roxette, música das igrejas de negros americanos: “I will follow Him / Follow Him wherever He may go / There isn't an ocean too deep / A mountain so high that can keep / Keep me away from Him”^{*} Acho que o nome dessa música é originalmente “My guy”^{**}, mas como eu gostava de lembrar da Woopie Goldberg cantando em “Mudança de Hábito” cantava esta versão.

Eis que me vi cantando a Deus, pelado embaixo do chuveiro, perdido em uma cidade estranha, doente e com o pescoço supurando, aberto; aidético, tuberculoso e feliz. Feliz por ainda poder cantar. Pensei nos mudos que nunca experimentariam aquilo.

Essas cantorias custaram a paciência de meu primo. Ele não agüentava mais ouvir o TOP 10 do sanitário. Meu banheiro ficava bem em cima do quarto dele.

Envolto em mil inseguranças, um sem número de remédios e tudo mais, comecei a sentir uma maior necessidade de orar, de dizer a Deus que eu queria acreditar que aquilo não passava de uma provação, que via aquilo apenas como uma rasteira que Ele me dava em nome de meu despertar. Queria poder pensar que Ele dizia:

“Péralá, meu amigo. Sua existência até aqui tem se baseado em seu belo rosto que Eu lhe dei, em seu corpo

* “Eu vou segui-Lo / Seguí-Lo aonde quer que Ele vá / Não há um oceano fundo demais / Uma montanha tão alta que possa me manter / Distante Dele”

** A palavra *guy* dá margem a muitas traduções: cara, rapaz, namorado, denguinho, bizungo etc.

forte e atraente que Eu desenhei e na facilidade de ter sexo que eles te proporcionam. Chega mais e deixa eu te contar um detalhe: A vida não é só isso”, e PUM.

Caí e tive que me ver como realmente sou: pequeno, escrotinho, incapaz de encarar um vírus microscópico com minhas próprias forças. Indefeso, impotente, infantil, imaturo, pobre, dependente - em todos os sentidos - feio, ficando careca, magro... “sem carinho, sem coberta, no tapete atrás da porta...”

Foi duro encarar a realidade, mas isto me serviu de primeiro passo para a proposta mais mesquinha e egoísta que eu já fiz a alguém: minha vida pela devoção incondicional a Ele. Era tudo ou nada. Só eu tinha algo a perder, mesmo.

É triste perceber que tive que chegar lá, no fundo do poço, e ainda cavar mais um pouco para acordar. Tive que me encontrar em petição de miséria para me curvar e pedir clemência, me admitir limitado.

Desde esse instante, tive a certeza da minha recuperação. Sabia que era uma proposta interessante, até mesmo para o “Todo Poderoso”. Ele não iria deixar perecer alguém que se comprometia em viver e criar em seu nome, iria?

Pensei em todas as promessas não-cumpridas de minha vida. Gelei.

Daquela vez não seria como antes. Eu não estava prometendo nada que não pudesse cumprir. Cheguei mesmo a pensar em ir mais longe e dizer que pararia de fumar e seria celibatário para todo o sempre, mas achei melhor dar passos do tamanho da minha perna - menores ainda, pois as mesmas já nem caminhavam tão bem.

Não achei que Ele fosse ficar satisfeito com o meu celibato. Se fosse para ficar mais saudável aqui na Terra e sofrendo com vontades contidas, eu preferiria não ficar. Uma vez que eu já estava certo de que Deus me amava, e que ele queria que eu fosse feliz, me restringi a promessas de cunho religioso - enquanto praticar mais oração e me deixar

mais aberto à sua obra - , e de auto-estima - como a não me exceder em noitadas e bebidas, fumo e sexo.

Deixe-me em vida e eu tentarei aprender a viver. Esta é a melhor frase para expressar o que eu Lhe proponha.

Como não era uma questão de escolha, mas sim do que podia estar sendo minha última chance de vislumbrar uma luz no meio daquele mar de merda, mantive meu pensamento positivo e minha oferta em pé.

Pensei em todo o trabalho que daria produzir em Seu nome, pelo resto de minha existência, e fiquei cansado só de pensar. Daria tanto trabalho!

Pensamento positivo! Eu tinha que pensar positivo e acreditar na cura, a qualquer custo. Era preciso ter um quê de louco para isso? Eu teria. Seria o maior psicodélico que este planeta já recebeu. Tinha que parar de ver as coisas diante da realidade tridimensional? “Viajar na maionese” mesmo? Crer no irreal e fingir que não via as pessoas morrendo por causa daquele bichinho que eu trazia dentro de mim? Que fosse. Foi o que eu comecei a fazer.

Graças a Deus - digo de boca cheia - Ele apareceu antes do diabo. Eu teria vendido a minha alma ao primeiro caixeiro viajante que me desse expectativa de sobrevida. E triste e real. O desespero se estabeleceria caso eu não tomasse essa posição, entre alienada e mística, diante da vida e da morte.

Deus estava lá, como sempre, e me auxiliou assim que ouviu meu primeiro chamado. Acho que até na Bíblia tem isso: “Me chame e será atendido”, ou, “Me peça e será atendido”. Sei lá.

A Bíblia sempre me pareceu meio manipulada pelas mãos humanas mesmo. Se eu lia isto de que “Ele estaria lá”, não era em outro lugar senão dentro de mim.

Imaginem minha decepção ao ser internado pela terceira vez, dois dias após meu voto de fidelidade absoluta. Dores descomuns no abdome. Nem conseguia me levantar da cama para pegar o carro e ir ao hospital. Foi tétrico.

A escada que ligava o primeiro ao segundo pavimento da casa parecia uma barreira intransponível. Aquelas escadas em caracol já são um estorvo na vida de saudáveis de sandálias e obesos descalços, imaginem para uma pessoa convalescente com poliadenomegalia* . Desejei nunca ter subido tão alto na vida.

- Dra. Angela, que se faz agora? – minha mãe para a médica - Derruba a parede e guincha o menino para o hospital? Você vem aqui? Ah, não pode? Sei, você tem mais gente para atender. E nós???. Dorme em casa então que amanhã a dor já deve estar menor? Sei. Melhor nem se mexer demais que pode ser sério, né? Mas não importa, ele não pode nem virar de lado que reclama. Boa noite. Até amanhã.

No dia seguinte, já dava para andar. Aleluia! Eu só fazia reiterar minha oferta a Ele e continuava mantendo meu pensamento positivo. Sempre mentalizando boas energias ao meu redor e a cura se materializando.

Não vou nem citar as cenas que criei para mentalizar boas vibrações vindo em minha direção. Corro o risco de ser internado em hospital psiquiátrico, mas, se os fachos multicoloridos de luz que eu imaginei levando as impurezas de meu corpo para o hiperespaço funcionaram, os ufólogos podem desistir de contactar vida inteligente fora da Terra. Exterminei-as todas com meus vírus astronautas.

Toca para o hospital, quarto com mais três: um senhor recebendo alta; um com um caso sério de sei lá o que, até suspeita de HIV, mas pela idade avançada e fragilidade física nem fizeram o teste, pois não resistiria aos medicamentos caso estes se fizessem necessários; e um rapaz com aids e louco.

Minha mãe que me contou os detalhes dos casos de cada um. Ela tinha as informações diretamente da enfermeira.

Acho que todos sabiam de todo mundo, dentro daquele quarto, mas eu ficava esperançoso de que a enfer-

* Vários órgãos com tamanho alterado, normalmente por efeito de drogas e medicamentos nocivos ao bom funcionamento do organismo.

meira não fosse falar de mim para os outros o mesmo que dizia sobre a morte premente do senhor idoso.

A falta de profissionalismo era tanta! Eu queria esganar a moça dos remédios quando ela entrava no quarto com aquela cara de “hora do show”, gritando: “Bezinho, seu AZT!!!”. Se ainda fosse bactrim ou outra coisa menos óbvia, vá lá. Eu olhava para os lados como que a me desculpar: “Bem... acreditem... no passa pelo ar...” E eu já não gostava dela.

Sempre a mesma vinha me dar injeção todo dia de manhã. Mais ou menos um mês tendo como certo acordar, tomar o café e virar a bunda - já calejada de tanto ficar deitado na mesma posição - para essa enfermeira me picar as nádegas. Eu pedia que ela variasse um lado e o outro, a cada dia. Não adiantava muito com relação à dor, mas o efeito psicológico de não picar apenas uma das bandas seguidas vezes me confortava.

A injeção tinha um composto de líquido e pó. Nunca vi nada igual. Parecia sal entrando na circulação. Doía horrores. Unindo os fatos de ela gritar que eu tomo AZT no quarto e de eu vê-la sempre me picando, não havia mesmo como gostar desta moça.

- Quer agora ou deixa para depois do café?, ela dizia com os compostos da injeção na mão. Nos dias em que eu acordava mais animado eu ate encarava a injeção de uma vez:

- Vamos acabar com esta tortura de uma vez. Pode vir...

Já quando acordava de mal humor, não queria nem papo. Fazia a linha bico:

- Ah, espera mais um pouco. Ainda estou com sono. Deixa só eu tomar o café, tomar banho... vai que você esquece de me aplicar a injeção... eheheheh

Ela nunca esquecia, e quando vinha pela segunda vez não havia sarda. Tinha que ser na mesma hora.

A acompanhante do senhor idoso em estado avançado de doença era uma barato: Wilma. Meio baiana, da-

quelas arretadas. Deixou minha mãe e suas técnicas de carregar comida dentro da roupa, no chinelo. Ela entrou com um bolo inteiro intacto, refrigerante e um pacote de biscoito de polvilho! Disfarçou uma gravidez e nós fizemos a festa no quarto.

O velhinho a adorava, e não era para menos, mas não comeu muito. Eu e o outro cara do meu lado - o recém chegado - nos fartamos. Esse novato pareceu não entender a alegria em nossos olhos ao comer tão simples guloseimas.

O rapaz com aids, quieto. Não comia, não bebia, não fazia nada. Aquilo era uma tortura. Obviamente minha mãe deve ter pensado coisas terríveis de meu futuro, e chegou mesmo - me contou depois - a pedir que Deus me levasse antes que eu chegasse àquele estado.

O mais triste de tudo é que a enfermeira - a mesma funcionária-padrão citada anteriormente - havia contado que esse rapaz havia sido deixado aos cuidados do hospital. Era de família rica que custeava sua estada, mas as visitas se davam muito esporadicamente. Impressionante como todos sabiam de tudo naquele quarto.

E para não dizer que não terminei de esculhambar essa senhorita que me foi muito útil e a quem sou muito grato pela atenção dispensada com remédios certos na hora exata, resta dizer que ela chamou minha mãe em um canto para dizer que era melhor ela não ter grandes esperanças quanto à minha recuperação, pois os prognósticos não eram dos melhores. Disse a ela que a via sempre sorrindo e me dando apoio, e não queria que se iludisse com um possível milagre.

Lixo (não ela, a situação toda). Para a enfermeira, fica a mensagem: DEUS É MAIS!

Mas como todo testemunho de fé em igreja evangélica tem que ter a parte de “eu estava desenganado pelos médicos”, fica aqui esta passagem. Completíssima: Minha médica convicta de minha melhora e a enfermeira passando contatos de funerárias que financiavam caixões para minha mãe. Se duvidar, até comissão ela ganhava.

Essa estada no hospital durou mais que as outras. Eu já não levantava nem para fazer xixi. Só para fazer cocô.

Teve até uma noite em que me levantei para fazer cocô enquanto todos os acompanhantes dormiam, luxuosamente acomodados em seus colchonetes no chão. Ao tentar saltar a Wilma – meu último obstáculo antes da redenção total – senti que não daria tempo de chegar ao sanitário. Que fazer?

A cena: Perna aberta sobre a mulher. Tudo querendo fluir de mim. A perna aberta. A cabeça da Wilma na mira. Eu me segurando a não mais poder. A cabeça da Wilma. O banheiro tão distante! Deu tempo de voltar uma das pernas e me prostrar sobre o cesto de lixo.

Ela ainda acordou por causa do barulho, com ares de “o que está acontecendo”, sem saber que acabava de nascer de novo.

Tive duas crises de pneumonia durante esse período, e os médicos abriram o outro lado do meu pescoço. Menos carneiro este segundo cirurgião, mas o assistente não sabia a diferença entre fazer força para estancar o sangue e se apoiar inteiro sobre o meu pescoço. Desta vez eu não reclamei. Quem sabe funcionaria melhor ficar calado e deixar eles trabalharem? Talvez até limpassem minhas costas.

Quando menos esperava já estava tudo terminado.

- Já terminou?

- Já.

- Então agora vocês vão me fechar, né?

- Os pontos já foram dados.

- Amém.

Recebi sangue por mais de duas vezes, pois estava mal pacas. Tinha que alcançar um número x de leucócitos para poder pensar em receber alta, e este número nada de chegar. Sempre ficava x-1, x-2, e nós esperando.

O exame do outro lado do pescoço veio confirmar a tuberculose ganglionar e a infectologista se acalmou.

As notícias frescas vindas do exterior diziam que a recuperação era lenta mesmo, e que o quadro de febre era um dos últimos a se reverter. Tudo era muito novo. O mundo inteiro estava experimentando técnicas diversas, ao mesmo tempo em busca de uma solução para a encruzilhada HIV/TBC.(aids/tuberculose)

Virei *sex-symbol* da sociedade médica internacional. Fotos de meu pescoço rodaram a Europa em encontros de infectologistas, onde casos similares eram expostos como possíveis cânceres e as pessoas tratadas com quimioterapia. Me senti ótimo como cobaia bem sucedida. Quinze minutos de fama todos temos, não é o que dizem?

Prognóstico: reservado. Quinze quilos mais magro, ainda com febre alta diariamente, e enjoado; comendo melhor, mais sorridente e convicto da melhora... um dia.

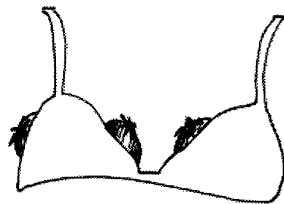
Minha tia também estava melhorando, e pôde ir até a porta do hospital me levar dois caquis, jeitosamente acomodados no sutiã da minha mãe.

Eis que mamã chega ao quarto trazendo beijos da titia e perguntando se eu não notava algo diferente em seu corpo. Não consegui identificar nada estranho. Quando ela tirou os caquis do peito eu tive que rir. Era carinho demais.

Foi o contato mais direto com o calor de uma mulher que eu tive. Comi os caquis ainda quentes do calor materno com a boca aguada.

As visitas eram raras. Meu irmão me pediu desculpas, mas não queria me ver em uma cama de hospital. Fez ele muito bem, inclusive. Minha tia nem podia ficar se expondo demais. Quem eu via com frequência era a Valéria, amiga da minha mãe, vítima da talidomida, que por não ter braços, foi escalada para entrar com refrigerante quase todos os dias. Ela não era revistada, e sua mochilinha vinha cheia de novidades do mundo externo. Mais uma prova de que até da discriminação pode-se tirar proveito.

A visita dos religiosos ao meu leito já nem me incomodava tanto. O que me deixava em ponto de explodir era a introdução da narrativa por: “Você quer receber Deus em seu coração hoje?”. Dava vontade de responder: “Desculpe, mas ele já chegou e tomou conta do lugar”, mas não.



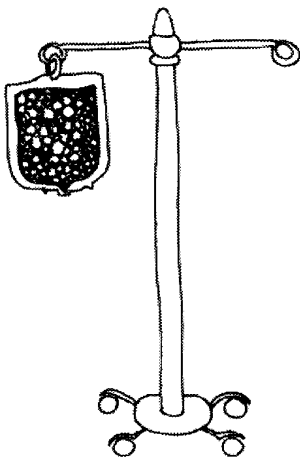
Eu tentava receber todo o carinho que eles traziam, cada um à sua moda: crentes de longas tranças, que eu via cheias de bactéria, (mas Deus devia matar todas antes de deixar estas moças entrarem em hospitais, não?), testemunhas de Jeová, católicos apostólicos e suas Bíblias douradas; espíritas e seus passes. Acho que até Seicho-No-Ie passou por lá, em forma de folheto.

Eu só pensava em sair dali o mais rápido possível e procurar uma Igreja Batista para frequentar. Queria conhecer um grupo de jovens ativo como o que conheci quando ainda morava em São Paulo, bem menino. A gente fazia acampamentos e não nos consumiam com interpretações coletivas da Bíblia - pelo menos as crianças estavam livres disto. Não socavam Cristo goela abaixo de ninguém, mas o ministravam em doses homeopáticas, através de cânticos alegres e orações. Foi a igreja que mais me agradou das muitas que conheci, e eu sentia vontade de entrar em contato com eles novamente. Essa era a minha primeira meta após sair do hospital.

Assim se seguiam os dias, com ou sem refrigerante, sempre cheios de exames e piadas, repletos de transfusões e visitas de religiosos, e a sempre presente expectativa de aumento de leucócitos.

Toda transfusão era seguida de uma expectativa muito grande em torno do aumento de leucócitos. Certo dia, percebi que o primeiro nome do doador constava na bolsa de sangue, ao lado de montes de códigos. Pensei que seria legal encontrar a Tereza 956473-34, que tinha me ajudado tanto sem sequer me conhecer. Foi o sanguinho gordo dela que me fez alcançar a taxa almejada. Brigadão Tê!!! Que saúde hein, mulher?!?

Rua!



Somando tudo que havia de positivo - além de meu exame de HIV - , fui melhorando pouco a pouco, bem pouco a pouco, e lembrei da idéia de visitar uma Igreja Batista. Como já estava um tanto mais forte, resolvi tirar um domingo para conhecer o grupo de jovens da comunidade do Lago Norte.

Chegamos lá, minha mãe e eu, e soubemos que este grupo já estava reunido.

- Vou entrar, então. Não vou... Vou... Não vou...
Fica para a próxima vez. Tá me batendo um enjôo.

Eu queria voltar pra casa correndo. O café da manhã caprichado estava dando voltas em minha barriga, e nessas horas nada melhor que cantar no chuveiro, sozinho.

Alguém insistiu para que eu entrasse apenas para ser apresentado ao grupo, e eu informei que não me responsabilizaria se eu vomitasse no meio da sala durante a visita. “Sem problema? Então vamos lá!” Ia ser falta de educação demais também chegar, mobilizar o pessoal e nem mostrar a cara.

Entre na sala e me senti estranho. Me senti doente em meio a sadios. Caras rosadas, bonitas e jovens. Me ofereceram uma oração e eu quase chorei. Prometi voltar quando mais disposto.

Antes que eu pudesse melhorar, eles já me prepararam algo que muito me impressionou. Marcaram com minha mãe uma visita surpresa à minha casa, quando cantaram na sala - mais de 20 jovens, reunidos em uma tarde em que poderiam estar fazendo 1001 outras coisas - , me deram uma Bíblia e me fizeram chorar. Dessa vez com vontade.

Conseguiram restituir minha crença na raça humana. A mesma que eu tinha perdido ao apanhar quando fui assaltado, mesmo tendo dito à gangue que então me abordava que entregaria tudo que eles pedissem. Me bateram por bater, e viraram meu maior referencial de desumanidade.

Já esses garotos e garotas da igreja restauraram isso que tinha ficado para trás. Me devolveram a utopia de um mundo melhor.

Eles foram marcantes, mesmo. Eu nunca havia presenciado uma mobilização jovem tão grande. Me tocaram de uma forma muito especial, e eu não soube agradecer. Dizer obrigado não foi o bastante. Preciso ainda ir a Brasília para dizer o quanto foram importantes, e que eles podem contar comigo para o que der e vier, faça chuva ou caia o mundo.

Cheguei a participar de uma aula de escola dominical, mas vi que se tratava da mesma deglutição cega da Bíblia e suas passagens. Aquilo me cansa.

“Mas por que Cristo subiu ao monte e não desceu?”, e as respostas mais sem nexos - para mim - surgem. E todos fazem cara de que entenderam, mas não vejo o caráter aplicável daquela informação. EU não vejo. Para eles, serve. Que bom. Eles podem esquecer as dicas de escrever cartas para amigos virtuais sobre seus problemas íntimos. Cada um da sua maneira e todos na difusora, com metas em comum e meios diversos. Todos os caminhos levam a Deus, mesmo. Tempo ao tempo.

Eu queria cantar, e eles até me chamaram para o coral. Cheguei a participar de um ensaio, mas ainda não estava bom o suficiente para poder sair todos os finais de semana. Não dava para dar continuidade a nada.

Nessa fase de altos e baixos, em que eu ainda não podia agüentar grandes esforços físicos, eu me dispus a lecionar inglês gratuitamente, dentro de uma igreja próxima da minha casa. Eles não aceitaram, dizendo que a comunidade da região podia arcar com os custos de um curso de línguas e que eles queriam que eu fosse a uma favela, do outro lado do Distrito Federal, para ensinar Português.

Tive que perceber que eu estava fazendo aquilo mais por mim do que pela comunidade, mais para meu próprio bem-estar do que para o engrandecimento do todo. Queria fazer algo pela comunidade, mas cá pra nós, não dava para sair fazendo *via-crucis* no meio da favela. Queria algo que não me deixasse em casa parado, algo que me desse mais pontinhos com Ele, mas ainda não podia me esforçar demais. Como eu iria me tocar para o meio de uma favela,

com esgoto a céu aberto e tudo, moscas e sujeira? Visão simplista e errada. Acabei por conhecer a favela em uma outra oportunidade, e nem era tão feia. Comparando com as do Rio de Janeiro, parecia um grande descampado com casas de caixote limpas e bem cuidadas.

Acabou sendo melhor que eles não aceitassem. Eu ainda não tinha condições reais, mas, achei meio sem nexos a argumentação para não aceitar a oferta. Já que eles podem pagar, para que dar meios de economizar, não é mesmo?

Eu só queria um espaço para colocar minha motivação onde funcionar, mas isto eu sabia que encontraria em outro lugar, quando chegasse a hora.

Tempo ao tempo, mais que nunca.

Foi nessa etapa e desenrolar dos fatos que as pessoas, mais que em qualquer outro momento de minha existência, me emocionaram. Atitudes pequenas e de grande valor que me tocaram muito, se fizeram perceber. Tive a impressão de que os deuses conspiravam a meu favor. Todas as formas de energia positiva, entidades ou não, Deus ou Alá, anjos e arcanjos, santos e nem tão santos reunidos em um só pedido por minha melhora, fizeram a diferença. As orações aqui e ali se uniam, formando uma grande massa de energia brilhante que me purificava e extinguiu a vida alienígena.

Talvez eu tenha simplesmente me aberto para o amor que sempre esteve ali, talvez as pessoas estivessem sendo inspiradas pelo que quer que fosse, talvez a dor seja uma estratégia muito eficiente para unir massas eminentemente opostas, e eu sequer sabia. Talvez...

O que importava é que eu via dessa forma: tudo fluía naturalmente. A vida era um sorriso atrás do outro - é aí que entre a insanidade como forma de profilaxia. Não pretendo aqui catequizar ninguém - ainda -, apenas mostrar o quanto tudo me parecia mais digerível; o quanto as pessoas podem ajudar nesse momento que para muitos é de solidão e sofrimento, o quanto um olhar mais carinhoso faz diferença, o quanto uma massagem relaxa, o quanto um sorriso vale, quantos vírus um abraço pode esmagar, quantos glóbulos brancos a gente passa com um beijo.

Mas, voltando aos acontecimentos que corroboraram para me manter convicto da vitória e confiante em meu restabelecimento:

Nunca das muitas tardes de fazer nada em casa, enquanto eu dividia meu tempo entre comer acerola colhida no pé pelo caseiro e bater papo com a Noeme e com a Zéze - empregadas da casa da minha tia; hora limpando o pescoço melado de pus, hora tomando os remédios prescritos, a campainha tocou. Era uma senhora de idade avançada e sua filha ainda menina. Vendiam panos de prato de porta em porta, e pediram um copo d'água.

Foi minha mãe que as atendeu, mas como qualquer alma viva perdida no Lago Norte que tocasse a campainha lá de casa era novidade para mim, fui me meter na conversa de portão.

Minha mãe puxou papo e ficou olhando os panos de prato com interesse. Perguntou quanto custavam e eram realmente baratos.

Conversa vai, conversa vem, ela acabou se inteirando da situação desta senhora, que ainda não tinha almoçado, e decidiu oferecer um pão com maionese e um copo de café para as duas.

Lá fui eu, todo contente, preparar o pão que minha mãe tinha me pedido. Achei o máximo poder ganhar mais uns pontinhos com o lá de cima, começar a dar algo ao mundo. Queria saber o quanto valia um pão com maionese tão bem rebocado quanto aquele em dias no céu. Eu faltei pegar uma calculadora e elaborar uma equação para ter idéia do quanto estava lucrando com aquilo.

Qual não foi a alegria da senhora e de sua filha ao verem o jantar de pão com maionese e o almoço do dia seguinte garantidos com o dinheiro que minha mãe lhes deu. Foram se despedindo e eu com minha calculadora. Podre mas real.

Antes de dizer adeus ela parou, olhou para minha mãe e disse:

- Que Deus lhe pague em dobro o que a senhora fez por mim.

E olhando para mim.

- Que Deus dê saúde ao seu filho.

Minha mãe e eu apenas nos entreolhamos. Naquele instante, ao mesmo tempo em que aquela senhora dizia aquilo e saía para bater na próxima porta, nós sentimos algo tão forte vindo daquelas palavras que só me resta acreditar que ela tenha créditos com o “lá de cima” e que sua solicitação tenha sido deferida.

As empregadas da minha tia, conhecidas minhas desde quando eu era criança e ia passar as férias em Brasília, vibravam a cada grama que eu ganhava. Capricharam nas receitas que eu pedia, e mais ainda nas que inventavam com farinhas de tudo que é tipo, “para dar sustância”. Fingiram muito bem não se cansar de cozinhar quiabo todos os dias, durante a crise do quiabo.

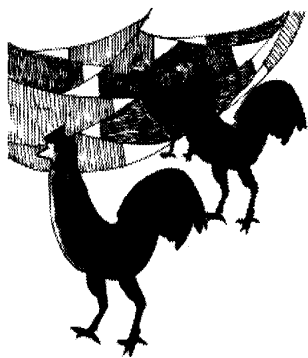
Eu acordava e dormia pensando em quiabo, e elas cozinhando, cuidando para deixá-lo bem cheio de baba, do jeito que eu gosto.

Sei que rezaram muito por mim e por minha tia, e seus pedidos foram anotados ao lado dos meus; e também ao lado do pedido da senhora dos panos de prato.

Para a Patrícia, enfermeira contratada para cuidar da minha tia, e que acabou me adotando também, não tinha mal tempo. Foi minha companheira de idas e vindas aos médicos, já que era a motorista, a enfermeira, a psicóloga louca, a irmã emprestada, a inimiga de plantão, a amiga dos planos de farra e a mãe nas horas de fazer cobranças. Meio multi-uso, mesmo.

Quanto está minha taxa de tal coisa? Pergunte para a Patrícia. Que nome tem a pomada que eu uso no pescoço? Ela que sabe. De quanto em quanto tempo tem que tomar tal coisa? Também.

Me ajudou demais na administração de nomes e procedimentos que eu dificilmente teria cabeça para gerir. Era meu bate-papo garantido das tardes monótonas, quando me contava detalhes sobre a vida de Brasília e me dava uma idéia do quanto ainda teria por desbravar naquela cidade.



Enquanto Zezé e Noeme me ajudaram na crise do quiabo, a Patrícia foi imprescindível na “operação frango assado”.

Chegou a ser engraçado. Quase nada me apetecia; e quando eu tinha uma vontade específica, ela se mantinha por um bom tempo. Parecia que o corpo pedia por alguma coisa que estava faltando e já apontava a melhor fonte para suprir tal deficiência.

E eu acreditando nos sinais que meu estômago me dava. Fez barulho tal, quer quiabo; chiou diferente, quer frango.

A Patrícia até se adaptou a essa minha nova fase. Por algumas vezes, fomos pegos devorando frangos recém tirados daquelas televisões de cachorro, dentro do carro, mesmo. O povo, dentro dos outros carros, não deve ter entendido nada; mas que riram da gente, riram.

Chego a suspeitar que aquele aumento de consumo de frango pela população, tão falado pelo presidente Fernando Henrique e tido como prova maior do aumento da renda nacional, do poder de compra das grandes massas, se deva em parte a minha gana monumental.

Foi divertido ver a cara de espanto das pessoas se repetindo dia após dia, até que a fase do frango acabou.

Meu irmão também teve seu momento de glória. Mais uma vez, ele. Estávamos no *shopping*, andando de um lado para o outro, fazendo hora para esperar a noiva do meu primo sair da loja em que trabalhava. Passando por uma livraria, ele comentou que havia reparado alguém me olhando, o que não era raro devido aos ferimentos no pescoço, ainda bastante visíveis; mas, desta vez, parecia que o olhar era “diferente”, como ele disse.

O Tiago preferiu ir andar um pouco sozinho, para poder me deixar mais a vontade com a minha paquera. Adorei a idéia. Ficamos nos olhando, mas essa estória não rendeu em nada. Pouco depois, este carinha ia embora com um senhor que podia ser seu pai ou namorado. Nunca saberei.

Passados alguns momentos, o Tiago retornava com uma pedrinha para me dar. Me espantei com a idéia de ele comprar uma pedra para mim, e perguntei de que se tratava.

- Eu não comprei. Tem uma feira mística aqui no *shopping*, e duas meninas me deram. Bonitinhas... Acho que queriam “me cantar”.

- E você vem dar uma pedra pra mim? O que é que eu vou fazer com isso?

- Leia, disse ele, me mostrando um papel que falava algo sobre a pedra.

“Pedra tal, signo tal, vibração tal... purifica o sangue”. Eu olhei para meu irmão e ele disse:

- Não é a cura, mas já ajuda.

Mal sabe ele o quanto ajuda.

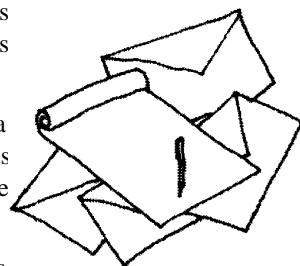
Ela sempre anda comigo, dentro de minha carteira. Já me fez até passar vergonha. Eu estava comprando algo em uma loja de conveniência dessas de posto de gasolina, quando, ao pegar o dinheiro para pagar a conta ouvi o barulho dela caindo no chão. Identifiquei o estalido na hora.

Precisei parar o trânsito de pessoas e carros até que a pedrinha fosse achada. E os frentistas com aquelas caras de pasmo: “É preciosa?”. “Quase...”, eu respondia.

Já estava podendo fazer programas mais arriscados: ir ao cinema, comer em restaurantes sem ter que necessariamente vomitar logo em seguida, andar de bicicleta - eu dava apenas uma volta na rua e já ficava esbaforido, mas valia a diversão. Voltava carregando a bicicleta na mão, pois não agüentava pedalar.

Resolvi arriscar e pedir para a Dra. Ângela uma autorização para trabalhar. Eu queria algo leve como dar aulas de inglês - eu imaginava que este era um programa leve -, e levei a ela minha idéia.

O objetivo não era apenas ganhar dinheiro, mas isto também podia ajudar. Eu queria era sair de casa, co-



nhecer pessoas, conhecer a cidade, sair daquele enfado de dia e noite dentro de casa, fazer amigos. Qualquer coisa.

Ela achou que não haveria problema eu tentar algum trabalho de meio período, e eu comecei a procurar qualquer colocação, em qualquer lugar.

Foi difícil. As pessoas têm muito medo de dar serviço a quem esteja em benefício do INSS. Eu tentava argumentar que eu não queria o dinheiro, que eu podia simplesmente ir trabalhar, mas parecia me esquecer que aquilo soava anormal demais para ser atraente.

Minha mãe tentou contato com alguns amigos, explicando a situação, e algumas idéias surgiram. Mas nada que se concretizasse.

Fiquei nesse chove-não-molha por um bom tempo, até que resolvi jogar alto e sair distribuindo o meu *curriculum* pelas empresas hoteleiras de Brasília. Não tinha grandes expectativas, mas também não perderia nada. O mínimo que eu teria seriam algumas entrevistas em que eu não passaria por causa da aparência, ou por estar em benefício do INSS. Porém, o simples fato de colocar terno e gravata e sair de casa já era razão mais que suficiente para eu colocar minha idéia em ação.

*After such a long time of being alone /
everyone must face that share of loneliness / in my
own time nobody knew / the pain I was going through/ and
waiting was all my heart could do. **

* “Depois de um longo período sozinho, qualquer um tem que encarar dividir sua solidão. Quando eu mesmo estava só, ninguém sabia da dor que eu sentia e tudo que meu coração podia fazer era esperar.”

Como o ano tinha passado depressa! Era o que eu podia dizer de tudo o que tinha vivido. Comecei a me dar conta de todas as mudanças bruscas por que minha vida tinha passado. Me revi saudável e aceito em Belo Horizonte, e me comparei com o convalescente e escondido em Brasília.

Escondido sim. Meus amigos mal tinham notícias minhas. Eu não tive tempo de dizer nada. Sequer pensei em dizer algo. O que diria? O que pensariam? Já não estariam pensando?

De quando em quando, um deles me ligava. Bem diferente do telefone de minha casa em Belo Horizonte, que não parava de tocar e era motivo de broncas de minha mãe. A qualquer hora do dia ou da noite, eles estavam lá. Eu não precisava sequer ligar para as pessoas para ter programa para as noites de farra. Sempre fui bem conhecido e amigo de todos.

Quando um deles me achava em Brasília, queria saber o que estava se passando, pois havia ouvido algo sobre minha mudança repentina de cidade e se espantava por eu não ter dado sinal de vida. Havia quase um ano que me mudara, e ainda não tinha aparecido sequer um final de semana. “Trabalho? Não? Doença? Que chato. É sério? Puxa. Que raro. Infecção nos gânglios?” E eu me escondendo atrás de termos desconhecidos da massa. E sempre os mesmos votos de melhoras e desejos de um retorno breve.

Outros telefonemas, nem tão agradáveis, também foram feitos: o Márcio uma vez me ligou, contando que uma pessoa que ele havia acabado de conhecer e que ele tinha levado em casa, disse me conhecer.

Eles estavam vendo fotos, quando eu passei retratado em uma delas. O rapaz disse: “Este aqui não é o Bernardo? Ouvi falar que está morrendo de aids em Brasília.”. O Márcio ainda tentou salvar a situação, se fazendo de bem informado sobre o caso: “Quem te falou isso? Mentira. Ele está doente sim, mas nada tão sério. Eu fui até visitá-lo, e ele está bem melhor.”

O Geraldo, um antigo namorado meu, havia contado para esse sujeito. Foi com o Geraldo que eu fiz o

AS PESSOAS SE MOVIMENTANDO

primeiro exame de HIV, ainda antes de apresentar os sintomas.

Mas então eu sabia que estava com aids antes de ter os sintomas? Não. Eu não tive coragem de buscar o exame, que ainda estava com o médico a quem eu havia pedido que o solicitasse. Quando já com os sintomas, refiz o exame e tive o resultado positivo. Aí é que minha médica me perguntou a quanto tempo eu imaginava estar contaminado. O dado mais confiável que eu tinha era esse primeiro exame. Eis que me lembrei de mobilizar o Geraldo, até então pessoa confiável. Por mais que ficasse sabendo de tudo, achei que ele não faria mal uso da informação. Ele mesmo tinha se dito soropositivo para mim. Ele estava com a contagem de vírus zerada. Ele sabia o que eu estava passando e, na pior das hipóteses, sabia que eu poderia sair espalhando sobre ele caso ele falasse algo a meu respeito. Mas não. Ele havia contado para a primeira pessoa que passou na vida dele depois de ficar sabendo de tudo. Como podia?

“Não, Márcio, ele não pode ter dito nada. ele não é louco. Esse menino está mentindo. Não estamos magoados um com o outro, nem nada. Por que ele faria isso? Mas que figura é esta que você conheceu e que diz saber de mim? Quais as chances de ele estar jogando a informação verde para ver se cola? Mas ele nem me conhece; não teve a honra de se sentar à mesma mesa que eu por vinte minutos, para saber qualquer coisa a meu respeito. Quem é ele???”

Liguei para o Geraldo partindo da idéia de que ele negaria tudo. Errei. Com grande naturalidade, ele me disse ter realmente contado para este rapaz sobre a minha soropositividade; ou, melhor colocado, segundo suas próprias palavras:

- Eu não falei da sua soropositividade, Bernardo. Conteí das minhas reações diante do fato. Esta não é apenas a sua verdade, mas a nossa, na medida em que eu tomei parte da história.

- Mas precisava dar nome aos bois? O que é que eu sei desta para confiar nela a ponto de querer que algo tão delicado seja compartilhado? O que você sabe dele

para poder colocar meu nome em risco? O que é que você fez?! E ainda quer me dizer que não se arrepende, que o único erro foi contar para alguém em quem não devia ter confiado? A decisão tinha que ser minha, você não acha?

Ele se satisfaz em dizer que quebraria a cara deste sujeito a próxima vez que o encontrasse. Pareceu não entender que o buraco era mais embaixo, que não era o fato de este rapazola saber ou não que importava, mas sim o de ele, Geraldo, meu amigo, pessoa em quem confiei, ter aberto minha privacidade para qualquer um. Que fosse o grande amor de sua vida! Nem que fosse seu melhor amigo e que por ele colocasse a mão no fogo, seria permitida tal liberdade. Por mais que quisesse se abrir e dizer o que sentia, por que eu tinha que figurar na história? Vou morrer sem entender.

Me deu mais raiva ainda a lição de moral e honra que ele tentou me dar em seguida. Foi aí que eu desisti de entender mesmo:

- Mas do que é que você está se escondendo? Você não está bem? O que é que as pessoas têm a ver com isso por que você está passando.

- Você chegou ao ponto. O que elas têm a ver com isto tudo?

- Você precisa começar a encarar a realidade. Não dá para esconder isto das pessoas. Você tem que começar a se aceitar, ou você vai se levar para a cova mais rápido. Isto não é o fim da vida.

- Eu sei... e como eu sei...

- Então? Olha, nós somos vencedores desta guerra que está sendo travada no mundo inteiro. Nós temos mesmo que sair gritando “somos fortes e vencemos o vírus”, para todos escutarem. Pense em todas as pessoas que morreram por se deixar deprimir com o resultado positivo.

Comecei a ficar tenso. Estava na sala do computador, meio que escondido e com a porta fechada, justamente por já ter imaginado que a conversa fosse ficar mais

pesada. Peguei o telefone sem fio e comecei a patinar na cadeira do computador, de um lado para o outro da sala, aumentando a frequência e a velocidade de acordo com a tensão da conversa:

- Você está distorcendo tudo. É óbvio que eu não estou contente com o fato de estar vivendo com aids. É evidente que eu sei que não posso me deixar abater por estar doente. Isto me levaria mais rápido ao fim. Também sei disso. Não sou bobo! - e parando para pensar bem no que diria - Porém, meu querido, daí a você querer me fazer entender que eu tenho que gritar a todos que eu venci; ou pior, deixar que os outros façam isto por mim... Isto é irracional demais... - pausa para respirar. Um empurrão com as pernas contra a parede, fazendo a cadeira rodar até o outro lado da sala, e já retomando o fôlego - Eu não estou entendendo nada! Você parece estar brincando!!! Se o problema é você não querer admitir o erro, não querer falar que realmente fez besteira, com medo que eu vá ficar chateado demais... pode parar! Quero poder pensar que você fez sem querer e que isto não mais vai acontecer. Estaria tudo "bem"... na medida do possível, é claro; mas o que você está me mostrando é que acha tão normal contar para os outros que até vai exercitar seu direito de expressão com o próximo que lhe cruzar a frente ou com quem cruzar depois de desligarmos o telefone. Qual é a sua??? - já mais exaltado. Fale o que você quiser de você mesmo, tá ok? Quer levantar bandeira e se dizer vencedor? Erga a taça sozinho. Quem eu quero que saiba de minhas vitórias e derrotas já está sabendo. Pode ter certeza.

Liguei de volta para o Márcio, mais chateado com o Geraldo e sua postura do que propriamente indignado com a divulgação da notícia. Eu sabia que aquela pessoa que sabia de mim sem sequer me conhecer, devia estar falando o mesmo que havia dito ao Márcio para todo e qualquer um que encontrasse, mas... o que não tem remédio, remediado está.

Me dei conta de que em Belo Horizonte já se devia comentar das prováveis causas de meu desaparecimento. Nada que uma reaparição hollywoodiana não re-

solvesse, pensei: “gordinho e rosado, é assim que eu tenho que reaparecer.”

Ainda tive que enfrentar os mais íntimos, que foram informados por telefone mesmo do que estava realmente se passando. Eu já não tinha certeza se poderia confiar neles. Quem mais se sentiria dono de minha doença a ponto de sair radiodifundindo a notícia? Até o Geraldo havia pisado na bola!

O Márcio disse algo nessa época que ficou em minha cabeça por muito tempo: “Um amigo a mais que sabe de você, um ano de vida a menos que você tem.” Acho que ele se referia às preocupações sobre como essa pessoa poderia administrar a informação. Não deixou de estar certo. Daria para escrever outro livro: “Como saber se seu amigo é confiável e maduro o bastante para você lhe participar um segredo daqueles”, e não teria conseguido esgotar o assunto ou sequer chegado a um teste padrão 100% acertado. Resta cruzar os dedos e rezar, confiar nas intuições e tocar para frente.

Resolvi esse problema ao me dar conta de que as pessoas que se afastarem de mim por eu estar com HIV não merecem realmente a glória de um contato mais profundo comigo. Foi a única maneira de não ficar doido tentando negar tudo a todos, mas deixando as pessoas pensarem o que bem entendessem. Nós já fazemos isto automaticamente, mesmo. Não é? Serviu para selecionar meu círculo de convivência, ao menos. Todos os que tinham que sair, saíram; os que tinham que ficar, ficaram; e os que estão por se decidir, ainda estão por se decidir. A vida é assim.

Me serviu muito, nessa fase de aceitação / rejeição dos amigos, a força pessoal que adquiri ao participar minha família da minha realidade homossexual. Pude ver, já naquela época, que as pessoas que têm que estar longe se afastam, e que as que têm que continuar próximas não se vão. Et Vive La différence!*. Meio que seleção natural. Lei de Darwin.

* Viva a diferença!

E a Regina, como reagiu? Dá para imaginar? Eu tenho certeza de que ela continuaria tão minha amiga quanto já é, mas... façam o que eu digo, não façam o que eu faço: não tive coragem de lhe contar.

A idéia de que cada amigo que fica sabendo significa um ano a menos de vida, me serviu para pessoas como a Regina. Não quero que ela fique mais preocupada do que o necessário. Não quero tê-la perto de mim, me perturbando para parar de fumar ou comer melhor; não quero que ela deixe de me incentivar a aprontar como sempre fez, por achar que eu tenho que me cuidar mais que as outras pessoas. Quero que ela me veja como sempre me viu, mas sei também que, para ela, seria meio difícil. Meio tensa demais para algumas coisas.

Desculpa esfarrapada, eu sei. Quer dizer, eu não sei. Ou sei? Creio até que ela já desconfie de alguma coisa.

Uma vez, durante uma visita que fiz a São Paulo nessa época de recente melhora, ela me pegou com uma lista de remédios na mão e me pediu para dar uma olhada. O AZT piscava em neon no topo do papel. Eu disse que não. Para bom entendedor, meia palavra basta. Ela não insistiu.

É o que eu quero dizer. Essa situação exemplifica bem. Ela nunca teria desistido de pegar aquele papel, se não quisesse me poupar de algo, e eu não quero que as pessoas me poupem de nada. Quero continuar sofrendo tudo o que há para ser sofrido, e gozar tudo o que há para ser gozado, dentro dos meus mandamentos próprios de “aprender a viver”. Não vou me entregar a grandes desvarios, nem me privar de nada que eu realmente queira experimentar; e não quero ter censores – por mais amorosos que sejam – ao meu redor, para tirar a graça do mais simples dia de jejum por não ter fome. Aquilo de “você tem que comer para engordar” é de tirar o apetite por uma semana. Dá vontade de não comer, só de birra. Até carinho tem limite, gente. Amor demais também faz mal. Ponto.

E, afinal, ela vai receber um exemplar deste livro mais rápido que qualquer outra pessoa. Resta a você imagi-

nar a sua reação diante das linhas reveladoras. Você está lendo, atentamente, página por página, e eu, neste exato momento, posso:

- ◆ estar tomando sopa de canudinho, deitado na cama para não pisar no chão frio e assim não correr o risco de pegar um resfriado; (super protetora ela é mesmo, e não tem como negar)
- ◆ estar comendo um boi inteiro na marra, para manter a forma de bola, apesar de ela saber que eu nunca fui de comer muito; (exagerada, também)
- ◆ estar enjaulado em uma gaiola de aço, clamando por um cigarro, ao que a Regina, do lado de fora, diz não; (e acende o seu próprio só para fazer gracinha)
- ◆ estar comemorando o Natal ou *réveillon* algemado, sem direito a champanhe ou vinhos, por mais que ela saiba que eu não gosto de álcool; ou ainda,
- ◆ comemorando o mesmo Ano Novo em um cruzeiro pelo Pacífico, de pés no chão e cigarro aceso, sentindo a brisa fresca no rosto e apenas beliscando *chesters* e salgadinhos, com ela ao meu lado, fazendo o mesmo e não se preocupando, pois sabe que meu “kit de sobrevivência” (nome carinhoso para a porrada de comprimidos que tenho que carregar durante viagens longas) está à mão, e que, no dia seguinte, voltarei ao meus cuidados não-exagerados com minha saúde: não beberei; não deixarei os legumes de lado no prato; e não vou me colocar de peito aberto na frente da geladeira, após ter tomado um de meus banhos escaldantes.

Não se preocupe, você também. Saberei empregar muito bem os milhões que receberei com os direitos destes relatos. E ainda poderei dormir mais tranqüilo, pen-

sando que ajudei amiguinhos na mesma situação a não passar por tantas privações impostas por aqueles que nos amam. Relaxemos, pois.

No retorno dessa viagem que fiz a São Paulo, eu decidi dar uma passadinha em Belo Horizonte. Minha família em São Paulo meio que me despachou mais cedo do que eu pretendia, por causa de toda a insegurança que estar com uma pessoa vivendo com aids e em recuperação dentro de casa. E eu ainda tinha no bolso metade dos reais que o governo me dava como auxílio-doença no bolso.

Até que essas férias forçadas me foram bem proveitosas. Tinha o dinheiro – mirrado – que o governo me dava pelos anos que eu já tinha pago de previdência, e não tinha que contribuir dentro de casa. Me restava gastar com as viagens – raras – que a minha médica autorizava.

Durante essa viagem é que eu vi a fragilidade de certas amizades. Todas aquelas pessoas que conheci e com quem saía, e que não me reconheceram ao me encontrar na rua. Gostaria de me iludir, pensando que não me perceberam, que os esparadrapos colados em meu pescoço me faziam irreconhecível, mas os olhares assustados denunciavam o preconceito. Era como se me pedissem para não os forçar a me ver. As caras de espanto que eu vi pareciam vir de filmes de fenômenos *poltergeist*. Eu tinha a nítida impressão de que se perguntavam: Mas ele não tinha morrido? Pode ser pré-concepção de preconceito, como quando achei que fossem me amarrar à uma fogueira em praça pública, assim que soubessem que eu era gay? Pode. Mas que eu senti medo nas pessoas, isto eu senti.

O maior desconforto eu via na expressão do rosto do meu melhor amigo, César. Ele tentava disfarçar a situação, ficava sofrendo com todas as olhadas de canto de olho que eu recebia daqueles que, meses antes, paravam para papear e sentavam à nossa mesa brindando à perpetuação de nossa amizade. Me doeu muito, mas eu já me acostumara àquilo, em Brasília. A diferença é que quando meros desconhecidos de uma cidade em que você acaba de chegar te olham de lado, você simplesmente os ignora e tenta rir; quando os olhares vêm daqueles que você conhece, e de quem

você esperava, no mínimo, respeito – pra não falar fraternidade cristã – , machuca um pouco mais.

Isso me serviu para começar a fazer a lista dos amigos, dos amigos e dos amigos, tomando o cuidado de os separar. De um lado os que não me viram, de outro os que me cumprimentaram e fingiram acreditar em minha estória de infecção nos gânglios – o que já é admirável – ,e numa terceira lista os que me trataram como sempre me trataram: aquele que me levou uma rosa e uma garrafinha de água benta de sua igreja; o que se dispôs a me encontrar em pleno Shopping Diamond Mall, sabendo que todas as mesmas pessoas de sempre estariam lá; o que foi junto e riu de minhas piadas verídicas sobre o tratamento em Brasília, como que a não perceber as pessoas ao redor comentando... aquele amigo que... e o que...

Há pessoas e pessoas. Basta saber enxergar.

Isso me fez lembrar de uma passagem dentro do *shopping*. Crianças eu perdôo, quero deixar claro.

Eu estava em uma mesa com alguns amigos e estávamos comendo algo, como todo mundo na praça de alimentação. Um garotinho carregava seu sanduíche com aquela cara alegre de quem ganhou o dia, quando, passando ao lado da mesa em que eu estava, parou e começou a olhar o meu pescoço. Um dos lados do pescoço estava protegido e o outro estava sem bandagem, já “meio” cicatrizado.

- Mãe, ele disse com cara de nojo. Eu não quero mais comer não.

Faltamos chorar de rir do menino que acabava de perder a chance de se satisfazer com o sanduíche que tanto parecia querer.

Engraçado ser nojento ao natural? Não, mas vamos rir, que chorar não adianta.

Outra vez, dentro de um laboratório onde eu tinha ido fazer exames, um menino me parou e perguntou o que eu tinha no pescoço. Não deu tempo de responder. A mãe o pegou pela orelha e o fez sentar. Fiquei me sentindo

mal pela atitude da mãe, pelo menino que chorava sem entender o que tinha feito de mal, pela idéia de eu parecer um monstro proibido para menores, por não poder sentar com o menino e dizer que eu queria que ele soubesse que eu estava dodói e que eu não me importava que ele perguntasse. Vi ali surgir mais um traumatizado com doença. Não pude fazer nada.

A melhor reação que eu vi foi a da minha prima, mas parente não vale. Tem liberdade. Sua filhinha – minha prima de segundo grau – me perguntou por que eu não estava me engasgando. Eu não entendi. Perguntei o porquê de ela achar que eu devia ficar engasgado, se eu não estava comendo nada. Ela simplesmente respondeu: “Agora não, né! Mas e estas melancias na sua garganta?” E me contou de como sofreu com uma uva que engoliu inteira. Rimos até dar dor na barriga, minha prima e eu.

Assim, acho que a idéia é saber que se você se descobrir vivendo com aids, as pessoas podem perguntar, achar, deduzir, criar, fantasiar, não perguntar mas ter certeza, te ajudar, te atrapalhar, te sacanear sem querer ou até querendo. Tudo é possível. Nada muito diferente do dia-a-dia normal de um qualquer: administrar as mil e uma variantes de visão e posicionamento das pessoas diante de fatos da vida dos outros.

Tente levar isso da melhor maneira que puder. As pessoas te darão as informações necessárias. Esteja atento a essas informações. Fuja dos pessimistas de plantão, das pessoas que para te dar apoio precisam se deprimir e entrar na fossa por você, dos nutricionistas autodidatas (canja de galinha é internacionalmente aceita como fortalecedor, e você não precisa de compostos de ervas de sabe-lá-Deusonde para obter as proteínas que o arroz e feijão sempre ofereceram). Corra dos que fingem não te ver na rua (inclusive, estes não exigem grandes esforços. Eles estarão fugindo de você antes de você tentar escapar deles), e dos apaixonados loucos que querem transar sem camisinha para provar amor eterno. (Creia. Eles existem.) Mas isto já é assunto para uma fase mais adiantada do meu relato.

Em resumo, viva e deixe viver. Só receba das pessoas o que achar válido, e tenha a certeza de passar a elas coisas que valham a pena ser recebidas. Não há meios para se mudar uma pessoa que não você mesmo. O máximo que nos é permitido é compartilhar nossas verdades e esperar que elas surtam algum efeito bom. Mesmo para isso, há de se usar de bom senso. Nada mais cansativo que pessoas que não param de falar da mesma coisa, tentando mudar nossa maneira de pensar.

Semeie sempre. Há de se perder sementes em solos estéreis, com certeza, “mas valeu a intenção da semente”, como diria Fernando Pessoa.

Viva e deixe viver – isto é N.A.* Semeie sempre – isto é meu. Não cubra ninguém de sementes para que esta pessoa não fique sem ar. Haja visto o César.

Ele vivenciou de perto todas as etapas dessa minha novela. Sabe melhor do que ninguém que aids não significa morte, que remédios existem, e que quanto mais cedo detectamos o vírus, maiores são nossas chances de encurralá-lo. Mas não há quem o faça colher sangue para um exame de aids.

Faz seus neuroticamente cronometrados exames de tudo, a cada seis meses. Checa do fio de cabelo ao dedão do pé, mas se diz com medo de fazer um exame de HIV.

- Mas por que não, César?
- Porque não. Eu não tenho estrutura.
- Ué. Eu também não tinha. Você não viu que até do primeiro resultado eu fugi? Fácil não é, mas é melhor encarar a verdade e fazer o que tiver que ser feito, antes que seja tarde, não?

*Neuróticos Anônimos – grupo de auto-ajuda para pessoas de qualquer credo, opção sexual, cor, estado sorológico ou *status*. Telefones costumam estar disponíveis em listas telefônicas, identificados pela sigla A.A. (Alcoólicos Anônimos).

- Não.

- Como não?

- Não é ponto final. Pense assim: se eu tenho um carro com um dos pneus furados e sei que não terei ferramentas para tapar este buraco, eu prefiro continuar andando até onde der. Não quero parar e ficar vendo o pneu murchar com cara de que não há nada a se fazer.

- Mas e se você sabe que o macaco e a câmara de borracha do pneu estão no porta-malas, por que não parar de milha em milha para checar antes que o pneu se rasgue?

Ele não se dá por vencido. Nunca, leonino que é:

- E se eu sei que eles estão lá mas sei que não vou saber usá-los? Ainda prefiro seguir em frente a parar, pegar o macaco e a câmara e começar a chorar por não ser um mecânico.

- Não tem lógica. Eu também não imaginava saber lidar com este “pneu furado”. Nunca antes havia acontecido nada parecido, nem sequer uma paradinha no acostamento para reabastecer às pressas.

- Não tem lógica para VOCÊ, Bernardo?

- Não. Nestas horas a gente se descobre forte.

- VOCÊ se descobriu forte?

- É, e continuo me descobrindo cada vez mais. Mas por que este VOCÊ?

- Nada. Mas que bom para VOCÊ que VOCÊ soube parar, detectar o furo no SEU pneu, pegar o que precisava e remendar o SEU BURACO. Isto prova que para VOCÊ isto serviu. Para mim e MEU pneu é melhor eu não checar um possível buraco. Eu não saberia retomar a marcha, mesmo com o pneu intacto.

Não há mesmo argumentos contra uma pessoa convicta/cabeça dura. Cada um conhece a “máquina” que tem e a maneira em que ela melhor opera, e, se não souber, tem ainda o direito de errar.

O César estava convicto de sua inabilidade. Iria eu colocar as perninhas que faltavam nos “as” do caderno dele em caneta vermelha?

Não me cabia e não me cabe apontar erros. Iria EU pegar seu braço a força para colher material para análise? Preferi colocar seus “dedos roídos” ao lado dos meus – que eu vejo como polidos e brilhantes – ,e deixar que ele tire suas próprias conclusões. O dia que achar que os “as” pernudos são mais bonitos que aqueles mancos, começará a desenhar longas pernas neles. No dia que se sentir mal por ter as unhas no talo, terá as minhas bonitas unhas à vista para seguir o exemplo. E no dia em que achar que realmente anda por uma auto-estrada cheia de pregos pontiagudos, e que deve checar seus pneus de tempos em tempos o fará. Não por eu ter lhe dito para fazê-lo, mas por assim achar melhor.

No dia em que você ou o César acharem que fazer o exame será válido, que o façam, não por eu estar aqui bradando que **“É MAIS QUE NECESSÁRIO ACOMPANHAR SUA SITUAÇÃO SOROLÓGICA”** – e é mesmo – mas por vocês terem chegado à conclusão de que isto é positivo, que pode ajudar no caso de uma “parada forçada”.

Se nesse dia, vocês puderem olhar para fora de seus carros e ver o meu com pneu remendado e tudo, andando a toda velocidade; e, se isto for mais um incentivo para as suas decisões de fazer um *check-up*, melhor ainda. Buzinem e, quem sabe, se eu puder, eu até paro um pouco e lhes passo umas dicas de remendo prático aplicado e manuseio de “material mecânico”.

Precisando, é só chamar*. Quero que saibam disso. Acho que esses são os cinco minutos que eu posso dar a qualquer um que queira ter a minha atenção.

“Não quero lhe falar / meu grande amor / das coisas que aprendi nos discos” (... e nos livros)

* O autor pode ser contactado através do e-mail brenolouis@hotmail.com e se coloca a disposição de qualquer um, soropositivo ou não, que possa ter interesse em obter informações recentes sobre as descobertas da ciência sobre a aids, ou sua própria experiência com esta síndrome: em obter receitas de bolo, dicas de ponto em cruz, de literatura gay, de filmes com temática gls; também o interessam pessoas abertas a um simples bate-papo descompromissado. Da mesma forma, ele agradece convites para palestras em escolas e faculdades, e eventos relacionados aos tópicos acima citados. Ele adora peixe cru, apesar de, e talvez até por saber que não os deve comer.

Repassando os fatos agora, vejo que eles até tiveram uma seqüência lógica. Tudo parece ter acontecido já na expectativa de acontecimentos futuros correlacionados, como que se tratasse de um esquema bem planejado. Difícil foi perceber essa lógica enquanto os fatos aconteciam.

Eis que quando as coisas pareciam querer começar a entrar em seus eixos, uma outra bomba estoura: minha tia faleceu por complicações causadas pelo câncer.

Mais que nunca, foi quando encarei a morte como algo próximo. Foi meu contato mais real com essa amiga; ela tinha chegado bem perto, alguns quartos ao lado, no piso de baixo; buscava a minha tia, a mesma que dias antes comia pinhão comigo na varanda, tentando colocar algo dentro do estômago já cansado de tantos remédios. Aquela que se via mais ou menos na mesma barca que eu; meio sem rumo, meio perdida; em busca de estribeiras.

Estivemos bem próximos, durante esses meses de convalescência conjunta, apesar de quase nunca nos permitirem um contato direto. As poucas vezes que nos encontrávamos era na varanda, um bem longe do outro, o que, por si só, já era motivo de riso.

- Acho que vou pegar água na cozinha. Quer? – eu perguntava.

- Quero, mas passa bem pra lá que eu não quero saber de pegar nada de você - e ria. Já me bastam as minhas infecções.

Percebi nela uma certa abertura para comigo que nunca antes tínhamos experimentado. Acho que a doença faz isso com as pessoas: ao mesmo tempo que nos coloca em uma subclasse social, um estar paralelo entre morto e vivo, nos torna mais propensos a encontrar igualdades nas pessoas próximas, como que em uma tentativa de nos sentirmos parte de um todo, novamente. Meio reação à exclusão que a doença impõe. Quando se está lá - vivendo a doença, fator diferenciador - ,é fácil ver pontos em comum com outras pessoas na mesma situação ou não, e isto faz com que certas barreiras de comunicação do mundo saudável

caíam. Já não se tem medo de certos assuntos, já não se é proibido mencionar certos tabus.

Foi o que descobri fazendo compras com o Alejandro e o Márcio, logo após eu ter sabido de meu resultado para o exame de aids; quando, apesar de tudo por que eu passava, eles não me pouparam de piadinhas e comentários jocosos sobre a situação. Sentia isso mais uma vez agora, com a minha tia, que, mesmo me pedindo para passar a alguns metros de distância dela, não me soava rude ou excludente. Tentávamos apenas achar graça dos cuidados excessivos de todos para conosco. Éramos meio cúmplices:

- Juro que eu comi tudo o que estava no prato. Pode perguntar para o Bernardo. - falando com a filha que verificava o paradeiro do prato cheio que havia preparado para a mãe.

- É verdade. Eu vi. - fingindo não ter percebido o cachorro sair com o bife na boca.

E nos olhávamos com ar de “fazer o quê?”.

- Será que eles não percebem que a gente não é criança? Se eu estivesse com fome, iria até a geladeira e pegaria algo, caramba! Agora fica esse povo me cansando o dia inteiro. – dizia ela, entre irada e enternecida.

- Chato, né? E eu, que nem comia tanto quando estava bom, agora tenho que manter o apetite de um leão. Se eu estivesse restabelecido, acho que o normal seria voltar a comer o pouco que sempre comi, não é? Mas vai tentar fazer eles entenderem.

- Tem lógica. Acho que você nunca vai comer muito mesmo. Desde criança que você come pouco. Mas se essa é uma razão, eu é que não vou ter desculpa. Antes, eles tinham que me pedir para parar de comer - e ria, se referindo ao fato de sempre ter sido conhecida como comilona, chegando mesmo a ir a SPAs para tentar perder alguns quilos. Chego a pensar que é tudo castigo – continuava: “De tanto pedir para emagrecer, acabei emagrecendo mesmo.”

- Castigo?

- Tô brincando... Mas, ao menos, frustrada eu não morro. Quero ver minhas amigas conseguirem este “corpete de lady”.

- Verdade... vão ter que malhar muito!

E ficávamos ali, tentando comer pinhão, dividindo nossas angústias e chateações com o carinho extremado dos parentes, falando sobre a morte e estabelecendo acordos mórbidos.

- Eu vou primeiro. Faz mais sentido - ela dizia.

- Tudo é possível, mas é melhor achar outro argumento pra ir mais cedo. Até permito que você vá antes, e prepare o terreno para minha chegada, mas não por fazer mais sentido. Se tem uma coisa que eu não espero mais da vida, é que ela faça sentido pra mim.

- Tá. Então eu vou por ir, preparo a festa e depois mando te chamar. Quer que eu venha te buscar, ou mando um anjo?

- Pópara! Só me falta, a esta altura do campeonato, começar a fazer contato com almas penadas. Deixa por conta dos anjos mesmo, que vai estar bom.

- Medo de me ver depois de morta?

- Sei lá. Quando a Tia Lygia morreu, eu fiquei imaginando que, de tanto que nos gostávamos, ela iria se sentir na obrigação de voltar, ao menos por alguns instantes, para contar como é o lado de lá. Rezei feito doido para ela não dar uma dessas. Não vá você me aprontar algo parecido. Só está me faltando mesmo morrer de susto e não de aids. Ia ser engraçado.

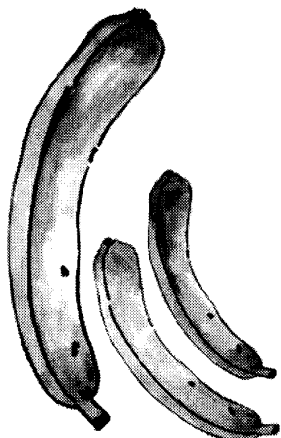
- É. Parece aquela estória do homem que não parava de premeditar sua morte, fazendo mil conjecturas sobre dia e motivos para morrer. Acabou tão concentrado que atravessou a rua sem olhar para os lados. Morreu atropelado.

- Que estória é essa? Nunca tinha ouvido. Você que inventou?

- Não. Acho que seu avô que contava. Acho que

era isso que ele dizia para os pacientes terminais que começavam a pensar demais em morrer.

Meu avô era médico e tanto minha tia quanto minha mãe sabiam muito sobre a relação médico / paciente e sobre tratamentos dos mais diversos, por terem, durante toda a infância, convivido com os pacientes que meu avô atendia em casa.



- Até que deve ter sido bom – cogitei. Imagine ficar uma boa parte da vida tentando escapar da morte que a doença anuncia, tomar todos os remédios que existem e um pouco mais e, no fim, ainda ter a sorte de uma *causa mortis* como fratura craniana por escorregão em casca de banana. É isso que eu quero: uma morte banal. Quero poder cair por causa de uma casca de banana, e não por causa da aids. Isso para não mencionar o fato de que deve doer bem menos um tombo fatal, do que ficar definhando em uma cama.

- Iiihhh!!! Próximo assunto... – ela pedia que não nos detivéssemos mais que o necessário nesse tópico.

Dores não eram os assuntos mais agradáveis de se debater, ainda mais por serem tão presentes para nós dois. Era mesmo o que mais nos amedrontava naquela época. A sombra da morte pairando sobre nós não era nada, quando comparada com as dores que já nos acometiam, reais e tangíveis. A dor era um fantasma desconhecido e presente, enquanto a morte ainda se mantinha apenas desconhecida. Medo tínhamos dos dois – morte e dor – ,mas a dor tinha que ser enfrentada naquele momento, enquanto a morte, no futuro, poderia ser até fator de alívio.

De maneira geral, já não tínhamos grandes expectativas de fazer coisas ou criar. Ela, com muito mais razão para isso: casada, filhos criados, viajada; e eu por comodismo mesmo. Não queria pensar em tudo que ainda podia fazer como algo que não seria alcançado. Como ainda não me era dada a chance de sonhar alto o suficiente para me imaginar ficando velho com aids, me restava não pensar em futuro distante, em grandes aventuras, grandes feitos.

- Indo antes ou depois de você, quero ainda ficar aqui por uns bons três anos. – ,continuava minha tia - Antes

de “embarcar”, tenho que resolver algumas coisas. Acho que eu ainda não fui embora exatamente por causa dessas “coisinhas” por resolver.

- Então deixa pra depois. Para que ter pressa?

- É...

E voltávamos para o pinhão.

- Três anos... acho que dá tempo de deixar as pessoas menos dependentes. Tenho que ensinar meus filhos a andarem com as próprias pernas.

- Relaxe. Eles já são mais que formados. A Adriana até já casou. - ,me referindo à menor de minhas primas, já com quase 30 anos.

- Não sei. Tanta coisa por fazer.

- Então come... pra ficar fortinha.

Não lhe foram dados os 3 anos que ainda queria. Naquele mesmo ano ela “embarcou” para o próximo estágio. De lá, deve estar mais calma quanto às “coisinhas” que ainda tinha pendentes aqui; e não tentou contato comigo, pelo menos até agora.

Como se previa, após a sua partida, as coisas aqui tiveram uma fase de adaptação bastante difícil. Minha tia não era apenas um ente querido de todos que dava adeus, mas o cerne da família e o seu mais forte referencial, especialmente após o falecimento da irmã mais velha – Lygia. Coube aos que ficaram tentar levar a vida sem a ajuda da mamãe, ou da titia. O dinheiro continuava presente com a pensão que deixara, e o carinho - mais que o dinheiro – , ainda se fazia perceber, perpétuo. Ela me é, ainda hoje, o maior exemplo de desprendimento material e bondade incondicional. Uma das pessoas que fez minha vida valer a pena.

Fase de baixo astral na família. Não era raro encontrar alguém chorando pelos cantos. Eu não chorei. Estava muito ocupado tentando compreender tudo aquilo. Não fazia sentido. Ela estava lá no dia anterior e, de repente, já não estava mais. Não mais poderíamos conversar sobre o que quer que fosse.

Pensava nos 3 anos que ela havia pedido para terminar de fazer o que queria. Pensei no alívio que todos estávamos sentindo por saber que ela não mais estaria sofrendo. Pensei que ela devia estar feliz em algum lugar, enfrentando a morte e se esquecendo da dor – amiga de tempos idos. Devia ainda estar comemorando meu aniversário – 3 dias antes de sua morte – no céu.

A isso se seguiram os preparativos para o Natal – magro de alegrias – e Ano Novo; menos feliz que os outros, mas ainda Ano Novo: novo. Inédito. Tempo de recomeçar. Tanta coisa pode acontecer em um ano que se abre! Tantas coisas podiam e iriam acontecer. Dava até medo pensar.

Lembrei do *réveillon* do ano anterior. Não teria àquela época como imaginar tudo por que eu iria que passar até o final de ano que se inaugurava. Preferi não fazer previsões, e deixar ele acontecer. Se Deus permitisse, esse ano seria menos turbulento que aquele que eu encerrava. Quem poderia dizer, com certeza, tudo que eu ainda iria passar?

Quem partiria? Quem ficaria? Quem chegaria? Tanto por acontecer!

Nenhum outro final de ano significou tanto para mim quanto esse. Início do resto de minha vida. Ponto de partida. Pensamento positivo. Tia vai, eu fico. Chorei.

Acho que nunca chorei tão convulsivamente quanto na noite da virada do primeiro ano de soropositividade. Chorei com minha mãe, chorei com meu irmão, chorei com meu tio, chorei com a Patrícia. Chorei tudo o que eu ainda não tinha chorado durante o ano de luta. Chorei sem medo de estar ficando deprimido por chorar tanto. Eu lavava minha alma com aquelas lágrimas. Eu não deixava máculas em minha aura com toda aquela torrente de lágrimas que fluía, com toda a enxurrada de vírus mortos que seguiam na corrente de água salgada brotando dos meus olhos. Eu havia vencido a primeira grande batalha. O que tinha sido a Primeira Guerra Mundial, perto da minha primeira grande vitória? O ano havia valido a pena, enfim.

Meia noite. Fogos de artifício por todos os lados. Bombas estouravam dentro de mim, explodindo todos os invasores.

Virei um grande video-game. Respirei fundo. Senti o mundo à minha volta. Me senti parte dele. Olhei para o céu, para a terra do jardim, para o fogo das velas que enfeitavam a sala, para a água da piscina. Todos os elementos e eu, coroando a maravilha da criação. Viver valia a pena e eu estava **VHIVENDO!** (mais místico que nunca) Um ano se abria. Eu me abria para o ano que se abria para mim. Chorei mais. Queria ter podido chorar com a Dra. Ângela, naquela noite.

Tanta coisa por fazer... uma vida pela frente... fazer mais um aniversário, dentre outras coisas.

“Só é triste quem não tem por quem chorar”

XII

O PRIMEIRO ANO DO RESTO DE MINHA VIDA...

Janeiro chegou, e a angústia de não ter o que fazer em casa que não escrever cartas para amigos era grande. Meu estado geral já era bem melhor, apesar dos mal-estares, dia sim, dia não.

Às vezes uma comida um pouco mais gordurosa me fazia vomitar. Outras, os remédios me davam algum tipo de reação estranha: tem os que te fazem ficar com sono, os que te enjoam, os que te dão dor nos pés, os que te deixam a boca seca, os que te adormecem os lábios, os que te dão *rash* – coceira em tudo que é parte do corpo, inclusive algumas erupções em casos mais agudos de reação aos remédios.

De maneira geral, eu sempre aceitei bem todos os remédios. Como a Dra. Ângela diz, tenho estômago de avestruz e graças a Deus – ele novamente – , sempre pude contar com uma saúde financeira razoável em minha família, o que me permitiu variar o cardápio – de remédios e comida – , sempre que se fez necessário.

Não quer comer arroz e feijão? Dite o menu! Sardinhas hoje? Amanhã amoras silvestres colhidas nas Ilhas Galápagos? Ok. Não gosta de coentro? Ninguém mais come coentro em casa, apesar de ser um costume de anos na família.

Tive uma crise de querer comer tudo com jalapeño - pronuncia-se “ralapenho” - que deu o que falar. Depois que o Alejandro me apresentou essa pimenta típica mexicana, eu fiquei por uns dois meses querendo comer dela a não mais poder. Tudo cai bem com jalapeño. É impressionante. Até pão com manteiga fica melhor.

Difícil foi encontrar a pimenta em Brasília. Problema? Não. Manda importar de Belo Horizonte! Planta pé de jalapeño no quintal que fica mais fácil. E eu tinha meus potinhos de pimenta na mão.

Minha família meio que se organizou para satisfazer todos aqueles que podiam ser os meus últimos desejos. Acho que não cheguei a abusar da boa-vontade de ninguém, mas que foi bom poder pedir e ser atendido na mesma hora, isso foi.



Vontade de sorvete? Corre alguém na padaria. Ele tem que comer!

Bebi água de coco em caixinha a me fartar. Minha tia e eu passamos algumas tardes à beira da piscina com nossas águas de coco. Pareceria colônia de férias no Havaí, não fosse nossas aparências.

Assumi a situação como se minha família estivesse querendo satisfazer os que “podiam ser meus últimos desejos”, pois era o que sentia em alguns momentos.

Não quero que soe como ressentimento, mas cheguei mesmo a ter que ouvir algumas barbaridades deles.

Minha tia acabava de falecer e minha prima tinha tomado um porre fenomenal. Ela estava que não se agüentava em pé, quando eu a encontrei em um cantinho da área de serviço, sentada, chorando.

- Calma... – eu disse isso e tudo aquilo de “ela foi para o andar de cima” e “ela com certeza está melhor que a gente”: o praxe de apoio a alguém chorando a morte de outro alguém. Tinham que inventar algo mais para ser dito nessas horas. Cheguei a ficar com vergonha de mim, ao dizer aquilo. Tão batidinho. Tão óbvio de ser dito e difícil de ser colocado em prática. Acho que soaria mais real dizer “Chora mesmo que a vida sem ela vai ser barra! Ela era maravilhosa mesmo e agora estamos todos na mão! Fóda, né? Só nos resta chorar. Vamos lá!” E aí eu começaria a chorar com ela, ao invés de tentar enxugar as lágrimas. Queria tê-la deixado chorar o que tinha que chorar. Ainda mais depois de ouvir o que ela disse:

- Eu sei, porra. Tá melhor, mas e a gente? Ela não podia... – e corrigindo - O que é que eu estou dizendo??? Deus é que não podia! Se dependesse dela, é bem capaz que ainda estivesse aqui, com dor e tudo, só para ter certeza de que estaríamos bem. Do jeito que ela era. Não é?

- É. É bem dela isso. – e pensei em falar que minha tia queria ficar mais 3 anos, e continuar com o papo

de que tinha sido melhor para ela, mas minha prima não me deu tempo:

- Me promete uma coisa?

- O quê?

- Promete que você não vai morrer? – ela me disse.

Ela estava bêbada, realmente.

- Prometo. – foi só o que pude dizer.

Não cabia mais nada da minha parte.

- Brigada – disse, voltando a chorar.

Fiquei ao seu lado dando apenas minha presença como consolo. Algo como “ainda estou vivo”.

Parei de falar asneiras para que ela não sofresse tanto, e me senti melhor encenando o papel de Bernardo e não o de mão forte durante a tormenta. Ela tinha que sofrer aquilo e pronto. Queria, à sua moda, prestar aquela última homenagem à sua mãe, por mais que soubesse que onde quer que a tia estivesse, não estaria gostando daquela ladainha.

Mas voltando ao lado bom de estar doente e cheio de mimos por parte dos parentes:

Sei que me diverti muito durante esse tempo de recuperação. Obviamente, ainda queria poder voltar ao normal, ter uma vida de jovem comum que trabalha, estuda, sai para comprar sorvete quando tem dinheiro e com suas próprias pernas. Me cansava a idéia de precisar que as pessoas fossem fazer as compras pra mim.

Por mais que eu estivesse me sentindo bem a ponto de ir ao supermercado, a cidade meio que me deixava sem pernas. Tudo é tão distante em Brasília, que mesmo para ir à padaria você precisa de carro. O carro estava lá, mas eu não sabia dirigir.

Se você mora no Plano Piloto – região mais parecida com uma cidade comum: apartamentos (quase todos iguais!), padarias, farmácias, tudo pertinho - ainda fica um

pouco mais fácil; mas não. Eu estava no Lago Norte. Extremo da cidade.

Tudo aquilo começava a me cansar, e minhas fronteiras – havia pouco resumidas à minha cama, depois minha casa – queriam se alargar.

Os programas durante as tardes começaram a ficar mais frequentes. Eu sempre saía com o meu primo e sua então noiva. Imaginem a cara dos dois querendo namorar, e tendo que levar o primo doente para “tomar a fresca”. Agora imaginem a minha ao ter que sair com eles, vê-los tentar ficar a vontade comigo de vela, e ainda não poder nem bater um papo mais aberto. Por mais que eles entendessem e aceitassem minha situação sexual, eles não eram gays. Não era a mesma coisa. Bastava eu olhar mais gulosamente para alguém, que a situação se repetia: as caras de pasmo dos dois. A Débora – noiva – até entrava na dança:

- Pernas bonitas, né?

Mas o olhar de repreensão do meu primo não dava espaço para mais nada.

Comecei a sentir falta de meus amigos, de minhas noites em Belo Horizonte, de ter com quem conversar sobre o que quer que fosse. Bater papo furado. Falar das pernas que passavam. Ligar para o César apenas para contar que não tinha nada para fazer.

Até liguei para ele várias vezes, mas não era a mesma coisa.

- Hoje, fulaninho e eu vamos a tal lugar. Quer ir? – ele brincava.

- Ah, ah, ah – com ar de enfado – muito engraçado.

Depois de muito penar me levando a tira colo, meu primo se lembrou de um amigo dele que ele supunha ser gay. Agora tentem imaginar meu primo tendo que ligar para este amigo que ele apenas imaginava ser gay para dizer que queria que ele levasse o priminho para dar umas

bandas pela noite. Hoje, paro para pensar e chego a uma única conclusão: meu primo tinha que estar realmente de saco cheio, para fazer uma coisa destas. Fico imaginando a conversa:

- Oi, Zé, quanto tempo. Lembra de mim?

- Nossa. A que devo a honra?

- Sabe o que é... eu estou recebendo um primo de Belo Horizonte e ele está querendo dar umas voltas para conhecer Brasília. Tem como você dar uma assistência pra ele?

- Você quer que eu apresente a cidade para ele?

- É mais ou menos isso. A cidade ele já conhece. Já veio aqui várias vezes, mas agora ele quer fazer amigos. É que ele se mudou de vez para cá e ainda não conhece ninguém.

- Claro que eu posso ajudar, mas por que você mesmo não sai com ele?

- É... Bem... sair eu até saí. Temos saído quase todos os dias, mas agora ele quer ir a uma boate, dançar. Eu estou quase me casando e não tenho mais saído pra farra. Você entende?

- Sei.

- Pois é. Então?

- Tá bom. Pra onde ele quer ir?

- Qualquer lugar. Pra onde você costuma ir deve estar bom.

- Qual é a idade dele?

- 20, e ele é gay.

Assim. Como que se fosse um dado qualquer. Como deveria ser mesmo

- Ok. Tá legal.

Ou ainda pode ter sido:

- Para onde ele quer ir? – o amigo do meu primo pergunta.

- Sei lá... um lugar onde ele possa conhecer gente que goste das mesmas coisas que ele, gente com a mesma cabeça, da mesma idade.

- Que idade que ele tem? O que ele curte?

- 20, e ele curte homem.

- Ah, tá. Assim fica mais fácil.

Não sei como foi essa conversa, mas sei que funcionou. Alguns dias depois de meu primo me avisar que tinha tomado coragem para ligar para aquele amigo gay “rasgando o verbo”, este amigo dele apareceu lá em casa para me buscar e me levar a uma festa de aniversário.

O lugar nem era tão gay, mas a turma era. Nos divertimos muito. Apesar de não ter mantido contato com este amigo de meu primo, nesta festa de aniversário eu conheci aquele que veio a ser o meu referencial gay em Brasília: Paulo.

Meio que nos demos bem desde o primeiro contato. Ele me pareceu ser bem mais aberto que o resto do povo da mesa, e marcamos de sair em uma próxima oportunidade, desta vez para uma boate.

Nos falamos algumas vezes durante a semana, e no final de semana seguinte ele passou para me pegar em casa, rumo ao tão desejado reencontro com a vida gay.

Cheguei na danceteria todo fechado, como sempre fico em um primeiro contato com um ambiente. Tinha me preparado muito bem para aquele momento: vesti minha melhor roupa de domingo, coloquei perfume até não poder mais, penteei meu topetinho – que voltava a ter o mesmo volume de antes – com todo o cuidado, e lá estava eu, no meio de toda aquela gente, brilhando de limpo, com um baita curativo no pescoço e querendo saber qual seria a reação da massa.

Naquela época eu estava completamente sem libido. Nem pensava em tirar o atraso de sexo que se havia estabelecido. Não cheguei a pensar em todo o problema que estava por surgir: “como conhecer pessoas e se relacionar

afetivamente com elas tendo HIV”. (dá-lhe escrever livro, que este tema dá pano pra manga!) Aquilo ainda era algo distante. Eu queria apenas sair de casa.

Cheguei mesmo a passar quase um ano sem sequer me masturbar. Não sei se foi o choque da doença que me brochou, se os remédios que me deixaram com tudo pra baixo, se não ver ninguém interessante faz com que se pense menos em sexo. Sei é que cheguei mesmo a fazer exames hormonais, e deu tudo baixo - hormônios masculinos, principalmente.

- Será que desta vez você vira mulher de vez? – O Tiago tirando sarro.

- Capaz.

- Sei não... essa estória de pensamento positivo tá parecendo que funciona mesmo. Ontem você estava de cama e hoje tá aí, até querendo sair. Começa a pensar que eu vou ganhar na Mega Sena que é bom. Vai que funciona...

Que facilidade para brincar com emoções fortes. Isto me ajudava a encarar tudo com maior naturalidade.

Eu estava sentindo uma ardência ao urinar que começava a me incomodar. Mais por isto é que quis fazer os exames. Como eu não fazia outra coisa que não ir a médicos, não me foi difícil marcar uma checagem de tudo relativo a urina e aparelho reprodutor. Isto se deu na mesma época em que meu irmão mais velho descobriu ser completamente estéril. Para ele, aquilo estava sendo uma barra enorme de suportar. Um de seus maiores sonhos era ter filhos. Nem imagino o quanto deve ter chorado ao saber que não mais poderia satisfazer os também desejos da noiva. Chegou mesmo a pensar em terminar o noivado, para que ela pudesse ser feliz e ter filhos com outra pessoa, mas parece que minha mãe conversou com ele e ele se abriu com a menina. Acho que tudo acabou bem, e ela entendeu e aceitou, na medida do possível.

Chato, né? Querer fazer algo e seu corpo estar incapacitado para tal. Ter que se adequar a novas realidades, repentinamente. Até o dia do resultado daquele exame,

ele não precisava se preocupar com nada. Pensava que teria filhos e seguia sua vida, adiando-os para sabe lá quando; quando se formasse, quando arranjasse um emprego melhor, quando... mas ele pegou o resultado e sua vida mudou. A falta que o filho fez, daquele dia em diante, foi muito maior do que a que este mesmo filho hipotético fazia quando ele era possível.

Talvez ele nem chegasse a realmente ter um filho. Sei que ele costuma pesar bastante as coisas, e ainda não tinha certeza de estar preparado para enfrentar tamanha responsabilidade, mas, a impossibilidade total de ter um filho seu como que o alejava.

E se eu estivesse estéril, também? Oh, meu Deus! Nem te ligo. Faltei rir quando o médico pediu que eu tomasse uns remédios para poder normalizar minha produção de sêmen e de hormônio masculino.

- É. Acho que os remédios estão afetando sua produção de espermatozóides.

- É grave?

- Nada que não passe com o tempo. Basta que os remédios sejam cortados ou diminuídos, para sua produção aumentar.

- Só para ela aumentar?

- É. E o mais interessante. Você está produzindo pouco espermatozóides e este pouco ainda é de má qualidade. Ele não é tão cheio de espermatozóides como era de se esperar; os poucos espermatozóides vivos que são encontrados ainda estão lentos demais para fecundar um óvulo antes de morrerem, e, para terminar, os que têm velocidade para encontrar o óvulo não conseguem seguir sempre reto e tendem a se perder, indo para frente e para trás ao invés de sempre em uma mesma direção.

Não sabia se ficava mais maravilhado com a capacidade do ser humano de criar um teste que visse se meus espermatozóides estavam vivos ou mortos - se corriam ou se andavam e ainda se estavam sempre na mesma linha -,

ou se por não ter que me preocupar com aquilo. Fiquei imaginando um cara todo de branco, em uma sala cheia de esperma em tubinhos, um microscópio enorme em que ele vê os movimentos dos bichinhos dentro do esperma de cada homem que decidiu analisar sua capacidade de procriar.

Dá pra entender? E ele chega a cutucar os bichinhos mais paradinhos para ver se eles acordam? “Ei... não vai andar não? – deve dizer - Ah, andou... mas não é para este lado não...!”

- Que riscos reais eu corro se eu deixar isso de lado? – eu para o médico.

- Você não terá grandes chances de ter filhos antes de parar de tomar esses remédios todos. Mas como você tem aids, eu realmente não sei o que é melhor fazer. Você pretende ter filhos? Você sabe que hoje os riscos de infecção de uma criança filha de pessoas vivendo com aids é menor que anos atrás, não sabe?

Um médico bem informado. Que bom! Mas não. Ele não tinha lido meu questionário inteiro. ORIENTAÇÃO SEXUAL: Gay.

- É, acho que não será problema. Não estou pensando em engravidar ninguém. Ao menos, não antes de parar de tomar os remédios.

Acho que ele não entendeu – parar de tomar os remédios? Será que este menino crê na cura? - mas deu a consulta por encerrada.

De volta pra casa:

- Tiago, eu não sou estéril. Tenho uns e outros ainda para dar chance de uma inseminação artificial.

- Ai, que bom! Assim eu tenho mais chances de ser normal né?

Ele estava tenso com a chegada do dia de pegar seu próprio resultado do espermograma. Não podia sequer conversar sobre as chances de não poder ter filhos, como nosso irmão mais velho. Me foi estranho pensarem o quan-

to aquilo fazia diferença para eles, enquanto não me afetava em nada.

- Vai ser uma piada de muito mal gosto você poder ter filhos e nem eu nem o Augusto – meu irmão mais velho – poderemos, não? Deus me livre. Não quero nem pensar.

- Qualquer coisa, eu empresto alguns. – disse eu, devolvendo a facilidade de encarar dificuldades na mesma altura.

Seu resultado saiu alguns dias depois: super fértil. Garanhão. Cuidado para não deixar resíduos de suas brincadeiras em toalhas, e não ter o risco de engravidar alguém a distância.

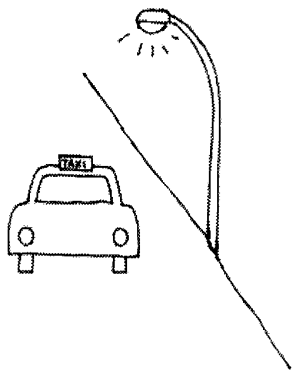
Bom pra ele. Dormiu mais calmo. Cada um com sua cruz, e essa não era a dele.

E eu lá na boate, hormônios em baixa – convicto – e todo mundo dançando e me olhando. “Cara nova. Quem é ele? Bernardo? Que é isso no pescoço? Acidente de carro? Nossa!” E o Paulo me apresentando a todos que conhecia. E como conhecia gente!

Nada muito diferente de Belo Horizonte, enquanto pessoas. Uns mais loucos, outros mais sérios. Uns que paravam pra conversar e me perguntam do pescoço, outros que olhavam de longe e perguntavam do pescoço para outra pessoa que não eu.

Garagem era o nome da boate. Ficava no setor de... vamos ver se você acerta? Isto, no setor de garagens. Tudo tem setor certo em Brasília. Setor de Diversão, Setor Bancário, Setor de Embaixadas, Área Residencial. Comercial. E os gays excluídos, mandados para as garagens, onde ninguém anda à noite. A área reservada para diversão era dos castos heterossexuais da Capital Federal. E eu de saco cheio de ter que pedir carona para ir à boate. Dependência é o que há de chato. Deixei de sair algumas vezes para não ter que deixar ninguém de prontidão, à espera de meu cansaço, de minha disposição para ir embora – no caso do Paulo –, ou acordada esperando meu telefonema – no caso da Patrícia. Brasília me cansava, mas ainda era minha única opção. Fazer o quê?

Táxi? Nem pensar. Os taxistas de Brasília acham que a gente acha dinheiro no meio do capim do planalto central. Só com a bandeirada de uma corrida lá, dá para pagar uma volta em Belo Horizonte. Faltei chorar no dia que arrisquei ir à boate de táxi e vi o taxímetro em 50 reais ao final da corrida.



- O que que é isso, moço??? Cinqüenta reais?

- Não... você pediu o táxi por telefone. Tem 50% de desconto.

- Ah, e isto alivia?? Que horror! Vou voltar a pé pra casa.

Quinze minutos de corrida nas pistas largas e abertas de Brasília tinham acabado com minha economia de pré-aposentado. (não falei, mas o INSS queria me aposentar. A médica da perícia não via muitas chances de melhora em meu caso, e já queria me dar a carta de aposentadoria na primeira visita. Duzentos contos? Nem pensar!”. Para o resto da vida com aquilo? Deus me perdoe! É muito mais do dobro que muita gente ganha Brasil afora, mas estava muito longe do que eu costumava ter como rendimento, e eu sabia que uma aposentadoria – por melhor que fosse – seria uma condenação a bicos e trabalhos esporádicos. Eu não queria aquilo. “E minha carreira de jornalista? E meu emprego no hotel?” Meus sonhos de futuro voltavam a ter peso em minhas decisões. Bom sinal.)

Não me aposentei, digo, não me aposentaram, e aproveitei a primeira oportunidade real de emprego que me foi oferecida.

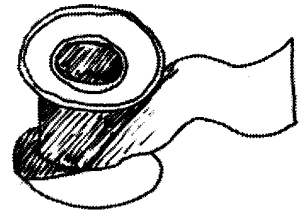
Bernardo? Aqui é da escola de Inglês onde você deixou o *curriculum*. Tem como você passar aqui amanhã pra gente conversar?

- Claro.

E no dia seguinte, lá estava eu fazendo o teste com mais outros candidatos. Povo fechadão, pessoas de todos os tipos. Todos pretendentes à mesma vaga, mas como éramos diferentes uns dos outros. Será que não havia um padrão de professor de línguas? Qualquer um podia ser?

Quando se vai a uma entrevista em um hotel, encontra-se pessoas das mais diversas, mas todas com algo em comum: o trajar, o modo de falar e se portar; mas ali na escola, não. Pude ver senhoras que pareciam professoras de história, jovens que pareciam drogados, um garoto que não parecia ter nem 15 anos – seria um aluno? –, um cara gordo que não parava de falar asneira, visivelmente querendo se mostrar à vontade diante de um estado de tensão. Tinha de tudo naquela sala de espera.

Chegou a hora da entrevista, que nem entrevista era. Fizemos um teste TOEFL e fomos para casa, esperar o resultado. Me foi bem mais fácil aguardar este resultado de exame - comparando com os outros resultados que costumava esperar, foi facilímo -, mas mesmo assim, fiquei tenso. Nunca antes tinha me submetido a um teste de Inglês tão sério, e ainda não sabia nada do que era esperado de um instrutor de línguas. O que teriam achado de mim? E meu pescoço? Será que haviam notado e acharam ruim?



Dois dias depois, a mesma moça da escola me liga, dizendo que eu havia passado no teste e me convidando para um curso de uma semana, ministrado na escola, para que os candidatos fossem melhor avaliados e para que todos conheçêssemos o método de ensino.

Lá fui eu para a diversão.

Chegando lá, fui colocado em uma sala com os outros candidatos, todos ainda tensos e sem espaço para

* De volta ao trabalho

ficar à vontade. Aquelas caras de “estou esperando alguém falar, mas não falem comigo que eu estou ansioso”.

Entrou alguém que, pela apresentação, seria mais um candidato – a ser desclassificado pelos modos –, mas que se apresentou como o coordenador da escola. Atrás dele entrou uma gaúcha simpática, já conhecida. Ela havia nos aplicado o teste, dias antes.

Começaram a falar de si mesmos, da escola, do que estavam procurando. Coisas que se espera ouvir em uma introdução de entrevista, mas, ao me pedirem para dizer meu nome – fui o primeiro –, disseram que eu teria que fazer uma mímica para que as pessoas o descobrissem. Imitei um cachorro, e, por eliminação de raças, chegaram ao São Bernardo, Bernardo. Havia terminado minha parte. Seguiram-se pelos e cambalhotas dos outros concorrentes.

Foi uma tarde prazerosa. Conheci pessoas e conversei com elas. Nem todas me pareciam tão diferentes como antes. Nem todas me perguntaram o que eu tinha no pescoço.

Outros dias de contato se seguiram. Fomos apresentados ao método, e logo estaríamos mostrando como achávamos que ele funcionaria melhor. Eu estava tenso no dia da minha apresentação, e me espantei com a reação da senhora – que era quem mais experiência tinha na arte de ensinar línguas.

Sempre muito elegante e recatada, ela começou a dar “bravos” ao final de minha aula.

_A gente precisa incentivar boas atuações de jovens – se explicando para os outros concernentes.

Já gostava dela antes, agora ainda mais.

Estávamos todos nervosos ainda, mas já começávamos a nos entender melhor, a saber até onde o limite dos outros nos deixava ir. Foram tardes muito agradáveis e eu chegava a ficar triste quando acabavam. Eu descia do prédio da escola e a Patrícia já me esperava no carro. Meus amigos de curso perguntavam:

_Quem é ela? Por que você não pega um ônibus?
Que mordô, hein?

O que dizer? Fiquei como o filho de “títo” da turma. Pareciam não entender como eu nunca tinha ido aos Estados Unidos, se até motorista eu tinha. Não seria eu a explicar.

As tardes se seguiram, sem maiores surpresas.

Ao final dessa semana, nos despedimos sem saber quem realmente seria selecionado. Receberíamos um chamado em casa comunicando o resultado ainda naquele fim de semana. Restava esperar. Achei que a alegria tinha acabado, que eu voltaria ao dia-a-dia enfadante de doente trancado em casa. Mas eles me chamaram para trabalhar.

Sempre tive uma postura positiva diante da vida. Sempre fui de achar que tudo o que eu realmente quisesse eu poderia ter, mas fiquei super inseguro quanto a mim e minhas potencialidades, nesta, primeira tentativa de arrumar emprego.

Parecia que minha carta de alforria estava dada. Agora, teria coragem de pagar os assaltos dos taxistas e poderia começar a viver com mais liberdade. Ter meu dinheiro, ter que acordar cedo – “Não me vá pegar mais aulas do que pode dar, hein? Sua recuperação em primeiro lugar” – , ter problemas para resolver, conviver com alunos e professores, com a direção da escola, sair de casa, almoçar fora todos os dias – “Vê se não descuida da alimentação!” – , ter que dormir cedo para acordar bem disposto – “ao primeiro sinal de cansaço, eu mesma te desligo da escola. Estamos entendidos?”

_Ok, mamã!!! Não corte meu barato. Eu vou me cuidar. Pode deixar, sou o maior interessado em tudo isso que você está falando.

_Sei, sei... se eu não conhecesse minha cria... vamos ver no que vai dar...

E deu tudo certo. Me adaptei bem aos horários e à vida normal. Escondi o fato de a comida não me cair

muito bem, mas comi em dobro o que me apetecia só para ter certeza de que nada sairia errado. Vomitei algumas vezes – até mais do que minha média de então –, por causa da comida pesada do *self-service* mineiro a que todos os professores iam. Até a comida era mineira. Que mais eu poderia querer?

As primeiras aulas me deixaram meio apreensivo quanto à minha capacidade de lecionar. Meu primeiro contato com alunos se deu com pessoas bem mais velhas que eu – apesar de a maioria de minhas classes ser de adolescentes. “Você tem o perfil que queríamos para as salas de *teen*: nem velho demais, nem novo demais. Eles – os alunos – não vão te encontrar tão distante... Ao mesmo tempo, você parece não se abalar facilmente, o que vem ao encontro das nossas necessidades. Esses meninos faltam pisar na gente, quando tentamos colocar ordem no barraco.”, me dizia a coordenadora gaúcha.

Passada a fase de adaptação, depois de me sentir mais a vontade como a voz de comando da sala, as aulas começaram a render mais e meus alunos a demonstrar que gostavam de mim. Os mais novos riam de minhas piadas, e me chamavam de *teacher*, os mais velhos me procuravam ao final da aula para me dizer que estavam sentindo maior dificuldade em um ou outro ponto da matéria, e eu sentia que estava conseguindo passar confiança para estas pessoas. Me senti muito bem como professor.

O contato com os outros professores também era muito interessante. Apesar de não ser íntimo de nenhum deles, começamos a estabelecer uma amizade bastante significativa. Ficávamos muito tempo juntos e tínhamos, naquela escola, um ideal comum. Apesar de a escola não pagar grandes maravilhas o diretor tinha sido claro ao pontuar que estava deixando a escola em nossas mãos, que ele queria que nos tornássemos parte dela, que a fizéssemos crescer e com ela crescêssemos.

Havia uma professora em especial, com quem me identifiquei. Ela se chamava Julia. Era filha de salvadorenses, tinha sido criada na Alemanha - apesar de

ser brasileira – e ainda se encontrava em fase de adaptação no País. Apesar de falar muito bem o Português, de vez em quando dava umas ratas bastante evidentes que a delatavam como estrangeira.

Desde o princípio, ela se colocou como uma pessoa reservada, chegando mesmo a verbalizar isto. Disse que ainda não se sentia à vontade com alguns costumes brasileiros, dentre os quais dar beijinhos ao encontrar amigos. Todos os professores a achavam diferente, mas entendiam seus motivos e a respeitavam.

Mesmo com todas as barreiras impostas por ela, começamos a nos dar bem. De vez em quando, ela me pedia para ir com calma no contato, pedia que eu maneirasse nos assuntos abordados, mas sempre conseguíamos rir bastante quando o tema eram os alunos.

Dessa maneira, fomos nos conhecendo, ela foi baixando suas defesas e nos tornamos os melhores amigos um do outro em Brasília. Apesar de ela ter namorado – e de ele não gostar da idéia de ela ter uma amigo homem – , passávamos a tarde papeando e corrigindo os deveres de casa de nossos alunos. Quando dava a hora do namorado dela chegar para buscá-la, eu ia para a minha sala e pronto.

Esse pequeno período dando aulas não teve grandes novidades. A importância desse estágio na minha história se deve apenas ao fato de ter sido minha primeira grande experiência fora de casa, depois da doença. Ali, pude ver que minha vida profissional teria por onde seguir. Por mais que o hotel não me aceitasse na recepção, com as marcar no pescoço ainda inchado, eu sabia que o mercado de trabalho me absorveria. Bastava que continuasse batalhando como sempre fiz. Me foi muito positivo saber disso. A gente fica meio sem rumo quando o governo – INSS – quer te impor uma aposentadoria e você nem bem começou a ser o que quer ser. Ainda não tinha feito nada, e eles já queriam me colocar na lista dos incapazes. Enfim! Não era assim e não precisava ser. Agora, restava esperar que a liberação chegasse para que pudesse pensar em algo maior. Voltar para o hotel em Belo Horizonte? Tentar um hotel em Brasília?

Me mudar? Que ousadia! Ainda não era a hora, e eu sabia disso. Minha médica também, e ela sempre me lembrava dessa minha imobilidade temporária, quando eu perguntava das chances de dar uma escapada maior para Belo Horizonte.

_Ainda não é a hora. Melhor não pôr a carroça na frente dos bois. Me dê apenas um bom motivo para você não continuar aqui. Você não está fazendo dinheiro, e tendo uma vida normal? Não tem tido toda a assistência de que precisa aqui? Não e ponto. Não tem como você mudar agora. Espere mais um pouco.

E eu esperava, ansiosamente. Queria ter certeza de que um dia tudo seria realmente como antes, que poderia voltar para a cidade que adotara como minha, e continuar trabalhando onde optara por trabalhar. Por mais que dar aulas me fosse agradável, aquilo não me oferecia grandes expectativas de crescimento; e eu ainda não estava perto dos meus amigos mais íntimos – todos em Belo Horizonte.

Já com o meu primeiro salário, fiz a festa. Pude andar para cima e para baixo com minhas próprias pernas – emprestadas dos taxistas ladrões que me atendiam. Fui mais vezes à boate, e comecei a sentir vontade de conhecer alguém, de poder beijar, conversar, ter algo mais que um amigo. Lá vamos nós...

Mais uma crise. E agora? Como contar para alguém com quem pretendia transar que eu estava com aids? Só me faltava essa. Tudo estava indo tão bem!...

Como já estava fazendo, continuei indo a boates e bares com meus novos amigos, já receoso do momento em que encontrasse alguém que me interessasse e com quem quisesse fazer algo mais que beijar.

Esse dia chegou. Eu estava na boate e um carinha que já estava me olhando fazia algum tempo, se aproximou:

- O que é que foi isso no seu pescoço?

- O chupa-cabra me atacou. – estávamos na época dos ataques desta criatura, e esta era minha mais nova resposta para os sem-graças de plantão que me abordavam.

- Nossa. Que bom que você sobreviveu, né? Mas ele atacou só um lado?

- Não. O outro também.

Ele não havia notado a marca do outro lado do pescoço.

Que conversa sem nexos, pensei. Nem parecia que queríamos nos conhecer. Ele por tocar em um assunto que não necessariamente me agradaria, eu por não dar a chance de ele passar por cima desse primeiro erro na aproximação. Não me espantaria se ele apenas se afastasse, sem nem explicar sua reação. Eu, definitivamente, não estava sendo simpático.

Tentei corrigir:

- Você vem sempre aqui? – levando-o a me perguntar o mesmo.

Cena típica de uma pessoa conhecendo a outra. Nada a se dizer, ainda não se tem um mínimo referencial da pessoa; logo, tende-se a falar de amenidades, do clima, do calor que está fazendo, se a pessoa está gostando da música...

- Não, e você?

*MEU PRIMEIRO
AMOR PÓS-HIV*

- Minha segunda vez.

- Ah. Nunca tinha te visto mesmo...

- Então você vem sempre?

- Não, mas já moro aqui o tempo suficiente para reconhecer as pessoas mais rodadas. Sempre as mesmas caras, mas... este sotaque... você não é daqui, é?

Estranho alguém falar de sotaque em Brasília. Aquilo ali é “terra de ninguém”, a maior miscelânea cultural que eu já vi. Encontra-se gente de todas as partes do País e do mundo, com muita facilidade.

- Não. Acabei de me mudar.

- De onde?

- Belo Horizonte.

- Você não fala como um mineiro.

- E não sou mineiro. Fui criado em São Paulo...blá... blá... blá – segui contando de minhas andanças pelo Brasil até chegar em Belo Horizonte e “sofrer o acidente”, ter que mudar às pressas para Brasília e estar fazendo o tratamento.

- Nossa, que chato isso. Vem cá. Quero te apresentar a uma amiga.

E fomos ao centro da pista de dança. Lá encontramos a sócia deste meu novo amigo:

- Heloísa, este é o Bernardo; Bernardo, Heloísa.

- Prazer.

- Prazer é meu.

Toca contar tudo novamente para a Heloísa.

- Que chato isso do acidente, mas o que importa é que agora você está melhor.

- É.

A noite seguiu bastante agradável e acabamos por nos beijar. Ele tomou bastante cuidado para não desgrudar

os esparadrapos do meu pescoço enquanto segurava minha cabeça por trás. Agradei a gentileza.

Ao final da noite, ele me deu duas opções: me deixar em casa ou me levar para conhecer a casa dele. Optei por conhecer sua casa. Facim, facim eu, né?

Chegamos lá e nada mais sério aconteceu. Estava muito tenso com toda a situação e mal conseguia beijar sem que a palavra aids aparecesse diante de meus olhos fechados. Eu o beijava já pensando no momento que teria que me afastar por não ter coragem de lhe contar o que realmente estava se passando comigo.

Mas ele era apenas alguém que eu acabava de conhecer. Ainda não lhe devia explicações, e me permiti curtir seus beijos e carícias sem maiores expectativas de futuro relacionamento. Foi ótimo poder dormir abraçado com alguém depois de tanto tempo tendo minha mãe como companheira.

Será que ele tem aids também? Seria tão bom! – pensei. Deus, o que eu estava pensando?! Como podia ser tão sórdido? Esse pensamento foi logo esquecido. Bati três vezes na madeira para que aquilo não fosse verdade. Me senti mal por ter desejado algo como aquilo.

Abraços e beijos. Como eram bons! Ainda mais quando vinham de alguém tão bonito, forte e gordinho.

O dia amanheceu e ele tinha algo a fazer. Precisava me deixar em casa para resolver seus problemas. Disse que me ligaria durante a tarde, para que pudéssemos marcar alguma coisa para a noite. Topei.

Fiquei aguardando sua ligação enquanto tentava achar uma saída digna para o problema que tinha em minhas mãos. Ainda não havia sido forçado a lhe dizer, não durante os amassos. Ele ainda não tinha tentado nada mais efetivo. Ainda bem. Sabia que não teria como fazer sexo com ele sem antes o alertar sobre esse pequenino porém. Sabia que sequer conseguiria continuar mantendo contato com ele sem antes lhe dar as coordenadas totais de minha situação. Estava diante de uma encruzilhada bastante com-

plicada, cheia de detalhes a serem estudados antes de se tomar uma atitude:

- O que vocês acham que eu devo fazer? – eu com a Patrícia e minha mãe em volta da mesa do café da manhã.

- Barra, né? Acho que você tem que contar o mais rápido possível. É mais que um direito dele saber. – dizia minha mãe.

- Imagina! E se a bicha fica louca e começa a queimar o filme do Bernardo na cidade?

Eu detestava quando a Patrícia se dirigia a meus amigos por bichas.

- Para de falar bicha. Sapatuda! – me vingando.– Sei lá... ele não parece ser do tipo que vai sair contando, mas, como saber ao certo? Ele é tão gostosinho... tem uma cabeça boa demais para fazer algo desse tipo. Meu medo é que ele fique com raiva de eu não ter contado antes. Vai saber se não tem medo até de beijar um cara com aids.

- Ah, só me falta. Ninguém é tão burro! – a Patrícia replicava.

- Não sei não. Isso pode dar galho. Pensa bem no que você vai fazer. Só me falta agora um louco aqui na porta querendo satisfações de sua própria infecção. Vê lá o que você vai me arrumar, hein Bernardo.

- Calma, mãe. Vou ver o que acho melhor fazer... mas que é uma situação cachorra, isto é.

É realmente uma das piores etapas de se descobrir soropositivo. Tentar iniciar uma relação amorosa com alguém que não se sabe ser ou não soropositivo.

- Por que você não tenta entrar em um grupo de convivência desses que a gente ouve falar? Tem aquele tal de GAPA que parece ser sério.

- Não quero mais falar disso. Já disse que esse grupo não me inspira confiança. Parece ser um grupinho de gente se preparando para morrer. Só deve ter gay lá.

Realmente, minha idéia sobre as ONGs* não era das melhores.

- E desde quando isso é problema?

- Você me entendeu, mãe. Não quero me isolar entre pessoas doentes. Acho que quem tem que apelar para esse tipo de apoio é só gente sem qualquer outro tipo de referencial. Imagina agora, me expor a ponto de ir me apresentar a um bando de desconhecidos como soropositivo...

- Ao menos eles te apresentariam a outras pessoas na mesma situação. Gente que vai saber entender o que você está passando e que tem mais chance de encarar esta sua situação com naturalidade. Vamos ser francos: tem que ser muito doido para namorar alguém com aids, não tem?

- Só se eu tiver sido doido, então. Não namorei o Geraldo e depois o Alejandro sem saber que eu mesmo estava contaminado?

- Então você sabia?

Upps! Ela havia pego uma de minhas mentiras. Para que ela não imaginasse coisas com relação a uma possível infecção através do Geraldo, eu tinha dito que ele era soronegativo.

- Tá bom... você me pegou. O Geraldo tem aids, e só me contou depois que transamos, mas sempre usamos camisinha e você sabe que pelos cálculos da médica já estou com aids tem mais de ano.

- Você é definitivamente louco.

- Enfim... isso não resolve o meu problema. Saber em que período de minha história fui infectado não me ajuda em nada. O que você acha que devo fazer com esse tipo de informação? Ir tentar matar a pessoa que fez isso caso ela tenha feito de propósito? Eu não! Ainda me restaria ir chorar junto com ela caso tenha sido sem querer, né? Nada disso! Meu problema real, aqui e agora, é saber o que fazer

* ONG – Organização Não-Governamental

com este cara que está começando a se relacionar comigo e com quem não quero ter problemas.

Cheguei a desejar não ter conhecido o Álvaro para não ter que me deparar com tamanho problema. Queria poder sumir do mapa. Queria saber o que fazer. Queria que ele entendesse tudo como se isso não fizesse diferença. Queria que ele fosse soropositivo e queria não querer isto, mas queria.

A tarde chegou, e ele me ligou. Saímos para jantar e depois fomos para sua casa novamente. Eu não tinha planos de pernoitar por lá, por isso apenas namoramos um pouco e logo chamei minha escolta.

Elas chegaram – mamãe e Patrícia:

- Contou? – perguntaram em coro, assim que eu entrei no carro.

- Não. Não tive coragem.

- Até quando você vai levar essa farsa? Você mesmo não parece estar curtindo essa relação desse jeito. Como é que dá para beijar o cara sem pensar em tudo que ele tem que saber.

- Não sei... não dá mesmo...

- Deixa ele, Bia! – este é o nome de minha mãe.

- Como deixa? E fica quieta você, que do meu filho cuidei eu!

- Só me falta vocês agora! – quase gritei.

Silêncio.

- Gente. Volta lá que eu tenho que contar.

- Quê? Dar a volta? Você vai ter coragem mesmo de contar? – a Patrícia começava a ficar preocupada. Eu também.

- Coragem não vou ter, mas se for esperar ela aparecer não vai ter como...

- Volta... ? – minha mãe perguntava.

- Ah, não... deixa pra depois. É melhor – ainda a Patrícia.

- Patrícia!

- Dona Bete! Deixa de frescura. Você não está vendo que a situação é crítica? E se o moço tem uma crise e começa a dar porrada no Bernardo? Este mundo tem doido pra tudo.

Elas, definitivamente, não estavam ajudando em nada.

- Me dá o telefone.

- Você vai contar por telefone??? – minha mãe não queria acreditar, mas era o que eu iria fazer.

- Vocês se importam de parar no próximo posto para eu poder falar com ele?

- Não – mais uma vez uníssonas.

Paramos no posto de gasolina e elas me deixaram com o celular. Ele, eu e minha verdade dentro do carro. Me sentia péssimo. Como falar isso para alguém pelo telefone? Que falta de consideração! Tudo que eu sabia era que queria me poupar; que, por mais que isso fosse difícil para ele, para mim estava sendo mais ainda.

Que agora pouco importava o que ele achasse, o que eu queria era ter essa situação resolvida de uma vez por todas. Eu estava começando a gostar realmente dele, e não queria nem conseguiria manter algo dito sério com alguém que me desconhecesse.

Liguei.

- Oi... tudo bom...

- Nossa, já chegou em casa?

- Não. Parei no meio do caminho pra te ligar.

- É brincadeira, né? Tudo isso é saudade?

- Capaz, né? Paramos aqui no posto. Elas estão comprando coca-cola.

- Ah, pensei que tivesse parado apenas para me ligar.

- Não. Na verdade até que foi bom poder te ligar agora. Preciso te dizer uma coisa.

- O que foi?

- Não foi, está sendo...

- O que é que está sendo?

- Olha... é difícil pacas falar. Não sei qual vai ser sua reação, e por isso não quis falar pessoalmente. Desculpe-me, inclusive. Pode me chamar de covarde, que para isso estou sendo mesmo. – eu já estava colocando um tom mais triste na fala, tentando despertar um lado mais compreensivo no Álvaro.

- Fala.

- Olha... vou lhe contar isso agora porque estou começando a gostar de você e não quero que ninguém entre em minha vida sem me conhecer bem... Não que eu ache que em dois dias dê pra gente dizer que conhece outra pessoa, mas, de qualquer forma, quero colocar tudo em pratos limpos desde o começo. Vai ser melhor.

- Fala!

- Sabe aquilo que eu te disse sobre o meu pescoço?

- Do acidente?

- É. Pode deletar. É mentira.

- Ahn, E aí?

- Como e aí? – eu disse, me esquivando, pois ele começava a parecer rude e isto me amedrontou.

- E aí que não é isso.

- E o que é, então?

- Complicações de uma biópsia para detecção de Tuberculose Ganglionar. Pronto. (jura né?)

- Isso é transmissível?

- Não enquanto estiver me tratando. Não se preocupe.

- Você já está bem, não?

- Sim, mas tem mais uma coisa.

- O que é?

- É difícil dizer. Acho que você já sabe.

- Não. Eu não sei. – mais áspero ainda

- Nem supõe?

- Não quero supor nada. Fale de uma vez!

- Eu tenho aids.

A reação da primeira pessoa com quem tentamos manter contato após a descoberta do HIV em nosso sangue é muito importante para a nossa autoconfiança. Ficamos vulnerabilizados demais pelo estigma da doença e por todas as dificuldades que ela por si só nos acarreta. Nos vemos repelidos por pessoas que nos interessam realmente demais, ainda mais quando se trata da primeira pessoa com quem se deseja iniciar uma relação.

- Você já imaginava, não?

- Não. Eu não imaginava. Achei estranha a história do acidente e da recuperação lenta, mas estou sempre propenso a acreditar no que as pessoas me falam.

- E agora... não quero que você tente me poupar de nada. Sequer espero que você se posicione. Sei que você vai querer pensar sobre isso tudo. Quem sabe nem vai querer mais...

- Vem pra cá. – me cortando.

- Voltar aí?

- É, vem dormir aqui em casa. - disse com a voz mais doce – A gente precisa conversar.

- Você tem certeza?

Eu estava com medo de suas reais intenções ao me chamar de volta para sua casa. O que estaria

querendo? Minha mãe e a Patrícia continuavam na loja de conveniência.

- Já estamos no meio do caminho... não sei se elas vão querer voltar. – disse.

- Porra! Você me joga uma bomba dessas e quer que eu segure a barra sozinho? Faça o favor de ir em casa, pegar o que tiver que pegar e voltar para cá. Preciso de colo.

- Eu também. Já estou indo.

- Beijo.

- Outro.

- Podem voltar – gritei do carro. Acho que elas já esperavam uma negativa. Vieram prontas para me consolar. Minha expressão também não devia ajudar.

- Vamos para casa.

- O que ele disse.

- Para eu arrumar as coisas e ir dormir com ele. Ele quer colo.

- O quê??? – juntas mais uma vez.

Acho que elas tinham ensaiado.

Voltei. Conversamos sobre tudo. Ele se mostrou bastante compreensivo e preparado para lidar com esse dado, apesar de não saber nada muito específico sobre cuidados especiais que se deve tomar no trato de uma pessoa vivendo com aids. Isso pouco me importava. Eu sabia o que podia e o que não podia fazer, e isto me bastava, mas, para ele, até então um novato nessa área, aquilo fazia diferença.

Ele me contou que tinha amigos que estavam passando pela mesma situação. Alguns estavam muito bem, outros nem tanto, outros já tinham ido, mas nenhum tinha parado para lhe responder algumas perguntas que ele queria fazer. Ele queria saber se os remédios eram realmente tão ruins como ouvia falar, se as expectativas de vida haviam melhorado para quem fizesse uso do coquetel, se era verdade que era possível entrar em contato

com o vírus e não se infectar, bastando que se tomasse o coquetel nos dias subsequentes à situação de risco:

- Pra que você quer saber isso? Está planejando transar sem camisinha e pegar meus remédios emprestados?

- Não... – rindo – só curiosidade.

- Sei lá... cada um diz uma coisa. Parece que essa estória de tomar o remédio depois de transar sem camisinha é furada. Mas não é melhor nem transar sem camisinha para não ter que tomar o remédio?

- Iih! Só estava perguntando.

- Sei...

- E no mais, eu acho que tenho aids também.

- Você acha?

- É

- Baseado em quê?

- Ah, você sabe... eu não sou santo. Já aprontei demais.

- E por isso você acha que está infectado? Por que não faz um teste? Medo?

- Não. Falta de tempo mesmo. Aonde você fez o seu?

- Lá em Belo Horizonte. Mas aqui eles fazem de graça no posto de saúde onde eu vou. Querendo ir, é só marcar que eu passo aqui pra te pegar.

- Qualquer dia. Vamos marcar, mas, e sua cabeça no meio disso tudo, como está?

- Eu estou legal. Me adaptando à nova vida.

- Barra, né?

- Pensei que fosse pior. Não é doce, mas acho que a pior parte já passou.

- E sua mãe?

- É ela quem mais me preocupa, no meio disto tudo, mas ela é forte. Tá todo mundo meio que ainda se adaptando a tudo isso, mas... vamos levando.

- Alguém mais na sua família sabe?

- Todo mundo.

- Todo mundo? Que loucura... e eu que já achava demais pensar que sua mãe te trazia até aqui em casa sabendo que você vinha ver um outro cara...

- É. Minha família toda sabe. Mesmo porque tudo aconteceu muito rápido. Quando eu percebi que algo estava errado, já estava de cama em casa, precisando ser carregado.

- Você ficou mal assim???

- Pior um pouco... três internações ao todo.

- Puta merda! E se não fosse o seu pescoço, eu não diria que você tinha nada.

- É??? Obrigado.

Eu adorava ouvir isso.

- Mas e a sua cabeça em meio a isso tudo? - eu perguntei - Pensei que você pudesse ficar chateado de eu não ter te contado nada antes.

- Achei legal você ter me contado logo no começo. Sinal de que você confia em mim, né?

- Achei melhor.

- Eu vou ser sincero com você. Não sei nada de aids. Só sei o que todo mundo sabe: como se pega, que ela pode matar – e me olhou como que pedindo desculpas.

- Pode falar. É isso mesmo...

- Me desculpe. Eu não sei como lidar com isso. Não quero te magoar.

- Você só vai me magoar se ficar pisando em ovos ao me falar qualquer coisa. Pode falar. Eu, mais que

ninguém, sei o que estou enfrentando. Se eu puder te passar alguma coisa do que eu aprendi neste ano de “intensivo”, vai ser bom.

- Sei que por beijo não se pega aids.

- É? Um bom início.

E nos beijamos.

Foi realmente um presente do “lá de cima”, logo de cara encontrar alguém especial o suficiente para me aceitar. Fico pensando como teria ficado minha cabeça, caso a reação do Álvaro fosse outra. Talvez eu tivesse aceito o conselho de minha mãe e procurado apoio em uma ONG qualquer, e percebido mais cedo que elas não são exatamente o que eu imaginava – uma reunião de pessoas doentes sem auxílio –, mas antes um lugar em que qualquer um pode encontrar um pouco de afeto e aceitação, remédios e auxílio financeiro quando necessário, amigos na mesma situação ou não, pessoas mais espiritualizadas – uma vez que não é a toda hora que encontramos pessoas dispostas a ajudar desconhecidos sem receber nada em troca (nada em troca, afora os pontinhos com nosso amigo lá de cima) – informações atualizadas sobre as pesquisas de remédios contra a aids, sobre locais para se fazer o exame gratuitamente, e outras tantas coisas.

Foi muito bom para mim, também, saber que pude dar um pouco de informação para o Álvaro, que pude mostrar que é possível vHIVer, que eu estava ali, cheio de vida e com meus antigos sonhos de casamento e paz conjugal reconstruídos, apesar de tudo.

Mais interessante ainda foi perceber que, apesar de eu ter conseguido trabalhar muito bem todos esses novos fatores em minha vida, apesar de estar levando tudo com graça e coragem, apesar de ter aprendido a dar mais valor às pessoas e a mim mesmo, os problemas continuavam a surgir como antes. Nada havia mudado, graças a Deus!!! Dois meses depois, eu e o Álvaro nos desentendemos e terminamos nosso relacionamento. Continuamos

amigos até hoje. Ele mais lúcido quanto à aids e seus reais e iminentes perigos, eu mais preparado para relacionamentos pós-aids – e tão despreparado quanto antes para relacionamentos de forma geral.

Ainda bem...

*I don't care who you are / where you're from
/ what you did / as long as you love me, baby.**

* “Não me importa quem você é / De onde você vem / O que você fez / Desde que você me ame, baby”

- Bernardo, você está zerado!!!

- O quê?

- Eu olhava para a médica e para a Patrícia. Nenhuma delas parecia acreditar no que estava acontecendo.

- Zerado? O que é isso?

- Pelas caras de alegria das duas, eu já podia imaginar do que se tratava, mas era muito bom para ser verdade. Tudo estava indo muito bem desde o início do tratamento mas, zerar a contagem de vírus no sangue em apenas – o que eram mesmo? Sete meses? Oito? Um ano?! – era algo com que eu ainda não tinha sequer sonhado.

- O vírus já não pode ser detectado em um exame comum de sangue! Você alcançou a faixa imperceptível: menos de 400 vírus por milímetro cúbico de sangue!

- Vejam bem. Em minha primeira contagem, assim que me descobri soropositivo, tive um total 1.600.000 vírus/mm³. Depois de dois meses com o tratamento incompleto – não tomei todo o coquetel por causa da toxicidade que eles tinham, se unidos aos remédios da tuberculose – eu havia baixado para 8.000 cópias/mm³, o que já era de se espantar. Logo em seguida, com mais três meses de tratamento, fui para os 4.000. Mais um pouco havia se passado, e agora: zerado! Menos de 400 deles para contar o que tinha acontecido.

- Chorei. Mais uma vez a Patrícia chorou comigo.

- Eu queria ter todos os meus amigos dentro daquele consultório naquele momento. Senti a falta de cada um deles mais uma vez, como na festa de fim de ano em que queria poder ter chorado no ombro de todos. Minha luta pela vida tinha se tornado a bandeira de tanta gente, que achei injusto que eles não ficassem sabendo da novidade no mesmo momento.

- Me passa o celular aí...

- Vai ligar pra sua mãe?

- Ela vai sair do trabalho, você quer ver?

XV

DEUS É PAI

OU

**A QUÍMICA E
SUAS
MARAVILHAS**

OU

**O PODER DO
PENSAMENTO
POSITIVO**

OU AINDA

**VOCÊS NÃO VÃO
ACREDITAR!**

Apertei as teclas, gritando em minha mente vivas aos progressos tecnológicos, aos remédios fantásticos que o homem inventa para diminuir todos os riscos, aos macro e micro *chips* que me possibilitavam falar com minha mãe de dentro da sala da médica, sem nem ter que esperar a consulta terminar e – sempre – à inteligência que criara toda aquela inteligência.

- Setor jurídico, boa tarde.
- Mã.
- Fala filho.
- Estou aqui na Dra. Ângela.

Fiz a voz mais sem sal que pude, aquela que fazia quando esquecia de pagar a conta de luz que vencia no mesmo dia.

- E aí? Quais as novidades?
- Saiu a nova contagem – ainda sem entusiasmo, mas segui dizendo – e estou ze-ra-do!
- Mentira!
- Juro!

Choramos via Embratel – ainda não era Anatel – ao preço de 19 centavos o minuto.

Não havia dinheiro que pagasse o significado que aquela ligação tinha para minha mãe e para mim. Se fosse um filme, seria um ótimo momento para o *grand finale*: eu chorando de um lado da linha, minha mãe do outro; os sorrisos nos rostos de minha médica e da Patrícia se confundindo com as câmeras que giravam ao nosso redor. Todos felizes, para sempre.

Se eu morresse naquele momento, sei que iria direto para o céu, sem escalas. Foi o momento mais vibrante de toda a minha vida, com certeza. Acho que apenas com palavras não dá para mostrar o que se passou em meu corpo durante aqueles minutos entre saber o resultado e contar para minha mãe. Foi uma descarga tão intensa de fluidos relaxantes em meu organismo, que eu me sentia capaz de voar.

Eu podia! (não voar, mas muitas outras coisas) Vocês têm idéia do tamanho desta palavra? PODER. Apenas cinco letras. Enorme! Eu era capaz de trabalhar, namorar, comer, dormir, urinar, cantar, pular, andar de bicicleta, nadar, fazer ligações, me encantar com novidades boas, me chatear com namorado, dormir – e acordar –, dar aulas e sair pulando com meus alunos no que eles pedissem por uma aula de atividade-extra. Eu podia sonhar ainda. Eu estava zerado!

Me senti na pontinha do Titanic, braços abertos, o mundo à minha frente, e eu gritando: “I’m the king of the world! *”

- Eu não vou agüentar. Estou saindo daqui agora. Temos que comemorar. – minha mãe, empolgada como eu imaginara.

- Eu sabia que você iria fazer isso. Já estamos indo te buscar. Beijo. Tchau.

Terminamos de falar com a médica tudo o que tínhamos que falar e vimos que o fígado estava dando sinais de estar cansado de toda aquela química ferrada. Que o fígado ficasse para amanhã. Aquele era o dia do zero! Fora o meu resultado, tudo mais era zero à esquerda. Tudo o que eu tinha que fazer era encontrar minha mãe no centro comercial de Brasília, para comemorarmos. Ela beberia seus chopes habituais e eu os meus suquinhos naturais.

O fígado não era tão desimportante assim, mas eu não queria que ele soubesse.

Encontrei minha mãe já no restaurante em frente ao escritório onde ela trabalhava. Olhos vermelhos. Copo na mão. Um monte de pacotinhos de presente sobre a mesa. Nos abraçamos longamente, e ela me reapresentou a uma amiga sua de serviço. Essa amiga tinha descido do escritório para comemorar também.

* “Eu sou o rei do mundo!” - menção à cena do filme “Titanic”, em que Leonardo Di Caprio, sobre a proa do navio, abre os braços e grita esta frase.

Quando soube da notícia, resolveu sair para festejar junto com a gente. Dá para imaginar a cena?

Essa amiga já sabia da minha situação desde os primeiros dias de minha mãe na empresa. Ela preferiu contar que poderia se ausentar ocasionalmente, por ter um filho doente. Essa amiga esteve, a seu modo e da maneira que lhe era possível, sempre presente. Foi ela que correu atrás de uma farmácia de manipulação quando eu não quis tomar um composto líquido que o posto de saúde me dava, por ser ruim demais. Ela acertou tudo com a farmácia até saber que eu já estava com minhas cápsulas de “a mesma coisa que aquela coisa amarga”, porém sem gosto nenhum. Merecia, portanto, como qualquer outro, festejar nossa vitória.

A Patrícia ganhou um ursinho de pelúcia de pregar no carro, a amiga ganhou uma outra coisinha. Era tempo de festa. Toca ligar pra família toda!

- Nossa! É? Jura? Que bom? Conta mais. Não dá? Tá incontável? Eheheheh. Ah, não dá pra contar porque tem que ligar pra mais gente? Ok. Sucesso, então!

E as ligações seguiram noite afora. Liga que te liga, toma remédio, liga mais, mais gente chorando; pausa para o jantar. “Depois liga pra mais gente, que amanhã - dizia minha mãe - você tem que acordar cedo”.

Vida de gente “normal” é assim: acorda cedo, rala, come bem, rala mais um pouco. De tanto “ralar”, fica com sono e vai pra casa dormir. A minha tinha umas inserções de pausa para tomar remédio e para orar, mas nada que a fizesse ficar muito distante dos padrões normais de vida de um jovem médio.

NORMAL: outras poucas letras que fazem muito sentido, em todos os sentidos.

Tudo, tudo mesmo estava melhor do que eu poderia imaginar que estivesse em tão pouco tempo. Engordava a olhos vistos, era visto e via nas ruas do Distrito Federal, estava fazendo amigos, estava trabalhando, mas ainda tinha que chegar a hora de estar bom a ponto de poder me mudar de volta para Belo Horizonte. Eu tinha essa idéia

meio que como redenção total. Havia pouco mais de dois meses desde a última tentativa frustrada de convencer a Dra. Ângela de me deixar mudar. “Dentro em breve. Vamos com calma!”, ela dizia. E minha mãe reiterava. “E. Só me falta colocar tudo a perder, agora que está tudo começando a dar certo. Passo a passo. Tempo ao tempo.”

Não seria aquele o momento mais propício para a minha mudança? Eu estava conseguindo levar uma vida normal - sem muitos esforços - sem ter grandes desgastes. Trabalhando, comendo bem. Eis um ponto a ser analisado:

- Quem vai cuidar da sua alimentação em Belo Horizonte? Você é que não...

- Ah, mãe. Só me falta você achar que eu, a uma altura desta do campeonato, vou começar a lutar contra o time. Claro que vou tomar cuidado com minha alimentação. E já vou avisando... se a Dra. Ângela achar que não tem problema, vamos ter que repensar esta sua dificuldade em me aceitar mudando para Belo Horizonte sozinho.

Já estávamos acertando os últimos detalhes antes de eu poder realmente voltar para Belo Horizonte: eu ficaria uns tempos na casa do Tio Sérgio – irmão de minha mãe – até que minha situação junto ao INSS se regularizasse e eu pudesse voltar a, efetivamente, fazer dinheiro para me sustentar. Eu estava exultante com a mudança. Poder voltar à minha vidinha em bélzonte. Comer pão de queijo com meus amigos mais íntimos, sempre que quisesse, andar em praças, curtir a cidade, enfim. Tudo aquilo me maravilhava e tinha um valor que nunca antes eu tinha dado. Curti cada momento que antecedeu a minha mudança.

A Dra. Ângela já tinha providenciado a minha carta de alforria, com restrições e sempre ressaltando que achava melhor eu ficar perto da família, que eles poderiam ainda ser necessários.

Mas eu não estava deixando minha família. Eu apenas não tinha mais o que fazer em Brasília, e tinha muito o que fazer em Belo Horizonte. Em BH eu tenho pernas. Em Brasília, não. Só isso já é mais que uma boa razão para querer mudar.

Comecei a tentar fazer com que minha mãe ficasse mais relaxada com a minha mudança, e acabei convencendo-a a se mudar comigo. Maomé não vai à montanha? Leve a montanha e Maomé para aonde você quiser, e saiba que Belo Horizonte é uma ótima pedida.

Não tínhamos mais razões pelas quais ficar em Brasília. Uma cidade com um custo de vida muito acima dos nossos patamares, uma cidade para a qual ela se mudou apenas para ajudar a irmã, e eu para me tratar. A irmã faleceu, eu melhorei e podia continuar o tratamento a distância. Que mais se quer para preparar as malas e por os pés na estrada? Nada. Ainda juntou-se a isso o fato de o meu tio estar querendo namorar mais à vontade.

Ele começava a sair da depressão pela perda da esposa, e queria viver a sua vida. Nada mais razoável que a irmã da falecida não estar presente, nesses momentos de readaptação.

Vamos? Vamos! Restava apenas esperar a perícia do INSS, que já estava marcada. Dependendo do resultado, transferiríamos o benefício para Belo Horizonte ou eu estaria livre para trabalhar. Quem sabe, até voltar para o hotel de antes, com pescoço furado e tudo. Dependia apenas da gerência.

Chegou o dia da perícia e a carta que a Dra. Ângela escreveu para o perito ajudou na minha liberação. Nela, ela contava da minha melhora relevante, de seu parecer sobre meu caso – e o parecer dela era favorável a meu retorno ao trabalho. O perito leu e me olhou. Me apalpou, me abriu os olhos, o ouvido, me virou do avesso, desvirou, apalpou gânglios ainda enfartados, fez perguntas sobre meu estado geral.

- Se a médica que te acompanha acha que já está na hora de tentar voltar ao trabalho, vamos lá. Mas você ainda tem que se cuidar muito, de qualquer forma... blá... blá... blá...

“Põe mais água no feijão /que eu tô voltando.”

Voltamos todos para Belo Horizonte. Minha mãe pediu transferência na empresa. Meu irmão transferiu a matrícula para a mesma escola em que estudava antes.

O Hotel me aceitou na mesma semana em que cheguei de viagem. Estavam passando por um aperto de meio de ano – início de alta temporada em Belo Horizonte – e estavam mesmo pensando em contratar alguém. Na primeira semana, fui com esparadrapo e tudo, tentando minimizar o espanto. Pediram para eu tirar. “Fica menos feio com tudo de fora. Com bandeide parece que ainda não fechou e dá nojo”, me explicou a Jaque, antiga coordenadora.

Voltei aos meus afazeres normais e a ter contato com as mesmas pessoas de antes – afora as que ainda hoje fogem de mim.

Voltei a me surpreender com as pessoas e suas atitudes diante de minha situação: reencontrei pessoas para as quais não haveria como não contar nada: Jane, Jaque e Rosana. Sempre presentes nas farras de fundo de recepção e nas olhadas para as pernas dos hóspedes. Como dizer para elas que Brasília tinha sido fantástico? Que, apesar da “dengue”, eu havia aprendido muito e que, no final, a experiência tinha saldo positivo? Como não deixar que lucrassem com minhas experiências - e por que não dizer? - como privá-las de informações que as poderiam poupar de viver algo parecido?

Abri para elas, e só tenho a agradecer todos os toques e carinhos que têm me dado no decorrer destes meses de retorno de viagem.

Continuo fazendo uso diário dos remédios do coquetel. Cada vez mais, eles se aproximam de algo contável. É que os inteligentes de plantão conseguiram colocar dois remédios dentro de um só comprimido, tem menos de mês. E o mais interessante: com seis meses de retorno a BH, tive alta da tuberculose.

Uma já foi. Só falta a outra. Ela que me aguarde!

INÍCIO FELIZ

*(JÁ QUE FINAL
NÃO É UMA DAS
PALAVRAS QUE
MAIS GOSTO)*

Mês sim, mês não, tenho que ir pedir a benção da Dra. Ângela, mas é até bom. Tenho como rever os amigos que fiz lá. Vou em um dia e volto no outro. Mal caio em Brasília já estou desembarcando de volta, mas vida de gente saudável é assim mesmo.

Contei para alguns colegas a minha situação, e posso dizer que, no geral, a aceitação está “acima da média”. Se é que isso é compreensível.

No mais, me é muito importante lembrar que quem tem que permanecer ao meu lado permanece, e quem tem que sair sai. Lei da selva. Lei da ação e reação.

Cheguei a ter como meta encontrar um parceiro soropositivo para “vivermos com aids” – bonitinho isso, né? - mas conheço todo dia tantos soronegativos legais, que acabei desistindo. Se acontecer de conhecer um HIV +, aconteceu. Só me faltava agora começar a discriminar às avessas. De qualquer forma, valeu o toque de um amigo soronegativo para eu perceber por que caminho estava indo.

Além disso, encontrar *pwas** (viu como eu estou aprendendo termos técnicos?) não é fácil. Todos estão tão bem escondidos, não é?

Hoje, pretendo voltar à faculdade, me formar turismólogo, depois me formar jornalista, depois... tanta coisa por fazer.

“Deixe-me ir /preciso andar:..”

... até que uma casca de banana cruze o meu caminho.

*“Vhiver / e não ter a vergonha de ser feliz /
cantar e cantar e cantar/ a beleza de ser um eterno
aprendiz”*

* *People with aids* - sigla internacional para pessoas com aids. Termos outros também conhecidos: ele (a) é POZ (referência a positivo); recebeu visita da tia SIDA Sem que ela avisasse; tá com a gripe forte; entrou pro clube (seguem outros menos recomendáveis, permitidos apenas a integrantes da fraternidade)

Inimaginável o prazer de escrever um livro. Um livro para todos, mas, mais que tudo, um livro de mim para mim mesmo. Foi muito bom ter podido gastar esse tempinho aqui.

Sabe aquela estória de escrever e tacar fogo para fazer terapia? Serve também escrever e publicar. Funciona maravilhosamente.

Espero que você tenha gostado. Nada melhor que chegar ao final da leitura de um livro e ficar chateado por ele ter terminado. Gostaria de ter passado ao menos perto disso, com você.

Antes de colocar o ponto final efetivo, gostaria de agradecer àqueles que leram e releeram as várias versões do livro. Aos meus incansáveis amigos que não me pouparam de críticas. Tem muito deles aqui também. Não me atrevo a listá-los. Cabem todos em “pessoas maravilhosas que Deus colocou no meu caminho”.

Fica o agradecimento mais que especial a meu amiguinho Breno Louis.

Breno nasceu e morreu dentro deste livro. (trágico né? Mas antes ele que eu)

Era para este nome constar como pseudônimo do autor até momentos antes da impressão, quando reli a obra inteira e vi que um pseudônimo não preenche o personagem. As bençãos a mim dadas não foram endereçadas ao Breno, e não seria justo que ele garantisse seu lugarzinho no céu e eu não.

Imaginei-me às portas do céu:

_Ei, deixa eu entrar!

E alguém de dentro me perguntando: “Quem és tú?”

_Como quem? Eu, Bernardo. Não estavam me esperando? Escrevi um livro e dei a cara a tapa em nome de um mundo mais cristão, mas temente a Alá e Oxum – e a triste resposta:

_Naum. Tamos no aguardo de um tal de Breno. Um carinha muito legal que aprendeu a viver em tempo de vir ter conosco antes de encanar de voltar pra reaprender a errar. Bernardo não consta, não senhor.

Na dúvida, melhor não correr o risco.

Fico por aqui, esperando o próximo interessado em me conhecer. Será sempre um prazer contar minha experiência.

Ah, e antes que eu me esqueça. Pode me fazer um favor? Acho que somos íntimos o suficiente para eu pedir apenas uma coisinha, não? Não deixe este livro parado em uma estante. Passe-o para frente. Troque por outro livro, dê de presente - usado mesmo - e se você ganhou este livro usado de alguém, desculpe... foi por sugestão minha. Seu amigo não estava economizando, nem nada.

E fica a minha vontade de viver mais coisas e poder contá-las. Fica a promessa de escrever algo às crianças, para que elas e nós mesmos tenhamos uma idéia mais abrangente do que vem a significar “ser gay”. Já tenho até o esboço: “Existem pipis e xoxotas. Os pipis são mais interessantes, mas se você gostar de xoxotas, tudo bem. Deus te deixa entrar no céu da mesma forma”.

Fica a promessa de não parar de sonhar - e de não parar de viver, viu Maura??? A prima que me pediu para não morrer.

Fica a sua promessa de escrever contando o que achou. Te aguardo:



brenolouis@hotmail.com

(sem ponto final)



"Imagine ficar uma boa parte da vida tentando escapar da morte que a doença anuncia, tomar todos os remédios que existem e um pouco mais, e no fim ainda ter a chance de ter uma *causa mortis* como fratura craniana por escorregão em casca de banana. É isso que eu quero: uma morte banal. Quero poder cair por causa de uma casca de banana e não por causa da aids.

Isso para não mencionar o fato de que deve doer bem menos um tombo fatal do que ficar definhando em uma cama."

BERNARDO DANIA

ISBN 85-334-0219-8



9 788533 402195